

**A Ficção Especulativa de Alyssa Wong: Uma Proposta de Tradução dos Contos “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” e “Hungry Daughters of Starving Mothers”**

**Gonçalo Trindade Salgueiro Vagos Diniz**

**Trabalho de Projeto  
de Mestrado em Tradução – Especialização em Inglês**

**Julho de 2020**

**A Ficção Especulativa de Alyssa Wong: Uma Proposta de Tradução dos Contos “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” e “Hungry Daughters of Starving Mothers”**

**Gonçalo Trindade Salgueiro Vagos Diniz**

**Trabalho de Projeto  
de Mestrado em Tradução – Especialização em Inglês**

**Julho de 2020**

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução realizado sob a orientação científica da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Zulmira Castanheira.

*Ao meu avô,  
que me ensinou a nunca desistir!*

*À minha avó,  
que sempre acreditou em mim!*

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Zulmira Castanheira, de quem tive o prazer de ser aluno tanto na Licenciatura como no Mestrado, e cujos conselhos, correções e críticas construtivas, para além da disponibilidade, foram indispensáveis durante todo este processo.

Quero, em seguida, agradecer à minha família que é, desde sempre, o meu apoio, em especial aos meus pais que nunca me privaram de nada essencial, mesmo quando estávamos em tempos mais difíceis, tendo apoiado cada uma das minhas decisões académicas.

Gostaria ainda de agradecer a todos os meus amigos que me apoiaram nesta caminhada, mas principalmente à Alice Oliveira, a laranjinha sem a qual não consigo viver, à Sara Lopes, à Laura Birrento, ao João Martinho, à Beatriz Sotomayor, ao Jorge Fonseca e ao Gonçalo Jaleca, os amigos dos tempos penosos com quem partilhei lanches e jantares, parvoíces e teimosias, que me acompanharam no estudo, no ginásio, na praia e nas videochamadas de quarentena e que foram essenciais para me dar força para chegar ao fim.

Finalmente, agradeço às minhas amigas e colegas de curso, as do meu ano, Isabel Martins, Rita Almeida, Ana Luísa Casimiro e Vera Palos, e as do ano anterior, Ana Cláudia Silva e Sofia Rato, que percorreram comigo este Mestrado, dando-me ânimo e ajudando-me nas minhas dúvidas, sempre que necessário.

Assim, a todos, o meu agradecimento.

# **A Ficção Especulativa de Alyssa Wong: Uma Proposta de Tradução dos Contos “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” e “Hungry Daughters of Starving Mothers”**

Gonçalo Trindade Salgueiro Vagos Diniz

## **Resumo**

O presente Trabalho de Projeto tem como objetivo apresentar uma proposta de tradução de dois contos da escritora norte-americana contemporânea Alyssa Wong, sendo estes “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” e “Hungry Daughters of Starving Mothers”, à qual se segue um comentário à mencionada proposta de tradução.

Para a execução do presente Trabalho de Projeto, começa-se com uma breve contextualização teórica, aborda-se o conceito de “ficção especulativa”, género literário no qual se inserem os contos de Wong, e tecem-se algumas considerações sobre a sua presença no sistema literário português. De seguida, é feita uma descrição sumária da vida e obra da autora, antes da proposta de tradução e do respetivo comentário. Neste último, abordam-se os problemas e dificuldades terminológicos, gramaticais e culturais mais relevantes enfrentados durante o processo de tradução.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução literária, ficção especulativa, fantasia, ficção científica, horror, Alyssa Wong.

# **The Speculative Fiction of Alyssa Wong: A Translation Proposal of “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” and “Hungry Daughters of Starving Mothers”**

Gonçalo Trindade Salgueiro Vagos Diniz

## **Abstract**

This Project aims to present a translation proposal of two short stories by the contemporary American writer Alyssa Wong, “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” and “Hungry Daughters of Starving Mothers”, which will be followed by a commentary on the already mentioned translation proposal.

For the execution of this Project, a brief contextualization related to Translation Studies is provided, as well as some considerations on the concept “speculative fiction”, the literary genre of Wong’s short stories, and its presence in the Portuguese literary system. A brief description of the author's life and work is also added. The translation proposal and respective commentary follow. In the latter, the most relevant terminological, grammatical and cultural problems and difficulties faced during the translation process are addressed.

**KEYWORDS:** literary translation, speculative fiction, fantasy, science fiction, horror, Alyssa Wong.

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico .....	3
3. Ficção Especulativa.....	7
3.1. A Definição do Termo.....	7
3.2. A Ficção Especulativa em Portugal .....	11
4. Quem é Alyssa Wong?.....	16
5. Propostas de Tradução.....	18
5.1. Tradução de “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” .....	18
5.2. Tradução de “Hungry Daughters of Starving Mothers” .....	28
6. Problemas de Tradução .....	48
6.1. Problemas de Significado .....	50
6.2. Expressões e Frases Feitas.....	55
6.3. Estrangeirismos e Notas de Rodapé.....	58
6.4. A Tradução de Calão.....	59
6.5. Vocabulário Específico dos Contos Traduzidos .....	61
6.5.1. Em “Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” .....	61
6.5.2. Em “Hungry Daughters of Starving Mothers” .....	63
7. Conclusão .....	65
Referências Bibliográficas.....	67
Primárias.....	67
Secundárias.....	67
Anexos.....	i
Anexo I – “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” .....	i
Anexo II – “Hungry Daughters of Starving Mothers” .....	xi
Anexo III – Escala de Beaufort ( <i>Journal of Integrated Coastal Zone Management</i> ). ..	xxviii

Anexo IV – Escala de Beaufort (Porto Editora) .....	xxix
Anexo IV – Pergunta feita através da rede social Instagram.....	xxx
Anexo V – Respostas à Pergunta.....	xxxii

## 1. Introdução<sup>1</sup>

A tradução tem sido, ao longo da história, um meio de propagação e transferência de conhecimentos entre povos, funcionando como um elo comunicativo entre civilizações de culturas e línguas diferentes. A tradução literária, mais especificamente, permite, em primeiro lugar, que obras sejam apreciadas por pessoas que, de outro modo, não lhes teriam acesso, e, em segundo, assegura a sobrevivência dessas obras para lá dos seus contextos iniciais, evitando, portanto, o seu isolamento espacial e temporal.

Assim sendo, o presente Trabalho de Projeto tem como objetivo apresentar a ficção de Alyssa Wong, uma autora norte-americana de ascendência chinesa e filipina, ao público português, através da tradução de dois dos seus contos: “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” (2016, 2 de março) e “Hungry Daughters of Starving Mothers” (2015, outubro). Com estas propostas, pretendemos pôr à prova as nossas capacidades de tradução na área da literatura especulativa, bem como conduzir alguma investigação sobre a relevância do género no atual mercado literário português.

O nosso Trabalho de Projeto inicia-se com um breve enquadramento teórico, fazendo referência a alguns dos autores e das teorias mais influentes relativamente à tradução, mais especificamente à tradução literária. De seguida, procuramos definir *ficção especulativa*, começando por analisar o uso e receção do termo ao longo dos anos. Focamos depois a situação portuguesa no que diz respeito ao género literário em questão – atendendo aos seus principais subgéneros (fantasia, ficção científica e horror) –, observando-o também dentro do contexto da tradução e analisando as dificuldades colocadas por um texto desta índole. No capítulo seguinte, apresentamos a autora, procurando justificar o que nos levou a escolher os seus contos. Por fim, passamos às propostas de tradução e ao subsequente comentário às mesmas.

Susan Bassnett, no seu livro *Translation Studies*, refere quatro áreas gerais de investigação que devem ser abordadas nos Estudos de Tradução (2014b: 19-20), áreas essas sobre as quais nos debruçaremos, com maior ou menor incidência, durante a elaboração do presente Trabalho de Projeto: no âmbito da “History of Translation” e da “Translation in the TL culture”, falaremos da tradução, para além da produção, de literatura de fantasia, ficção científica e horror em Portugal; “Translation and Poetics” será o foco do nosso trabalho, através

---

<sup>1</sup> O presente Trabalho de Projeto foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1990.

das propostas de tradução literária; e, finalmente, a área de “Translation and Linguistics” terá presença durante o comentário às propostas de tradução.

O primeiro conto que nos propomos traduzir, “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers” (daqui em diante FPLW), tem cerca de 3.480 palavras, e o segundo, “Hungry Daughters of Starving Mothers” (daqui em diante HDSM), à volta de 6.570, resultando num total de mais de 10.050 palavras para traduzir. Os textos de partida poderão ser consultados nos Anexos I e II do presente Trabalho de Projeto.

## 2. Enquadramento Teórico

Pode dizer-se que, durante muitos anos, as obras literárias traduzidas foram vistas como um produto menor, comparativamente à obra original, apenas uma cópia, muitas vezes de qualidade inferior. Autores como Schleiermacher (1768-1834), Reiss (1923-2018), Holmes (1924-1986), Vermeer (1930-2010), Toury (1942-2016), Nord (n. 1943), Bassnett (n. 1945) e Venuti (n. 1953), entre muitos outros, contribuíram para mudar esta perspetiva, mostrando que a tradução literária e, conseqüentemente, o tradutor literário têm um mérito próprio, fora dos limites do texto de partida. Já na segunda metade do século XX, assistiu-se a uma viragem cultural (*cultural turn*) nos Estudos de Tradução, a qual marcou o corte com o dogma clássico da fidelidade ao texto original e a mudança de uma perspetiva prescritiva para uma abordagem descritiva. Neste capítulo, faremos uma breve contextualização das perspetivas, dentro da área dos Estudos de Tradução, mais relevantes para o presente Trabalho de Projeto e que se refletirão no processo de tradução.

É importante mencionar James S. Holmes, pois é com este académico e tradutor que o paradigma começa a mudar. No seu ensaio “The Name and Nature of Translation Studies” (1972), Holmes não só propõe a criação de uma disciplina especificamente dedicada à tradução, separada da Linguística e da Literatura Comparada, nomeando-a Estudos de Tradução, como define a estrutura e o objetivo da disciplina, distinguindo ainda que a investigação pode ser orientada para o produto, para a função ou para o processo (1988: 72-73). Even-Zohar, com a sua Teoria dos Polissistemas, identifica os casos em que a literatura traduzida pode desempenhar um papel importante e enriquecedor no sistema literário de chegada: quando a literatura é nova, quando é fraca ou periférica, ou quando está em crise (1990: 47). Toury, por sua vez, com a sua influente obra *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995), pretende afastar a crítica da tradução da habitual distinção entre “boas” e “más” traduções e sublinha que “translations are facts of target cultures”, devendo, por isso, a análise das traduções ser feita tendo em conta a cultura de chegada e os textos do mesmo género produzidos na língua de chegada, tanto contemporâneos da tradução como anteriores (1995: 27-28). Esta seria uma das bases da “Manipulation School”, que, para além de Toury, incluía nomes como Bassnett, Lefevere e Hermans.

Para estes pensadores, a tradução deve ser estudada como parte da história cultural e tendo em conta a forma como os textos traduzidos realmente se apresentam, o que implica ter

em atenção e descrever os fatores que os condicionam, não apenas de ordem linguística, mas também económica, ideológica, ou outra, e que podem implicar um afastamento em relação ao original, dependendo do propósito em vista.

Como refere Hermans, “[f]rom the point of view of the target language, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose” (2014: 11), ou seja, a tradução é uma forma de reescrita com uma certa finalidade e que não pode ser desligada do público da cultura de chegada e as suas expectativas. Bassnett e Lefevere acrescentam que “[r]ewritings can introduce new concepts, new genres, new devices and the history of translation is the history also of literary innovation, of shaping power of one culture upon another” (1992: vi), sublinhando assim que a tradução enriquece a língua e a cultura de chegada, mas não esquecendo que a manipulação pode também subjugar a cultura de chegada a convenções ou valores diferentes dos seus, caso esta seja menos influente que a de partida.

Exemplos de “manipulação” são as estratégias de “estrangeirização” e “domesticação”, designações de Venuti (1995: 19-20) para conceitos cujas raízes recuam a Schleiermacher e à sua palestra “Sobre os vários métodos de traduzir” (1813), em que identifica dois métodos essenciais: “Ou o tradutor deixa o escritor o mais possível em sossego e move o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais possível em sossego e move o escritor ao seu encontro” (citado em Delille et al., 1986: 8).

No seu ensaio de 1813, Schleiermacher também reflete sobre diferentes tipos de texto, um assunto que Katharina Reiss, no século XX, viria a aprofundar no contexto das teorias funcionalistas. Estabelecendo uma divisão dos textos consoante a sua dimensão linguística, Reiss debruça-se sobre a questão da tipologia textual e defende que tipos de textos diferentes requereriam abordagens diferentes. A sua proposta distingue textos informativos, expressivos e apelativos/operativos, aceitando, no entanto, a existência de textos híbridos, que terão alguma característica que sobressaia (Reiss, 1976/2014: 25-26). Um texto literário aproximar-se-ia mais do tipo expressivo, sendo assim “source language oriented”, levando o tradutor a procurar destacar mais a perspectiva do autor e a estar atento a aspetos estéticos (*ibidem*: 32-33).

Reiss e Vermeer desenvolveriam a *Skopostheorie*, que, resumidamente, se centra no objetivo/função (o *skopos*) da tradução, que determinará quais os métodos e estratégias a usar de molde a produzir um texto de chegada que seja adequado do ponto de vista da função a preencher. Havendo diferentes maneiras de traduzir o mesmo texto, o objetivo em vista condiciona as escolhas a fazer por parte do tradutor (Reiss & Vermeer, 1984/2014: 124). A

forma de traduzir depende do propósito do cliente que encomenda a tradução, pelo que este deverá fornecer ao tradutor as instruções/informações necessárias para que este possa traduzir “adequadamente”<sup>2</sup>.

No seguimento das teorias de Reiss e Vermeer, Christiane Nord explorou e aprofundou as ideias da Teoria do *Skopos*, cujas vantagens reconheceu, mas também a sua grande limitação:

As Nord puts it, *Skopos* theory appears to be the ideal translational model, given its characteristics; it is pragmatic, culture-oriented, consistent, practical, normative, comprehensive, and expert. But she sees one main limitation to the radical functionalist model: «the relationship between the translator and the source-text author» (Bastin, 2018: x).

Nord pretendia reintroduzir a importância do texto de partida na tradução, defendendo que a função do texto de partida também deveria ser analisada: “My model includes the analysis of extratextual and intratextual aspects of the communicative action; it is designed to identify the function-relevant elements in both the existing source text and the prospective target text” (2018: 14). Por fatores extratextuais, a autora entende aqueles que podem ser analisados antes da leitura do texto, nomeadamente o contexto do texto de partida e o motivo pelo qual este foi escrito, e os fatores intertextuais referem-se aos inerentes ao texto – o estilo, o tema, o léxico e a fonologia, entre outros. (1988/2005: 42-43). Para Nord, analisar o texto de partida leva à descoberta, *a priori*, de aspetos que podem vir a ser problemas de tradução, o que permite que o tradutor possa desde logo definir estratégias de tradução (2018: 58). Relativamente ao texto literário, Nord concorda que um texto que tenha uma função expressiva deverá ser traduzido tendo em conta as intenções do autor, mas acrescenta que o texto tem de ser “interpreted in terms of the source-culture value system” (*ibidem*: 41), o que mais uma vez reflete a sua visão de que o texto, assim como a cultura de partida, têm também importância no processo de tradução.

A teoria de Nord é criticada, particularmente por teóricos da literatura e da tradução literária com base no argumento de nem todas as obras têm uma intenção específica, e nem todas as traduções um objetivo particular, pelo que o funcionalismo não se aplicaria à tradução literária (*ibidem*: 101, 111), mas Nord defende-se dizendo que, através da sua teoria, “[w]e could try to set in place a theoretical foundation for literary translation that allows translators to justify their decisions in order to make others (translators, readers, publishers) understand

---

<sup>2</sup> Segundo Reiss e Vermeer, “*Adequacy* is a relative term; it describes a quality with regard to a particular goal, which, in the framework of *Skopostheorie*, is the intended purpose.” (1984/2014: 122).

what was done and why” (*ibidem*: 85). Além disso, a falta de intenção de um texto de partida não implica que o texto traduzido não tenha um propósito e, conseqüentemente, um público-alvo e possíveis estratégias de tradução.

Para concluir este capítulo, recuperamos a ideia que já vem desde Cícero: não se traduzem palavras, traduz-se o sentido e traduzem-se culturas. Como já foi dito, não existe uma única tradução para um texto, sendo o processo de traduzir uma negociação (Eco, 2000/2008: 45) em que se tem em conta um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos, condicionantes contextuais, estratégias e métodos ao serviço de determinados objetivos, como sumariamente mencionámos acima. No campo da tradução literária, o tradutor pode desempenhar um importante papel como introdutor de novos autores e textos, contribuir para o desenvolvimento e a visibilidade de um determinado género literário, enriquecer o património do sistema da literatura traduzida.

O presente trabalho situa-se precisamente nesta linha de atuação: chamar a atenção para a literatura especulativa através de uma proposta de tradução fundamentada de dois textos ainda sem tradução para português europeu, de uma autora norte-americana que tem vindo a ser consagrada através de prémios e distinções atribuídos especificamente a obras que se inserem neste género e que é praticamente desconhecida do público leitor português: Alyssa Wong.

### 3. Ficção Especulativa

#### 3.1. A Definição do Termo

Neste capítulo, falar-se-á do conceito de *ficção especulativa*, o que, como vamos poder ver, não é linear. Atualmente, segundo Oziewicz, ficção especulativa tem três definições possíveis, as quais serão um pouco exploradas ao longo do trabalho:

(...) a subgenre of science fiction that deals with human rather than technological problems, a genre distinct from and opposite to science fiction in its exclusive focus on possible futures, and a super category for all genres that deliberately depart from imitating “consensus reality” of everyday experience (2017, 29 de março: 1).

Apesar de o termo ser comumente atribuído ao autor Robert A. Heinlein (1907-1988), a mais antiga menção a “speculative fiction” parece ter acontecido em outubro de 1889, numa crítica de Maurice F. Egan (1852-1924), para a revista *Lippincott’s Monthly Magazine*, a duas obras literárias que tinham sido recentemente lançadas. Contudo, a maneira como o termo é empregado deixa-nos na dúvida se terá realmente sido essa a primeira vez em que foi utilizado, dado que Egan escreve “Edward Bellamy, in «Looking Backward,» and George Parsons Lathrop, in a short story, «The New Poverty,» have followed the example of Anthony Trollope and Bulwer in speculative fiction put in the future tense” (Egan, 1889: 597), não explicando o conceito, nem voltando a usá-lo.

O termo tornaria a ser empregado por Heinlein, em 1947, durante o Simpósio *Of Worlds Beyond*, onde apresentou “On Writing of Speculative Fiction”, mais tarde incluído numa coleção de ensaios editada por Lloyd Arthur Eshbach (1910-2003). No seu estudo, Heinlein menciona que há duas maneiras de escrever ficção especulativa: escrever sobre pessoas ou sobre “gadgets” (1964: 13), preferindo focar-se mais no ser humano. Numa carta de março de 1949 para o agente literário Lurton Blassingame (1904-1988), que viria a ser publicada em 1989 no livro *Grumbles from the Grave*, editado pela mulher de Heinlein, Virginia Heinlein (1916-2003), já após a morte deste, podemos perceber que ele utilizava *ficção especulativa* quase como sinónimo de *ficção científica*, distinguindo-a da *fantasia*:

Speculative fiction (I prefer that term to science fiction) is also concerned with sociology, psychology, esoteric aspects of biology, impact of terrestrial culture on the other cultures we may encounter when we conquer space (...). However, speculative fiction is *not* fantasy fiction, as it rules out the use of anything as material which violates established scientific fact, laws of nature, (...) it must [be] possible to the universe as we know it. (1989: 49).

Esta visão acaba por ser bastante restrita, excluindo, para além da fantasia, muitos tropos que integram a própria ficção científica, entre os quais viagens entre mundos paralelos ou viagens à velocidade da luz, por não serem possíveis no universo tal como o conhecemos. O termo, segundo Heinlein, torna-se assim insuficiente para sequer substituir ficção científica, como era o seu objetivo, funcionando mais como um subgénero desta.

O segundo tipo de definições – aquele que, de certo modo, se opõe a ficção científica – surge com escritores como Margaret Atwood (n. 1939), a famosa autora de *The Handmaid's Tale* (1985) e *Oryx and Crake* (2003), entre muitos outros. Os livros de Atwood foram várias vezes considerados ficção científica, porém a autora canadiana tem reservas quanto à aceção dos termos *ficção científica* e *ficção especulativa*, não gostando particularmente que a sua obra seja classificada como ficção científica. Para Atwood, os seus livros não se enquadram neste género porque lhes faltam determinados elementos – coisas que não existam, como extraterrestres ou viagens no tempo ou à velocidade da luz –, como descreve no seu livro *In Other Worlds* (2011). Para a autora, os seus livros têm de ser de ficção especulativa, pois escreve histórias passadas na Terra, baseando-se em conhecimento que já existe, desde a engenharia à genética, por exemplo, para conjeturar possíveis futuros, como ocorre em *Oryx and Crake*, no qual um cientista decide criar geneticamente uma nova raça para substituir os humanos. Do seu ponto de vista, a classificação dos seus livros como ficção científica acabaria por influenciar as expectativas dos leitores e, conseqüentemente, desapontá-los (2011: 4). Deste modo, a sua distinção entre os dois termos assenta na diferença entre eventos que nunca poderiam acontecer *versus* eventos que poderiam acontecer, opondo, assim, os marcianos de H. G. Wells às aventuras nas obras de Júlio Verne (*ibidem*: 5).

Ursula K. Le Guin (1929-2018), outra aclamada autora de ficção especulativa, refere, no entanto, que a descrição de Atwood é arbitrariamente restrita e “designed to protect her novels from being relegated to a genre still shunned by hidebound readers, reviewers and prize-awards. She doesn't want the literary bigots to shove her into the literary ghetto”<sup>3</sup> (2009, 29 de agosto). A posição de Atwood não foi muito bem recebida, e a própria distinção entre Wells e Verne vai contra a ideia de ficção científica de Hugo Gernsback (1884-1967), editor da primeira revista dedicada ao género (*Amazing Stories*, fundada em 1926), que propôs a designação de *scientifiction*: “By ‘scientifiction’ I mean the Jules Verne, H G Wells and Edgar

---

<sup>3</sup> Esta opinião deve-se ao facto de, até recentemente, a categoria de ficção científica não ser bem aceite pela crítica; como refere Le Guin, “[f]or most of my career, getting that label—sci-fi—slapped on you was, critically, a kiss of death. It meant you got reviewed in a little box with some cute title about Martians” (Wray, 2013).

Allan Poe type of story – a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision” (Gernsback, 1926, abril: 3).

A conceptualização de Atwood leva a incertezas desnecessárias quanto à classificação, pois se uma obra em que os acontecimentos narrados sejam atualmente possíveis (por não haver provas em contrário) pode ser considerada ficção especulativa, nada garante que os possíveis futuros se tornem realidade, o que implicaria, mais tarde, uma requalificação retrospectiva dessa mesma obra. Contudo, é de realçar que a distinção de Atwood acaba por ser um dos critérios que muitos utilizam para distinguir *fantasia* de *ficção científica*. Vejamos as obras “irmãs” *The Encyclopedia of Science Fiction* (1979) e *The Encyclopedia of Fantasy* (1997): a primeira afirma que “s[ciencia] f[icção] is unreal but natural, as opposed to the remainder of fantasy, which is unreal and supernatural” (Nicholls, 2019, 30 de setembro); já a segunda, sob o termo “Fantasy”, refere que “[science fiction] can be distinguished from fantasy on several grounds; but in our terms the most significant difference is that s[ciencia] f[icção] tales are written and read on the presumption that they are possible - if perhaps not yet” (Clute & Grant, 1997: 338).

De um modo geral, e apesar das propostas de definição do termo de Heinlein e de Atwood, o entendimento atual – e a terceira definição – é que *ficção especulativa* é um termo abrangente, que pode incluir vários gêneros e que “requires viewers to suspend their disbelief and allow their imaginations to wander” (Dunne & Raby, 2013: 3), deixando assim a porta aberta a um vasto número de histórias, formatos e até mesmo mídia<sup>4</sup>. Dentro de ficção especulativa, encontramos, como principais subgêneros, a fantasia<sup>5</sup>, a ficção científica e o

---

<sup>4</sup> “It operates across the spectrum of narrative media, from print, to drama, radio, film, television, computer games, and their many hybrids. Within literature, it thrives in many formats—the novel, short story, picturebook, comic book, graphic novel, and poetry” (Oziewicz, 2017, 29 de março: 6).

<sup>5</sup> Neste Trabalho de Projeto, *fantasia* também poderá vir a ser chamada de “fantástico”, utilizando-se ambos os termos indiscriminadamente. Kateřina Novotná, na sua Dissertação de Mestrado, aprofunda a dualidade de “fantasia” e “fantástico”, afirmando que “alguns [críticos] usam *fantasy* como sinónimo de *the Fantastic* e outros vêem *fantasy* como área mais ampla que abrange *the Fantastic*” (2016: 11). Em Portugal, por exemplo, a Revista *Bang!*, revista de Fantasia, Ficção Científica e Horror, utiliza frequentemente o termo “Fantástico” (assim como *ficção especulativa*) para abordar os vários gêneros.

São de referir também autores como John Clute e Brian Attebery, que fazem distinções entre “fantasy” e “fantastic”, explicando que “«fantasy literature» is something relatively new that needs to be distinguished from the literature of earlier eras despite the many elements they have in common.” (Stableford, 2005: xxxix), fazendo referência a folclores, mitos e lendas que inspirariam a fantasia como gênero literário e referindo que não se deve utilizar o termo “fantasy literature” antes do Iluminismo, porque este gênero se formou “in dialectical opposition to the notion of «realistic (or naturalistic) literature»” (*idem*: xxxix-xl). Existem autores mais exigentes que consideram que não se deve falar de fantasia, tal como hoje a conhecemos, antes da década de 1960 (quando se dá o lançamento de *The Lord of the Rings*), pelo que obras anteriores, apesar de terem elementos de fantasia, não poderiam ser classificadas como literatura fantástica: “Before 1969, the description “fantasy,” with respect to literary works, was usually only applied to a variety of children’s fiction (...). Although it is the most recent genre of literature to acquire a marketing label, it is also the most ancient genre that is readily identifiable” (*ibidem*: xxxv-xxxvi). Williamson acrescenta que, antes da primeira metade dessa década, “there had been no identifiable genre resembling contemporary fantasy, and the work that is now identified as laying the groundwork

horror<sup>6</sup>, que se ramificam, por exemplo, em utopias e distopias, histórias de super-heróis ou mundos com uma História alternativa. Oziewicz lista mais de 24 subgêneros e gêneros híbridos, abrindo a possibilidade de mais, “as long as they are informed by the non-mimetic impulse” (2017, 29 de março: 6-7), e R. B. Gill, citando a *Internet Speculative Fiction Database*, refere que “speculative fiction is marked by diversity; there is no limit to possible micro-subjects and (...) no standard definition” (2013: 72). O *Collins Dictionary* apresenta uma entrada específica para *ficção especulativa*, descrevendo-a como “a broad literary genre encompassing any fiction with supernatural, fantastical, or futuristic elements” (Collins, s.d.a) – o que aponta para a crescente popularização do termo abrangente entre os autores e, especialmente, os leitores.

Porém, esta ideia de haver uma designação ampla para toda a ficção não-mimética não é recente. As próprias definições de Tzvetan Todorov (1939-2017) para *fantástico* e de Darko Suvin (n. 1930) para *ficção científica* acabam por conter esse mesmo sentido de abrangência de vários gêneros literários. Para Todorov, “é necessário que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos” (1970/1981: 19), assumindo como fantástico qualquer texto que faça o leitor, através das personagens, duvidar quanto à realidade da história. Todorov inclui a ficção científica no *maravilhoso*, uma das subcategorias que descreve na sua obra, esclarecendo que “o sobrenatural está explicado de maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece” (*ibidem*: 31). Para Suvin, *ficção científica* é um “literary genre whose necessary and sufficient conditions are the presence and interaction of estrangement and cognition, and whose main formal device is an imaginative framework alternative to the author’s empirical environment” (1979: 7-8), ou seja, basta uma história ser-nos, de um certo modo, estranha, ensinar-nos algo e passar-se numa realidade imaginada distinta do mundo da experiência do autor para poder ser considerada ficção científica.

Oziewicz alude a autores como Judith Merril (1923-1997), Robert Scholes (1929-2016) ou Diana Waggoner, todos difusores do gênero especulativo (2017, 29 de março: 10-13), aos

---

for it («pregenre» fantasy) appeared largely undifferentiated in widely dispersed areas of the publishing market” (2015: 1). Esta visão negaria o rótulo de “fantasia” a obras como *Gulliver’s Travels* (1726).

<sup>6</sup> À semelhança da nota anterior, neste Trabalho de Projeto também poderá vir a ser utilizado o termo *terror*, em vez de *horror*, como sinónimos. Ann Radcliffe (1764-1823), escritora de horror, é talvez a autora mais proeminente na separação dos dois termos: “Terror and horror are so far opposite, that the first expands the soul, and awakens the faculties to a high degree; the other contracts, freezes, and nearly annihilates them” (1826: 149). Esta dicotomia é aprofundada por Devendra Varma, no seu livro *The Gothic Flame* (1957), no qual refere que a diferença entre ambos os termos é “the difference between awful apprehension and sickening realization: between the smell of death and stumbling against a corpse” (1957: 130).

quais acrescentamos Samuel Delany (n. 1942), citando *The Encyclopedia of Science Fiction* (Nicholls & Langford, 2017, 15 de setembro): 1) Merrill via a ficção especulativa como uma espécie de escrita contemporânea que usa elementos fantásticos para comentar ou especular sobre a humanidade, o cosmos, a realidade, entre outros; 2) Scholes foi “the first to sketch out a spectrum of speculative fiction that encompasses three forms of fabulation across several genres and forms of time-consciousness”; 3) Waggoner, por sua vez, definiu-a como uma categoria ampla “that treats supernatural and/or nonexistent phenomena (such as the future) as a special class of objectively real things or events”; e 4) Delany, no seu conjunto de antologias *QUARK*, tratava a ficção científica como uma subcategoria da ficção especulativa.

Todavia, o termo ainda não foi totalmente aceite. Uma simples pesquisa no Google por *speculative fiction*, sem o recurso a aspas, pode levar o algoritmo do motor de busca a substituí-la, em alguns resultados, por “science fiction”. Além do mais, parte da crítica preocupa-se com a aplicação tão ampla da designação por considerar que, por ser tão geral, poderá diluir as fronteiras entre os géneros, já que tudo pode incluir especulação (Nicholls & Langford, 2017, 15 de setembro). Deste modo, apesar de *ficção especulativa* já ser um termo utilizado há várias décadas, raramente aparece em enciclopédias ou artigos académicos sobre os subgéneros que abrange, não sendo empregue, por exemplo, nas edições em papel das Enciclopédias de Ficção Científica ou de Fantasia, acima referidas. Isto indicia uma certa quebra geracional entre aqueles que o usam e aqueles que não o fazem.

### **3.2. A Ficção Especulativa em Portugal**

Dado que *ficção especulativa* ainda é um termo pouco utilizado, especialmente no meio académico, torna-se difícil encontrar estudos que a abordem especificamente nos parâmetros deste subcapítulo, pelo que nos focaremos nos seus principais subgéneros – fantasia, ficção científica e horror. Como já foi mencionado, existem, no entanto, autores que utilizam o termo *Fantástico*, querendo com ele englobar toda a literatura especulativa.

Estes géneros demoraram a ganhar algum reconhecimento em Portugal, tendo a censura sido um dos fatores mais importantes para explicar tal atraso. Tanto no período da Inquisição (que durou desde 1536 até 1821), como mais tarde, durante o Estado Novo (de 1933 a 1974), poucas obras de ficção especulativa foram escritas em Portugal, ou traduzidas para português europeu, pois estas incluíam temas pagãos ou que desafiavam o poder vigente: “A censura foi utilizada sempre que um poder totalizante, fosse ele de ordem religiosa ou política, se sentiu

ameaçado na sua capacidade de resistir e absorver o desvio à doutrina: ao pagão, ao hereje [sic], ao concorrente ou ao insubmisso” (Rodrigues, 1980: 89).

Algumas obras com elementos especulativos terão sido ignoradas pela censura, ou eram por ela desconhecidas. Octávio dos Santos, escritor, jornalista e membro da Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico, fala de uma “tradição secular” do género fantástico em Portugal: “(...) não tanto pelo número dos seus livros mas mais pelo impacto e influência daqueles, o fantástico assume-se como o género dominante na (história da) literatura portuguesa” (2011, 18 de novembro). A fantasia tem, assim, raízes antigas – mesmo que o género seja mais recente –, o que leva Santos a traçar uma linha temporal com origem no século XIII, indicando obras que poderiam ser classificadas como fantasia. Começando com o trovador João de Lobeira, esta linha temporal inclui nomes como Gil Vicente, Teófilo Braga, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz e Luís de Camões, cujo poema épico *Os Lusíadas* contem características típicas do fantástico. Santos refere ainda que, mesmo sendo comuns os elementos fantásticos, os elementos da ficção científica escasseiam ao longo da história literária portuguesa: “Não nos destacámos (...) por utilizar, e muito menos introduzir, extra-terrestres, (...) antecipar sociedades futuras e novas tecnologias, descrever viagens inter-planetárias e/ou inter-dimensionais” (*ibidem*).

No que respeita precisamente à ficção científica, os jornalistas Eduarda Sousa e Tiago Matos mencionam o facto de este ser um género decadente em Portugal, devido à falta de interesse do público. Apesar de um ligeiro sucesso entre 1980 e 2000, graças a coleções como a “Argonauta” da Livros do Brasil ou “Ficção Científica” da Europa-América, ou ao Prémio Editorial Caminho de Ficção Científica, atualmente os poucos livros que se publicam dentro do género acabam por ser perder por entre os romances clássicos e os livros de fantasia (Sousa, 2008, 15 de dezembro; Matos, 2017, 22 de março).

Finalmente, relativamente à literatura de horror, o cenário parece ser ligeiramente diferente dos outros subgéneros, por um lado pela influência da corrente gótica e, por outro, porque nem toda a ficção gótica é necessariamente especulativa, dado que a literatura gótica também pode ser mimética<sup>7</sup>, focando-se em temas como a ansiedade do passado ou da separação, a busca do desconhecido ou mistérios policiais. O gótico português foi muito influenciado pela época medieval, nomeadamente pelos seus ideais e cenários, como demonstra, por exemplo, o recurso a castelos assombrados. Maria do Nascimento Oliveira

---

<sup>7</sup> *Frei Luís de Sousa*, “o drama gótico genial” segundo Machado de Sousa (1979: 33), é um exemplo de uma obra gótica não especulativa.

menciona que, até meados do século XIX, houve “uma grande preferência por sinistros e misteriosos castelos rodeados de florestas com alçapões, portas falsas e subterrâneos medonhos por onde erravam, a horas mortas, fantasmas vingadores e maquiavélicos” (1992: 11-12). Contudo “[f]oram «góticos» o teatro e a balada, mas não o romance, com a exceção de Camilo, por vezes Herculano, e pouco mais” (Machado de Sousa, 1979: 13), acrescentando que mesmo tendo havido traduções de obras góticas para português, estas eram “geralmente péssimas e sem qualquer critério de escolha” (*ibidem*: 15), e que, apesar de algumas exceções, “não foram traduzidas as novelas em que intervém o sobrenatural” (*ibidem*: 18). Significativamente, segundo Luís Corte Real, fundador da Editora Saída de Emergência, o horror é, atualmente, um género literário que tem dificuldade em impor-se, mencionando, por exemplo, o baixo consumo das traduções das obras de Stephen King (2019, maio: 1).

Esta falta de interesse pela literatura do género em português (nacional ou traduzida) acaba por se manifestar em todo o espectro da ficção especulativa. Em 1991, João Barreiros, escritor de fantasia e ficção científica, afirmava que na altura persistia “um ‘ghetto’ feito de indiferença e ignorância, onde os livros publicados terão de ser pequenos, baratos, medíocres, mal traduzidos, destinados a serem revendidos aos alfarrabistas mal sejam lidos” (citado em Topa, 1998: 35), algo que, duas décadas depois, se reflete numa “falta de espaços de publicação [que] dá azo a que os leitores não se habituem a ler em português”, como refere Luís Filipe Silva, escritor de ficção científica, numa entrevista para a revista *A Estante*, em que acrescenta que, devido a esta não-leitura em português, não têm surgido autores que cultivem o género (Matos, 2017, 22 de março). Esta opinião é partilhada por Corte Real, que comenta que “o facto de os leitores de literatura fantástica em Portugal optarem por edições em inglês mina completamente o pequeno mercado nacional do género” (2019, maio: 3), levando, em certas circunstâncias, a que os autores escrevam diretamente em inglês e/ou recorram a pseudónimos estrangeiros. Veja-se o caso de Bruno Martins Soares, que preenche as duas categorias. Soares lançou a primeira edição de *Alex 9* (2009) sob o pseudónimo Martin S. Braun – tendo, entretanto, abandonado esse nome – e escreveu a trilogia *The Dark Sea War Chronicles* (2019) diretamente em inglês, justificando a sua decisão com a vontade de entrar no mercado inglês sem ter de recorrer à tradução (Soares, 2019, 21 de julho).

Nuno Fonseca, num ensaio para a revista *Bang!*, lista uma série de possíveis razões para a “decadência” do género em Portugal, entre as quais a grande proliferação de subgéneros (que já mencionámos neste Trabalho de Projeto), um desinteresse do público em geral, fundamentado na ideia de que como a literatura especulativa não é realista, não tem valor

intelectual, e o foco português nos clássicos, com os seus tropos próprios, o que dificulta a expressão não só de novos géneros, mas também de novos autores (2009, março: 11). Os que surgem são pouco conhecidos e pouco divulgados a nível nacional, o que dificulta a possível tradução das suas obras para outras línguas (a que se junta a posição periférica da literatura portuguesa no contexto da literatura especulativa mundial).

Mesmo ao nível das traduções para português, assiste-se a casos como uma editora deixar de traduzir uma saga após a publicação de um ou dois dos livros da série, como sucedeu, por exemplo, com *Lorien Legacies* (2010-2016) (mais conhecida pelo seu primeiro livro, *I am Number Four*), publicada em Portugal pela Editora Presença, que abandonou a tradução após o terceiro livro; ou a falta de tradução por completo de sagas internacionalmente aclamadas, como *Expanse* (2011-2021), que, para além de ser um sucesso literário, nem a adaptação televisiva convenceu o meio editorial português a investir na sua tradução.

Apesar deste cenário pobre, existem, contudo, exceções encorajadoras para os escritores e editores que apostam no género, em sentido geral. Graças a sucessos literários como *The Lord of the Rings* (1954), *It* (1986), *Harry Potter* (1997) e *The Hunger Games* (2008), os mundos de fantasia, ficção científica e horror têm conquistado uma maior atenção do público, para além da crítica, atenção essa reforçada pelas adaptações cinematográficas, televisivas ou até mesmo para variados tipos de jogos<sup>8</sup>, que dão a conhecer os livros a um público mais diverso, levando a “um empurrão inegável às vendas” (Corte Real, 2019, outubro: 3). Atualmente, vemos surgir um maior número de fóruns (nomeadamente *online*) e eventos especificamente dedicados a estes subgéneros, desde o Fórum Fantástico, que começou como um blogue e depois, em 2005, se tornou um dos pioneiros nos eventos portugueses de ficção especulativa, até à importação, em 2014, da Comic Con para Portugal. Também é essencial a ação de editoras como a Saída de Emergência, a Divergência e a Imaginauta, que se focam na divulgação, dentro da ficção especulativa, de autores nacionais (e internacionais, através das traduções), nomeadamente através dos prémios Bang!, António Macedo e Ataegina, respetivamente.

É ainda relevante mencionar que existe algum sucesso internacional de autores portugueses, entre os quais: Luís Rodrigues, que foi editor da revista eletrónica *Fantastic*

---

<sup>8</sup> Veja-se, por um lado, o *Role-Playing Game* (RPG) lançado em 1981 pela Chaosium, que se baseia no conto de H. P. Lovecraft “The Call of Cthulhu”, tendo o jogo o mesmo nome. Por outro, a saga polaca *The Witcher*, de Andrzej Sapkowski, foi a inspiração para os videojogos com o mesmo nome da CD Projekt RED (2007, 2011 e 2015) e para a série da Netflix (2019).

*Metropolis* (2001-2006)<sup>9</sup>, João Barreiros, que teve contos publicados nas antologias anglófonas *Breaking Windows: A Fantastic Metropolis Sampler* (2003) e *The SFWA European Hall of Fame* (2007)<sup>10</sup>, Fausta Cardoso Pereira, que, com o seu livro *Dormir com Lisboa*, venceu o prémio galego Antón Risco de Literatura Fantástica (2017)<sup>11</sup>, e Rui Zink, que venceu o Prémio Utopiales com *A Instalação do Medo*, traduzido para francês por Maïra Muchnik (2017)<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Imaginauta, 2018, 12 de abril.

<sup>10</sup> Goodreads, s.d.a, s.d.b.

<sup>11</sup> “El premio Risco”, 2017, 12 de fevereiro.

<sup>12</sup> Lusa, 2017, 5 de novembro.

## 4. Quem é Alyssa Wong?

Como já foi referido, Alyssa Wong é a autora dos contos que nos propusemos traduzir. Neste capítulo faremos uma apresentação de Wong e justificaremos a escolha de dois contos seus para objeto de estudo teórico e exercício prático.

A autora cresceu perto do deserto, no Arizona, paisagem e tema que encontramos em algumas das suas obras (Stanish, 2016), nomeadamente em FPLW, no qual inclui os “trash pigs”, animais bastantes presentes na sua infância (Kammerud, 2018, 5 de junho). Outros elementos relacionados com a sua vida que também integra bastante nas suas histórias são personagens pertencentes à comunidade LGBTQ+ e personagens de ascendência filipina ou chinesa, ambas representadas nas personagens principais de HDSM. Licenciou-se em Estudos Ingleses e de Teatro, tendo feito um *minor* em Escrita Criativa, na Duke University, e obteve o grau de mestre em Escrita Criativa, em 2017, na North Carolina State University (Wong, s.d.).

Wong começou a ganhar algum reconhecimento em 2014, com o lançamento do seu conto “The Fisher Queen” em *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*. A história foi finalista dos Prémios Nebula, Shirley Jackson e World Fantasy, algo que a autora admite ter sido surpreendente: “I didn't think anybody would like it or want to read my weird, you know, fish flesh eating story. But I was wrong and that felt pretty great” (Kammerud, 2018, 5 de junho). Seguindo o sucesso de “The Fisher Queen”, Wong viria a escrever, em 2015, HDSM, conto publicado na *Nightmare Magazine* e pelo qual foi nomeada para um Bram Stoker, integrou a lista de finalistas dos Prémios Shirley Jackson e Locus e ganhou os Prémios Nebula e World Fantasy, sempre na categoria referente a contos. A conquista do Nebula foi destacada em Portugal pela revista *Estante* (“Mulheres Dominaram”, 2016, 18 de maio). HDSM foi também reconhecido por George R. R. Martin com a atribuição de um Prémio Alfie (“2016 Alfie Awards”, 2016, 23 de agosto). Outros prémios relevantes atribuídos a Wong que também merecem destaque são o Prémio Locus para a novela “You’ll Surely Drown if You Stay”, igualmente nomeada para um Nebula e um Hugo, e as várias nomeações para FPLW, tendo sido finalista dos Nebula, Locus e Hugo.

Estas nomeações e premiações específicas para os géneros nos quais Wong escreve refletem o potencial da autora, reconhecido pela comunidade literária: os Locus são escolhidos através de sondagens ao público-leitor (Locus Awards, s.d.), os Prémios Hugo pelos membros

da World Science Fiction Convention (The Hugo Awards, s.d.) e os World Fantasy pelos membros da World Fantasy Convention (World Fantasy Convention, s.d.). Estes dois, juntamente com os Nebula, que são entregues pela Science Fiction & Fantasy Writers of America (Science Fiction & Fantasy Writers of America, s.d.), são considerados os prémios mais prestigiados nas várias categorias da literatura especulativa.

Para além de escrever contos para várias revistas, designadamente a *Uncanny Magazine* ou a *Tor.com*, onde foi publicado FPLW, atualmente a autora tem diversos contos publicados em antologias, entre as quais *The New Voices in Fantasy* (2017), editada por Peter S. Beagle e Jacob Weisman, *A Thousand Beginnings and Endings* (2018), editada por Ellen Oh e Elsie Chapman, *Robots vs. Fairies* (2018), e, mais recentemente, *The Mythic Dream* (2019), ambas editadas por Dominik Parisien e Navah Wolfe.

Wong é ainda escritora nas empresas Blizzard Entertainment, na qual escreve para o jogo *Overwatch* desde 2018 (Goslin, 2018, 1 de agosto), e Marvel Comics, contribuindo, desde o verão de 2019, para títulos como *Aero* e *White Fox*, que incluem super-heroínas asiáticas, ou *Doctor Aphra*, da franquia *Star Wars*<sup>13</sup> (Markus & Dinh, 2019, 17 de julho; Johnston, 2019, 25 de outubro). A sua entrada para a Marvel foi, no entanto, recebida negativamente por parte de alguns fãs, devido a um *tweet* que lhe foi falsamente atribuído, no qual ela estaria a insultar o presidente emérito da Marvel, Stan Lee, após a sua morte, em novembro de 2018 (Johnston, 2019, 31 de julho). Wong reagiu aos vários ataques que lhe foram feitos com apenas um *tweet*, no qual diz: “(...) I've been seeing some tweets circulating that are falsely attributed to me. Those are not my words. I have enormous respect for Stan Lee and his legacy, and I wouldn't be working for Marvel if I didn't.” (Wong, 2019, 31 de julho).

Ficámos a conhecer o trabalho de Alyssa Wong durante a Componente Letiva do Mestrado em Tradução, quando fizemos pesquisa sobre contos de fantasia e ficção científica para a cadeira de Estudos de Tradução. A descoberta e leitura da já mencionada antologia *Robots vs. Fairies*, para a qual Wong escreveu “All the Time We’ve Left to Spend”, e o interesse que desenvolvemos pela obra da premiada autora, aliados ao facto de esta ser desafiante do ponto de vista da tradução, levou-nos a escolher dois contos seus como *corpus* do presente Trabalho de Projeto.

---

<sup>13</sup> A publicação do primeiro número de *Doctor Aphra*, inicialmente prevista para abril, foi adiada, possivelmente devido à pandemia COVID-19, tendo a banda-desenhada sido lançada, de forma digital, em 4 de maio – dia tipicamente associado à franquia (Marvel, s.d.a). O lançamento físico continuou a ser adiado, ocorrendo apenas no dia 27 de maio (Marvel, s.d.b).

## 5. Propostas de Tradução

### 5.1. Tradução de “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers”

#### Um Punho de Permutas em Relâmpagos e Flores Silvestres

Não havia nada de fénix na imolação da minha irmã. Apenas o odor a pele carbonizada, um calor insuportável, o som dissonante do seu último grito de aflição crua enquanto ela se evaporava, deixando pegadas de vidro crestadas na areia do deserto.

Se os meus pais ainda estivessem vivos – embora estejam, provavelmente, numa outra versão do universo, talvez até mesmo nesta –, dir-me-iam que não era culpa minha, que ninguém o poderia ter previsto. Que ela o fez a si mesma. Mas esse tipo de culpa não combina comigo. Para além do mais, eles sempre haviam sido excepcionalmente cegos no que toca à Melanie. Nem sequer reparavam quando subíamos ao céu juntas, e a Melanie soprava correntes para trás e para a frente por baixo dos nossos corpos, tecendo ondas térmicas como se fossem grinaldas de margaridas. À mesa, costumávamos fazer faíscas dançar, e a nossa mãe nunca dizia nada, exceto que era falta de educação fazer coisas à frente dos outros quando eles não as conseguiam fazer, e também que precisávamos de aprender a falar com pessoas e não apenas uma com a outra.

A Melanie era melhor que eu em tudo, tanto na parte da tempestade como na parte de falar. Conseguia dividir o horizonte em dois se assim o quisesse, abrindo-o pelas costuras tão habilmente como um alfaiate, e fazer relâmpagos enrolarem-se à volta do seu pulso como um gato e ronronarem para ela. Também o conseguia fazer com pessoas; a Mel resplandecia, leve, luminescente. Era difícil desviar o olhar dela, e tão fácil desaparecer na sua sombra.

Mas quando as coisas ficaram demasiado más para poderem ser ignoradas, o ar na casa, escuro e a estalar com energias desagradáveis como o céu antes de uma monção, ela fechou-se em si mesma e recusou-se a sair. Fui eu quem abandonou a nossa costa por outra, prometendo que voltaria em breve. E depois fui eu que me mantive longe.

No dia em que a minha irmã acabou com o mundo, o céu abriu-se em chuva pela primeira vez em anos, inundando o riacho seco atrás da nossa casa. As cobras afogaram-se nos seus ninhos e os porcos-do-mato debandaram rio abaixo, mas a água alcançou-os e o ar encheu-se com os seus guinchos enquanto eram arrastados.

Eu tinha tentado apanhar um táxi para casa, mas as ruas desapareceram na inundação repentina, por isso saí às custas do táxi atolado e arrastei-me durante os últimos três quilómetros e tal.

A Melanie estava cá fora, uma figura pequena, seca, à frente da estrutura arruinada da casa dos nossos pais. Tinha posto o único vestido que lhe restava, os outros, a nossa mãe tinha-os queimado quando os encontrara. A chuva dobrava-se à volta da minha irmã na forma de um sino, e a eletricidade dançava nas suas mãos, crescendo cada vez mais, como um voraz jogo de elásticos. Algum tempo atrás, relâmpagos tinham destruído os catos no jardim, dividindo-os ao meio e incendiando-os até ao osso. Só sobraram os seus esqueletos enegrecidos, erguendo-se a custo para fora da água, como dedos acusadores.

Eu sei que ela me sentiu chegar. Talvez tenha sido um tremer na terra seca debaixo dos seus pés, ou uma onda de energia através da água que embateu na minha cintura. Ela olhou para cima, os seus olhos abertos, círculos magoados.

Lembro-me de lhe ter gritado algo. Nessa vez, poderia ter sido o seu nome. Poderia ter sido uma súplica, implorando-lhe que não fizesse aquilo que eu via estar prestes a acontecer. Ou talvez tenha sido apenas: “Que raio pensas estar a fazer?”

O mundo soluçou, deformando-se em tons violeta, cabos de eletricidade caíam à minha volta, mordendo o meu cabelo, chamuscando tudo o que ainda estivesse vivo dentro de água. Eu mal sentia.

– Porque é que voltaste? – foram as últimas palavras que ela me disse antes de ser consumida pelas chamas, levando o resto do universo consigo.

Era simples, dissera-me a Melanie, uma vez. – Vá lá, Hannah. Presta atenção, e eu ensino-te como é que o futuro funciona.

Fez-me um desenho no ar, um mapa de futuros brilhantes, constantes e variáveis; circuitos fechados de possibilidades entrelaçados, formando um arco que ia de uma linha

temporal a outra. Eu vi e percebi; mas, mais do que isso, pela primeira vez, vi o poder dela como uma forma única e mutável.

– É lindo – disse eu.

– Não é? – a Melanie fez um traço no ar com o seu dedo, tocando num único ponto brilhante. – Olha, este somos nós. E aqui está o que poderá acontecer, dependendo de... bem, dependendo de muitas coisas.

Opções encadeavam-se como descargas elétricas diante dos meus olhos, as possibilidades ganhavam pernas como coisas sencientes. – Se é assim tão fácil, porque é que não o mudas? – disse eu, sem pensar. – Molda-o, para que fique melhor para nós, quero eu dizer.

O seu olhar desviou-se de mim. – Não é assim tão fácil de acertar – disse ela.

No dia em que a minha irmã acabou com o mundo, eu estava num avião, a ir para casa pela primeira vez em anos. Tinha conseguido dormir quase toda a viagem, o que não era comum, e acordei no momento em que o avião estava a descer, um leve estalar nos meus ouvidos. O sol estava a pôr-se, e a cidade plana e vejada com autoestradas estava a começar a cintilar com luzes elétricas, a civilização a palpitar no solo em artérias, em fractais.

Mas a beleza escapava-me. As nuvens lá fora pareciam pesadas, e o meu coração não parava de batucar no meu peito. Algo estava errado, mas eu não sabia o quê.

Sentia que tinha visto isto antes.

O tempo gaguejou e, lá fora, começou a chover.

Se eu pudesse tricotar-te uma coroa de futuros possíveis, como as margaridas que entrançaste para mim quando erámos jovens, fá-lo-ia.

Nenhum deles acabaria contigo a arder até à morte nos limites da nossa propriedade; espancada por universitários bêbados até ficares inconsciente, no riacho atrás da casa; lentamente cortada em pedaços, em casa, por pais que te queriam de uma só forma, feita à imagem deles.

Dar-te-ia apenas as melhores coisas. A bondade que merecias, o corpo que querias, uma saída que não terminasse com a linha do horizonte rasgada, as possibilidades a jorrar como enchimento solto, o meu mundo a travar com brusquidão.

Teria consertado tudo.

No dia em que a minha irmã...

Não.

No dia em que eu acabei com o mundo, pela primeira vez, o meu avião aterrou cedo, e eu corri para apanhar um táxi antes que a monção iminente arrasasse a cidade. Desta vez, consegui chegar a seis quilómetros e meio da casa, antes de um acidente com seis carros – pneus escorregadios, condutores em pânico na tempestade – parar o trânsito por completo. Controlei-me bastante para não desviar a água para os lados à frente de toda a gente, tropeçar em correntes tão profundas que quase me faziam perder o pé, e fixar com firmeza os meus pés no asfalto. Demorou uma eternidade a chegar a casa e, quando cheguei, a Melanie não estava lá.

Uma hora mais tarde, o corpo da minha irmã flutuava no novo rio atrás da nossa casa, coberto por nódoas negras, copos de plástico vermelhos a baterem-lhe nos pés descalços, e relâmpagos incandescentes perfuraram-me o peito, crestando o fundo do meu coração como um deserto. Tudo o que conseguia ver era cidades a arder, casas destruídas, cada arrependimento e ato de cobardia torcendo-se em mim numa fúria cega.

E nesse momento, um poder perfeito brilhava mesmo à minha frente, uma costura no espaço, no tempo, através de uma miríade de eixos. Estiquei-me, agarrei-o e cortei o mundo em dois. Os seus alicerces estenderam-se para mim, e eu estiquei-me também.

– Não podes mudar isto, Hannah – disse o fantasma da minha irmã, enquanto eu rasgava o céu, despedaçando o tecido do ar, das nuvens, da matéria e das possibilidades. Os relâmpagos dançavam para mim agora, curvavam-se e apagavam-se para mim da maneira que antes só faziam para a Melanie.

*Eu posso, eu posso. Eu vou consertar isto.*

– Não podes – disse a minha irmã. – Vai acabar da mesma maneira. Diferente, mas o mesmo.

– Porquê? – gritei.

O mundo desmoronou-se, dobrou-se como papel de arroz molhado, entornou-se para dentro. A casa dos nossos pais uma cratera, a chama que era a Melanie em lado nenhum na rede de eventualidades brilhantemente iluminada. Não, não, não. Errado outra vez.

– Nunca quis magoar-te. – O fantasma dela suspirou enquanto as minhas mãos reorganizavam os componentes da realidade. – Eu não queria que visses isto. Isto nunca foi sobre ti, Hannah. Quem me dera que o compreendesses.

Na semana antes de a minha irmã acabar com o mundo, eu não fui a casa. Fiquei no teatro e parti todos os pratos, todas as canecas nos bastidores, atirando os cacos à cara de cada pessoa que vinha cortejar-me. Ceguei o meu agente, deixei o meu encenador inválido, cortei os tendões das pernas ao resto dos atores com estilhaços de porcelana. Ventos fortes chicoteavam à minha volta, um poder esmagador nas minhas costas, a tempestade a formar-se atrás das minhas têmporas pulsantes, e eu voei para a cidade, em direção à baixa.

Na pastelaria favorita da Melanie, onde tínhamos pedido *donuts* tão grandes como as nossas cabeças na última vez em que ela viera visitar-me, arranquei as tábuas do chão, uma por uma, fazendo-as voar através de janelas estilhaçadas. A cobertura dos bolos estalou, a eletricidade queimou de igual forma madeira e açúcar; o cheiro a ozono era intenso e amargo no ar.

– Hannah – disse o reflexo da minha irmã nos pedaços de vidro espalhados pelo chão. O peso gentil da sua mão espectral ardia no meu ombro, e o tempo puxou-me novamente com força. – Já chega.

A culpa regressa, esfomeada, e eu reconheço a minha voz a silvar da sua boca. *A culpa é tua, Hannah. Toda tua. Podias ter parado isto, mas estavas cega pela tua própria ambição, o teu próprio egoísmo; deixaste que a névoa da cidade – o frio cristalino, glamoroso e tóxico – te seduzisse para longe das pessoas que amas.* E era verdade. Mesmo durante o voo, o sabor da glória permaneceu na minha língua toda a viagem para casa, apurado no ar viciado da cabine.

Mas eu e a Melanie tínhamos falado, feito chamadas por Skype. Ainda que tivesse sido através do ecrã do computador, porque é que eu não tinha visto as tempestades lá em casa, a estalar no horizonte, as suas faíscas moribundas refletidas nos olhos da minha irmã?

– Estás a ser egoísta – dizia a mais recente iteração da minha irmã, enquanto eu chicoteava a tempestade, num delírio escuro, por sobre as montanhas áridas. Não me conseguia lembrar se, desta vez, o corpo no riacho era o dela, ou se isso já só era uma memória. – Magoares-te com isto é apenas uma maneira de tentares ter controlo sobre uma coisa que nunca foi tu...

*Cala-te. Cala-*

... uma coisa que nunca foi *tua* para controlar...

*-te. Cala-te.*

O mundo acabou com uma explosão, dobrando-se sobre si mesmo, as linhas do horizonte a colapsarem como *origami* ensopado. A casa dos nossos pais transformada em vidro, em fogo, em energia a faiscar, madura e rica para ser consumida. Absorvi-a, puxando-a para dentro de mim, até à casa ficar vazia, os nossos pais desaparecidos. E então não havia nada para além de mim e da minha irmã, a sua impressão, o seu eco.

O fantasma da Melanie suspirou. – Esperava mais de ti – disse ela.

O vazio rugiu de volta à vida, e atirou-me para fora, outra vez.

De novo de volta à cidade, desta vez rebobinei ainda mais. Para trás, antes da loja de *donuts*, janelas nunca chamuscadas, bolos nunca comidos. Desta vez, não parti nada. Fui às audições, cozinhei arroz e estreei ovos para o jantar e trabalhei até os músculos gritarem para eu parar, depois trabalhei mais. Durante uma semana, não falei a não ser que estivesse a usar as palavras de outra pessoa.

Na noite antes de embarcar no avião, dei por mim a sussurrar os meus segredos ao ar gelado da noite, a pentear o espaço entre os arranha-céus com a minha língua.

A loucura da cidade estava a apanhar-me.

Passei pelos mesmos aeroportos como uma sombra, a rota era agora tão familiar como a curva da minha bochecha dormente na minha palma da mão cansada.

Fiz tudo bem desta vez, e quando cheguei a casa fiquei a saber que a tempestade tinha destruído o aeroporto, impedindo todas as aterragens.

Na vez a seguir, acabei com o mundo sozinha, durante uma falha de energia. A vida desvaneceu-se num leve piscar de olhos, e gritou de volta à existência.

O vazio cuspiu a faca de cozinha para os meus pés, para o chão do meu apartamento em Bushwick, uma troça ecoou nos meus pulsos perfeitos e intactos.

*Sua miúda egoísta.*

O ciclo continuava inquebrável. Faíscas suaves beijaram as minhas mãos no escuro, lampejando da lâmina. O meu sangue rugia nos meus ouvidos.

Mais uma vez, então.

Reorientei a faca.

– Hannah. Quantas pessoas mais é que vais destruir antes de desistires de mim?

Cinco vezes, cinco linhas, chumbo e gumes e comprimidos esmagados, todos arrancados de mim, cuspidos cada vez para mais longe. Alinho-os no parapeito da minha janela, como as possibilidades rejeitadas que eram, e deixo que o tempo se desbobine sozinho.

*A culpa não é minha, a culpa não é minha.* Tinha-me esforçado tanto, em primeiro lugar para coser o ciclo de modo a fechá-lo e, depois, para o cortá-lo em pedaços. Mas mesmo assim o final dançava para longe de mim, o mundo a sangrar para o seu ciclo seguinte.

– O que diabos estás a fazer? – disse o meu colega de quarto pela quinta vez, encostando-se à ombreira da porta, como fazia em todas as iterações. Os meus olhos soturnos viram todas as possibilidades dele lançadas à minha frente como cartas de um baralho: colega de quarto a desaparecer para a casa de banho e a ver que os seus comprimidos desapareceram; colega de quarto a sair para o trabalho e a voltar demasiado tarde; colega de quarto enegrecido e calcinado enquanto o apartamento fumegava; colega de quarto a ajudar-me a ir para a cama e a apagar a luz antes de voltar para a cozinha e arrumar todas as facas.

– A pensar – rouquejei. As minhas mãos pruíam com eletricidade, faíscas que eu não conseguia controlar a dançar pelos meus dedos.

– Tu e a treta dos teus truques de magia esquisitos. – Ele suspirou e atirou-me o meu iPhone. – O teu telemóvel está a tocar.

Demorei um bocado a aperceber-me de que a estúpida música de *anime* a sair do altifalante era aquela de que a Melanie gostava, o meu toque de chamada para o telefone fixo de casa. Mas não era ela ao telefone. Era a minha mãe, que me disse que a Melanie se tinha afogado na piscina do jardim durante uma estranha chuva torrencial, a qual tinha irrompido de um céu vazio. O meu ritmo cardíaco abrandou, cada segundo espesso como xarope.

– Mas eu pensava que tinha mais tempo – sussurrei para o telemóvel. Era verdade, era suposto eu ter mais alguns dias para pensar nas coisas, consertá-las...

– Ninguém sabe quando é que Deus nos vai levar para casa – disse a minha mãe. – Está nas mãos do Senhor. Sempre esteve.

Na minha dor, quase me tinha esquecido da minha irmã, e, na minha ausência, o meu apocalipse tinha mudado de rumo sem mim.

O mundo acabou de novo com um soluço arrepiante, e eu pus mãos à obra. Desta vez, aterrei duas semanas, duas angustiantes semanas, antes de ter de embarcar no meu avião, e a primeira coisa que eu fiz foi reservar um voo noturno e imediato para casa, na esperança de que, se lá chegasse mais cedo, não fosse demasiado tarde.

Errado, errado, errado.

– Como é a vida na cidade? – perguntou-me a Melanie quando me veio visitar, na primavera antes de ela morrer. Eu tinha-me fechado no meu dormitório para praticar monólogos para a minha prova de finalista até os meus pulmões arderem, o que provavelmente significava que, de qualquer maneira, eu não tinha estado a respirar como devia ser, e a Melanie tinha exigido que saíssemos. Fomos à baixa, onde estudantes bem vestidos e visitantes decentemente vestidos se arrastavam pelas ruas, à procura de batatas fritas artesanais. Decidimo-nos por uma loja de *donuts* tão grande como o armário que a Melanie tinha em casa, e ficámos encolhidas, joelhos contra o peito, no peitoril interior da janela.

Ela estava bonita, vestida com a camisola rosa pálido que eu lhe tinha enviado em segredo pelo seu aniversário, as unhas pintadas como nunca as poderia ter em casa. Mas também parecia muito cansada, amarelada quase, os traços da sua cara marcados pelo peso das palavras dos nossos pais.

Todas as coisas que os meus amigos esperavam que eu dissesse – *a cidade é fantástica, é excitante, sou uma sortuda por viver aqui, adoro* – passaram-me pela cabeça. Também as coisas que eu nunca tinha dito a ninguém, que eu não podia dizer a ninguém, porque eles não iriam querer ouvir. Como a solidão era paralisante; como já tinha sido despedida de três trabalhos em *part-time*; como todos os dias, quando ia para as aulas, passava pelo mesmo louco no túnel, a lamentar-se por Jesus, uma mistura de línguas a derramar-se dos seus lábios sangrentos, após uma faixa publicitária na qual se lia: FUJA SEM SAIR DE NOVA IORQUE.

– É diferente – disse eu, finalmente. *Eu não sei quem sou sem ti*, não disse.

– Eu percebo – respondeu a Melanie. Eu sabia que ela percebia.

Tenho seguido o caminho de volta, uma vez e outra, até àquela primeira corrente de possibilidades. Os eventos alinhavam-se tão perfeitamente que eu poderia percorrê-los a dormir, e às vezes fazia-o. Conduziam sempre de volta à monção do deserto, arrastando-me pela água, a minha irmã a desaparecer numa coluna de chamas.

*Porque é que não me querias lá para te ajudar? Queria perguntar. Se estavas assim tão mal, porque é que não me pediste para voltar para casa?* Nunca chegava perto o suficiente para alcançá-la por entre o vento de poeira húmida que rosnava e rugia à nossa volta, arrancando-me a voz.

Há linhas temporais nas quais não penso.

Há uma linha temporal em que o poder nunca chega a tocar-me, na qual eu chego a casa a tempo da festa na casa do vizinho, onde as mãos de um jovem universitário estão à volta do meu pescoço, não do da minha irmã, as minhas pernas a pontapearem-lhe a cintura. A Melanie despedaça-o com labaredas, enegrece-o, destrói os pedregulhos no riacho e berra até a sua voz sangrar. As suas lágrimas caem nos meus olhos, crepitantes e evaporando-se quando me tocam, enquanto o céu boceja por cima de nós, esfomeado, quebrado.

Há outras também, que recuam ainda mais no tempo, até à grinalda de margaridas, quando éramos mais novas: a escorregar no gelo, a luz a atravessar com força a minha cabeça; a picada dolorosa de um escorpião no meu braço, a rigidez dos meus membros, um aperto repentino no meu peito; a Melanie de vestido, pela primeira vez, a soluçar enquanto o meu pai lhe gritava.

E, para a frente, por entre as linhas que se ramificam, esbatendo os contornos do futuro: facas amolgadas, rejeitadas pelos meus intestinos; sirenes da polícia a lamentarem-se, tiros a zumbir na cratera onde a minha cidade costuma estar, o cheiro a açúcar queimado; um avião que nunca aterra em segurança, irrompendo em chamas na pista de aterragem.

Só me lembro destas como ecos ténues, como uma história que alguém me contou certa vez, mas cujos detalhes esqueci. Aconteceram realmente? Sim. Não. A corrente desfaz-se, espalha-se como raízes, possibilidades infinitas.

*Desculpa, desculpa, desculpa.*

Quando a Melanie e eu éramos pequenas, deitávamo-nos na carpete, durante o inverno, e aquecíamos os nossos pés ensopados ao radiador. Isto era quando ainda tínhamos o mau hábito de saltar para bancos de neve, exasperando a nossa mãe até ao limite. A Melanie tinha acabado de aprender a derreter formas na neve, a faísca mais fina na ponta do seu dedo indicador.

– Pergunto-me porque é que podemos fazer estas coisas – tinha dito a Melanie, fechando o punho à volta dos relâmpagos a faiscar na palma da sua mão.

Eu sorri-lhe, estendendo a mão para apanhar um pouco de estática perdida, a dançar pelo seu braço. – N’sei. Não achas que é fixe ser especial? É a única coisa que mais ninguém consegue fazer, sem ser nós.

Ela balançou um pé junto ao radiador. – Mas é um pouco solitário.

– Pelo menos tens-me a mim.

– Suponho que sim – disse ela. – É melhor que nada.

Eu atirei-a para o chão e passámos os dez minutos seguintes a bater uma na outra com animais de peluche.

A minha irmã morre sempre antes de o mundo acabar.

O céu está desfigurado com as cicatrizes dos meus esforços, e eu estou tão, tão cansada. A tempestade murmura nas minhas veias, mais um ciclo em muitos. Já não os consigo contar, os números num fluxo constante, retumbando mais alto com cada respiração possível.

Pergunto-me se era isto que a Melanie sentia todos os dias da sua vida, tão cheia de poder, sempre no precipício, sempre com medo de se deixar ir, receando piorar as coisas.

Desta vez, estou no chão do meu apartamento, a olhar fixamente para o telemóvel na minha mão. O meu colega de quarto saiu e eu já perdi o avião para casa. Deixo passar, o dinheiro a evaporar-se no vazio, sem significado.

Algures no sudoeste, a Melanie está a sair de casa, ou prestes a fazê-lo, o seu coração a rugir com fogo incontrollável, solitária, sozinha. As faíscas dançam, roxas, nas suas mãos, relâmpagos como veias pelos seus braços.

*Não podes consertar isto. Nunca foi teu, para o poderes controlar.*

Mas as minhas mãos arrastam-se pelo ecrã tátil, os meus polegares a deslizar, húmidos, sobre a sua cara no ecrã dos contactos. Ela está programada com a mesma música estúpida de *anime* que tenho no meu telemóvel, e ela toca de forma idiota, só vozes sintéticas e sons pré-estabelecidos.

Espero, de boca seca, todo o meu corpo a tremer como o céu por cima do deserto de Mojave antes de chover. Pintada com pinceladas brilhantes e febris na minha cabeça, a grinalda de margaridas cresce.

## **5.2. Tradução de “Hungry Daughters of Starving Mothers”**

### Filhas Esfomeadas de Mães Famintas

Enquanto o rapaz com quem saí – Harvey? Harvard? – se gaba da sua universidade e do seu apartamento de cobertura em Manhattan, eu dou uma trinca na couve-lombarda excessivamente cara e vejo os seus pensamentos desagradáveis a rodopiar por cima dele. É difícil prestar-lhe atenção com o meu estômago a rosnar e o meu corpo a tremer, apesar de tudo ele até é um regalo para a vista. O Harvey não parece ser muito mais velho que eu, mas os seus

pensamentos, cobertos por espinhos e patas de centopeia, faíscam com rancores ancestrais e tresandam a arrogância da Ivy League<sup>14</sup>.

– O meu apartamento tem a vista mais fantástica da cidade – está ele a dizer, os seus pensamentos a deslizarem, demoradamente, uns sobre os outros, como cobras escuras e eriçadas. Cada um tão grosso como o seu pulso coberto por um Rolex. – Acabei de instalar um jacúzi ao longo da parede ocidental, para poder ver o sol a pôr-se enquanto relaxo depois de voltar do ginásio.

Eu aceno, meio-ouvindo as palavras que lhe saem da boca. Estou bem mais interessada naquelas que sibilam por entre os dentes dos pensamentos acima dele.

*Ela tem mamas perfeitas, pequenas mãos-cheias mesmo à espera de serem apertadas. Como eu adoro mamas firmes.*

*Vou foder esta puta com tanta força que ela nunca mais vai andar direita.*

Nojento. – Isso parece maravilhoso – digo, enquanto bebo um gole de champanhe e o observo através das minhas pestanas falsas, esperando que o ecrã quase sem luz do meu iPhone não seja visível através da toalha de mesa. Este gajo é chato como tudo, e eu já estou de volta ao Tindr, passando o meu polegar pelos possíveis jantares da semana seguinte.

*Ela está tão interessada em mim, vai estar a suplicar antes do final da noite.*

*Mal posso esperar por cortá-la em pedaços.*

Os meus olhos sobem bruscamente. – Desculpa? – digo.

O Harvey pestaneja. – Eu disse, a Argentina é um país lindo.

*Coisinha bonita. Ela vai ficar tão bem, toda espalhada pelo chão.*

– Pois – digo. – Claro. – O sangue pulsa na minha cabeça com tanta força que provavelmente parece que tenho um rubor malandro.

*Estou tão excitado, já estou meio teso.*

*Já somos dois, penso, desligando o meu iPhone e sorrindo o meu sorriso mais bonito.*

O empregado de mesa aparece com outra garrafa de champanhe e o menu das sobremesas pirogravado numa placa de madeira, mas eu recuso. – O jantar foi ótimo – sussurro

---

<sup>14</sup> Nota do Tradutor (NT): A Ivy League é um campeonato desportivo entre oito universidades privadas no nordeste dos Estados Unidos da América. O termo “Ivy League” tem conotações de seletividade na admissão e de elitismo social.

para o Harvey, aproximando-me e beijando-lhe a bochecha – mas eu tenho um tipo diferente de sobremesa em mente.

*Ahhh, dizem os pensamentos desagradáveis, assentando numa delicada onda a rumorejar ao longo dos ombros dele. Vou levá-la para casa e abri-la de cima a baixo. Como a porra de uma torta de fruta.*

Essa não é a maneira como eu normalmente como tortas de fruta, mas quem sou eu para julgar? Afinal de contas, eu não quis sobremesa.

Enquanto ele paga a conta, não consegue parar de me sorrir. Tão-pouco podem os seus pensamentos desagradáveis, sibilando e gargalhando atrás do seu ouvido.

– Porque é que estás tão feliz? – pergunto, com falsa timidez.

– Estou animado por passar o resto da noite contigo, só isso – responde ele.

••••

O cabrão tem o seu próprio lugar de estacionamento! Não há cá táxis para nós; ele até trouxe o Tesla. Os bancos de couro têm um cheiro amanteigado e doce, e enquanto eu deslizo para dentro do carro e me ponho confortável, o fedor dos pensamentos dele infestam o ar. É o suficiente para me deixar zonza, quase a ronronar. Enquanto passamos pela zona alta da cidade, em direção ao seu apartamento de cobertura superlucroso, peço-lhe para parar perto da Ponte de Queensboro por um segundo.

Aborrecimento atravessa-lhe o rosto, mas ele estaciona o Tesla numa rua lateral. Caminho com passo instável por um beco, cambaleando sobre latas vazias e beatas de cigarros com os meus saltos de dez centímetros, e vomito um rasto de champanhe e couve até ao contentor do lixo encostado ao prédio.

– Está tudo bem contigo? – pergunta o Harvey.

– Estou bem – balbucio. Nem uma janela curiosa se abre por cima.

Os seus passos ecoam ao longo do beco. Saiu do carro e está a andar na minha direção, como se eu fosse um animal do qual precisa de se aproximar com cuidado.

*Talvez devesse fazê-lo já.*

*Sim! Já, já, enquanto a puta está ocupada.*

*Mas, e o método? Não vou poder ver as suas entranhas todas bonitas por todo o lado...*

Atiro-me a ele, os dedos cravados fundo no seu corpo, e mordo-lhe a boca com força. Ele tenta gritar, mas eu engulo o som e enfio a língua na sua boca. Ali, mesmo atrás dos seus dentes, está aquilo que eu procuro: pensamentos desagradáveis, viscosos como tendão cozido. Sugo-os, a uivarem e a lutarem na minha garganta, enquanto o corpo do Harvey estremece, pequenos gemidos a soltarem-se do seu nariz.

Sinto-me decadente e imunda, inchada com os sonhos mais cruéis que alguma vez provei. Mal consigo sentir a débil resistência do Harvey; neste estado, com as suas partes mais sombrias drenadas da sua boca para a minha, ele não é um adversário à minha altura.

Eles nunca são tão fortes como pensam ser.

No momento em que ele finalmente fraqueja, os últimos dos seus pensamentos a desaparecerem pela minha garganta abaixo, o meu corpo já está a mudar. Os meus membros alongam-se, ficando mais grossos, e o meu vestido fica demasiado apertado com o expandir das minhas costelas. Tenho de trabalhar depressa. Dispo as minhas roupas com uma facilidade adquirida com a prática, tendo um pouco de dificuldade em libertar o corpete da musculatura tonificada pelo ginásio que incha sob a minha pele.

Também não demora muito para arrancar o Harvey das suas roupas. As minhas mãos tremem, mas são fortes, e enquanto abotoo a sua camisa à minha volta e me ajeito no seu casaco, o meu maxilar rangeu até se aproximar do dele, e os sulcos das minhas impressões digitais alteraram-se completamente. O Harvey é muito maior que eu, e a expansão do espaço alivia a pressão sobre a minha barriga fervente, empanturrada como está de pensamentos desagradáveis. Enfio a roupa que descartei na minha mala, os meus saltos a tilintarem contra o frasco de vidro vazio no fundo, e ponho a alça à volta dos meus ombros agora largos.

Ajoelho-me para verificar o pulso do Harvey – lento, mas estável –, antes de rodar o seu corpo inconsciente até o encostar ao contentor, cobrindo-o com sacos do lixo. Talvez ele acorde, talvez não. Não é problema meu, desde que ele não acorde nos próximos dez segundos para ver o seu sócia a sair do beco, vestindo as suas roupas e a segurar a sua carteira e as chaves do Tesla.

Há um grupo de universitários bêbados a olhar, boquiabertos, para o carro do Harvey. Atiro-lhes um olhar arrogante – oh, como eu visto este corpo tão melhor do que ele! – e eles dispersam.

Posso não ter carta, mas o corpo do Harvey lembra-se de como se conduz.

••••

O Tesla acelera docemente debaixo de mim, mas eu abandono-o num parque de estacionamento em Bedford, despindo-me na privacidade relativa do segundo nível mais alto, debruçada atrás dum pilar. Depois de deixar as chaves no banco do condutor, em cima das roupas do Harvey cuidadosamente dobradas, e de fechar a porta do carro, tiro o frasco de vidro da minha mala e vomito lá para dentro o mais silenciosamente que consigo. Um líquido negro, espesso e viscoso, atinge o fundo do frasco, a sibilar e a rosnar as palavras do Harvey. O meu corpo estremece, os membros retraem-se, a coluna retoma a sua forma, enquanto eu me esvazio dele.

Demora mais uns minutos a voltar a uma aproximação de mim mesma, pelo menos o suficiente para poder pôr de novo o meu vestido e os meus saltos, arrumar o frasco e pentear o meu cabelo emaranhado com os meus dedos. O funcionário do estacionamento acena-me enquanto saio do parque, os seus olhos a passarem desinteressados por mim, os seus pensamentos um murmúrio cinzento indistinto.

O metro da linha L leva-me de volta a casa, em Bushwick, e quando abro a porta do apartamento, a Aiko está na cozinha, a amassar pasta de *mochi*<sup>15</sup> no balcão.

– Estás aqui – digo estupidamente. Ainda estou um pouco tonta, por me ter livrado da forma do Harvey, e linhas dos pensamentos dele permanecem em mim, deixando o zumbido do meu sangue desconfortavelmente quente.

– Espero que sim. Tu convidaste-me. – Ela não tirou o seu uniforme da empresa de *catering*, e o seu cabelo curto e macio emoldura o seu rosto, resplandecente à luz da cozinha. Nem um único pensamento desagradável lança a sua sombra no fogão atrás dela. – Esqueceste-te outra vez?

– Não – minto, descalçando, com um chuto, os meus sapatos à porta. – Eu nunca na vida faria tal coisa. Estás aqui há muito tempo?

– Há cerca de uma hora, nada fora do normal. O porteiro deixou-me entrar e eu fiquei com a tua chave extra. – Ela sorri por um momento, meiga, em comparação com os movimentos bruscos das suas mãos. Tem farinha nas mangas arregaçadas, e o meu coração palpita como

---

<sup>15</sup> NT: Um doce tipicamente japonês feito com arroz glutinoso, que é cozido, amassado e moldado em pequenos bolos. Uma das variedades é feita com *anko*, uma pasta doce feita com feijão vermelho cozido e mel, ou açúcar.

nunca faz quando estou a caçar. – Suponho que o teu encontro tenha sido uma bela merda. Provavelmente não terias vindo para casa de todo se tivesse corrido bem.

– Pode dizer-se que sim. – Pego na minha mala e guardo o frasco rosnador no frigorífico, onde tino contra os outros, quase uma dúzia de sobras malignas etiquetadas como bebidas saudáveis.

A Aiko acena para a sua direita. – Trouxe-te alguns bolos do evento de hoje à noite. Estão no saco de papel no balcão.

– És um anjo. – Esgueiro-me por ela, para não ter de fazer contacto corporal. A Aiko pensa que eu tenho problemas de toque, mas a verdade é que ela cheira a tudo de bom no mundo, estável e familiar, leve e pesado ao mesmo tempo, e é o suficiente para levar alguém à loucura.

– No mínimo, ele devia ter-te chamado um táxi para voltares – diz a Aiko, esticando-se para agarrar uma tigela de pasta de feijão vermelho. Mexo no saco de bolos, fingindo que estou a escolher algum deles. – Palavra de honra, é como se tivesses um íman para encontros terríveis.

Ela não está errada, eu sou muito cuidadosa em relação a quem cortejo. Afinal de contas, é assim que me mantenho alimentada. Mas nenhum no passado tinha sido tão delicioso, tão horrivelmente depravado como o Harvey. Nenhum tinha sido um assassino.

*Vou levá-la para casa e abri-la de cima a baixo.*

– Se calhar sou demasiado estranha – digo.

– Provavelmente és demasiado normal. Só os esquisitos socialmente desajustados é que usam o Tindr.

– Obrigadinha – reclamo.

Ela sorri, atirando-me um pouco de *anko*. Lambo-o diretamente do meu braço. – Tu sabes o que eu quero dizer. Vem visitar-me à igreja um dia destes, ‘tá bem? Há imensos rapazes decentes lá.

– O cenário de namoros desta cidade deprime-me – murmuro, abrindo o meu Tindr com o polegar. – Dispenso.

– Vá lá, Jen, desliga isso. – A Aiko hesita. – A tua mãe ligou quando estavas fora. Ela quer que voltes para Flushing.

Ladro uma gargalhada curta e cortante, o meu bom humor a evaporar-se. – O que há de novo?

– Ela está a ficar velha – diz a Aiko. – E está solitária.

– Aposto que sim. Praticamente todas as suas parceiras de Mahjong estão mortas. – Consigo imaginá-la no seu pequeno apartamento em Flushing, encolhida sobre o seu portátil, cortinados floridos bem fechados sobre as janelas, para se isolar do resto do mundo. A minha *ma*<sup>16</sup>, cujas paredes do apartamento estão vivas com sibilos, cobertas com os restos desagradáveis e engarrafados dos seus amantes.

A Aiko suspira, juntando-se a mim no balcão e encostando-se a mim. Por uma vez, não me afasto. Cada músculo do meu corpo está tenso, em esforço. Tenho medo de pegar fogo, mas não quero que ela se vá embora. – Matar-te-ia seres simpática com ela?

Penso no meu *baba*<sup>17</sup> a evaporar-se no ar quando eu só tinha cinco anos, o que restava dele enrolado no estômago da minha *ma*. – Estás a dizer-me para voltar?

Ela não diz nada por um bocado. – Não – diz, finalmente. – Aquele lugar não é bom para ti. Aquela casa não é boa para ninguém.

Apenas a uns centímetros, um exército de frascos cheios de líquido negro e viscoso espera no frigorífico, os seus conteúdos a murmurar para si mesmos. A Aiko não os consegue ouvir, mas cada esparrinhar contra o vidro é um silvo baixo e nojento:

*quem é que ela pensa que é, puta de merda*

*devia tê-la apanhado quando tive a oportunidade*

Ainda consigo sentir o Harvey, a sua maldade e regozijo desagradável, na minha língua. Já estou cheia das coisas que a minha *ma* me deu. – Fico feliz por concordarmos.

••••

Nas semanas que se seguem, empanturo-me de sedutores e estudantes universitários que encham os bares *hipster* de St. Marks, mas nada sabe bem depois do Harvey. As suas essências aguadas, espremidas dos seus donos com pouco mais que um gemido de protesto, mal me forram ao estômago. Às vezes tiro demasiado. Raspo-os até secarem e deixo-os vazios, sacudindo as suas formas quando acabo, como se fossem água da chuva.

---

<sup>16</sup> NT: “mãe” em chinês.

<sup>17</sup> NT: “pai” em chinês.

Digo à Aiko que tenho estado em festas quando ela me diz que pareço exausta. Ela diz-me para parar de beber tanto, a sua cara impassível, os seus pensamentos enublados com preocupação. Ela começa a vir cá a casa mais frequentemente, cozinhando-me até o jantar, e a sua presença tanto me alicerça como me enlouquece.

– Estou preocupada contigo – diz ela, enquanto eu me deito no chão e deslizo, indiferente, pelas páginas dos perfis de encontros *online*, procurando o vazio, o podre, que tornou o Harvey tão atraente. Ela está a cozinhar a receita de *lo mein*<sup>18</sup> da minha mãe, o cheiro a gordura deixa-me inquieta. – Perdeste tanto peso e não tens nada no frigorífico, só uma data de frascos de compota vazios.

Não lhe digo que o do Harvey está debaixo da minha cama, que lambo os restos todas as noites para tornar os meus nervos de novo em euforia. Não lhe digo o quão frequentemente sonho com a casa da minha *ma*, as prateleiras com frascos nas quais ela nunca me deixava tocar. – Não há problema em passares tanto tempo longe do teu trabalho de *catering*? – desconverso. – Tempo é dinheiro, e o Jimmy fica lixado quando tem de ser ele a fazer as sobremesas todas sem ti.

A Aiko põe uma taça de *lo mein* à minha frente e junta-se a mim no chão. – Não há lugar onde eu prefira estar que aqui – diz-me, e uma doçura perigosa e luminosa floresce no meu peito.

Mas a fome cresce mais a cada dia, e rapidamente deixo de confiar em mim mesma quando estou perto dela. Tranco a porta e, quando ela passa pelo meu apartamento para ver como estou, recuso-me a deixá-la entrar. Mensagens iluminam o meu telefone como uma frota de fogos-de-artifício, enquanto me encolho debaixo de um cobertor do outro lado, a minha cara premda contra a madeira, os meus dedos a tremerem.

– Por favor, Jen, não percebo – diz ela por detrás da porta. – Fiz alguma coisa de errado?

*Mal posso esperar por cortá-la em pedaços*, penso, e odeio-me ainda mais.

Quando a Aiko se vai embora, os seus passos a ecoarem pelo corredor, já eu escavei sulcos profundos na tinta da porta com as minhas unhas e dentes, a minha boca cheia do seu perfume inebriante.

••••

---

<sup>18</sup> NT: Prato tipicamente chinês feito com *noodles* de ovo, vegetais e carne ou marisco.

O apartamento da minha *ma* em Flushing ainda tem o mesmo cheiro. Ela nunca foi uma pessoa muito asseada, e a grande quantidade de porcarias acumulada por todo o lado aumentou desde que eu deixei a casa de vez. Pilhas de jornais, velhas embalagens de comida e peluches dificultam o abrir da porta e o fedor faz-me tossir. A sua tralha chega-me aos ombros, sendo ainda mais alta em alguns sítios, e, enquanto procuro o meu caminho através dela, os sons que coloriram a minha infância tornam-se mais altos: as lamúrias constantes de uma novela taiwanesa a sangrar para lá das montanhas de lixo e a cacofonia cruel de muitas vozes familiares:

*Toca-me outra vez e juro que te mato...*

*Quantas vezes já te disse para não lavares a roupa assim, abre a boca...*

*Espero que a sua filha chinoca feia não esteja em casa hoje à noite...*

Debaixo do lixo que ela acumulou, as paredes, cobertas de prateleiras como favos de uma colmeia, estão repletas com o que resta dos amantes da minha *ma*. Ela guarda-os como troféus nojentos, de dar água na boca, desejos conservados em ácido gástrico e bÍlis. Provavelmente conseguia nomeá-los a todos se quisesse; quando era criança, costumava deitar-me no sofá e ver o fantasma do meu *baba* a tremeluzir através das suas superfÍcies.

A minha *ma* está encolhida na cozinha, o ecrã do seu computador lança um brilho azul doentio na sua cara. Os seus pensamentos cobrem-na tranquilamente, como uma manta. – Fiz um pouco de *niu ro mien*<sup>19</sup> – diz ela. – Está no fogão. O teu *baba* está lá dentro.

O meu estômago enrola-se, mas se é por repulsa ou fome não consigo perceber. – Obrigado, *ma* – respondo. Encontro uma tijela que está quase limpa e lavo-a, servindo-me uma concha generosa dos *noodles* grossos. O caldo tem um leve cheiro a cigarros *hongtashan*, e enquanto me obrigo a comer quase mais depressa do que consigo engolir, as memórias de outra pessoa da minha infância surgem de súbito diante dos meus olhos: a empurrar uma menina no baloiço do parque; a rir enquanto ela persegue pombos pela rua fora; a levantar a mão para um segundo murro enquanto a mãe dela se atira para nós, entre nós, dentes à mostra...

– Como está? – diz ela.

---

<sup>19</sup> NT: Prato tipicamente taiwanês: sopa de *noodles* e carne de vaca estufada.

*Terrível.* – Fantástico – digo. Acalma o meu estômago, pelo menos por algum tempo. Mas o meu *baba* não era nenhum Harvey, e eu já consigo sentir a fome a rastejar de volta, esperando pelo momento perfeito para atacar.

– Comeste algo que não devias, não comeste, *Meimei*<sup>20</sup>? – A minha *ma* olha para mim pela primeira vez desde que eu entrei e parece quase tão cansada como eu me sinto. – Porque é que não aprendeste comigo? Ensinei-te a ficares-te pelos pequenos criminosos. Ensinei-te a ficares invisível.

Ela tentara ensinar-me a desaparecer dentro de mim mesma, da mesma maneira que ela desaparecera naquele apartamento. – Eu sei que fiz asneira – digo-lhe. – Já nada sabe bem, e eu estou sempre com fome. Mas não sei o que fazer.

A minha *ma* suspira. – Assim que provas um assassino, não há volta a dar. Vais ansiar por essa intensidade até morreres. E pode demorar muito tempo para alguém como nós morrer, *Meimei*.

Apercebo-me de que não faço ideia de quantos anos tem a minha *ma*. Os seus pensamentos são velhos e cobertos por nós, cosidos entre si a partir dos restos das experiências de outras pessoas. Há quanto tempo estaria ela a lutar com esta situação, estes desejos esmagadores e torturantes?

– Volta a mudar-te para cá – diz ela. – Os Tong<sup>21</sup> são bastante ativos aqui, as ruas transbordam de comida. Mal tens de sair de casa, basta abrires uma janela e consegues senti-la a ferver. A malícia, as facas e balas...

A imagem que ela pinta faz-me estremecer, uma comichão na minha boca. – Eu não posso deixar tudo assim, *Ma* – digo. – Tenho a minha própria vida agora. – E não consigo viver neste apartamento, com a sua falta de luz solar e ar fresco, e o seu fedor a arrependimento e malícia.

– Então, o que acontece se voltares para casa? Perdes o controlo, dás uma trinca na Aiko? – Ela vê-me a ficar mais tensa. – Aquela rapariga preocupa-se tanto contigo. A melhor coisa que podes fazer por ela é afastar-te. Não deixes que o que aconteceu ao teu pai aconteça à Aiko. – Ela tenta agarrar a minha mão e eu afasto-me. – Fica aqui, *Meimei*. Só nos temos uma à outra.

---

<sup>20</sup> NT: “jovem senhora” em chinês.

<sup>21</sup> NT: Máfia chinesa nos Estados Unidos.

– Não é isto que eu quero. – Estou a recuar, e o meu ombro vai contra o lixo, que ameaça enterrar-nos às duas debaixo de animais de peluche podres. – Isto não é *seguro*, *Ma*. Nem tu devias ficar aqui.

A minha *ma* tosse, os seus olhos lampejam na escuridão. A risada da sua coleção de frascos cresce numa maré viscosa, amantes passados balançando-se de trás para a frente nas suas prateleiras. – Um dia vais aprender que há mais na vida do que ser-se egoísta, *Meimei*.

É nesse momento que lhe volto as costas, empurrando ao passar o entulho e a porcaria que enchem o seu apartamento. Eu não quero morrer, mas, no que me diz respeito, viver como a minha *ma*, isolada do resto do mundo, as suas portas barricadas com amontoados de bugigangas inúteis e recordações amarguradas, é pior que estar morta.

Os frascos olham-me de soslaio e soltam risadas enquanto saio, e ela não tenta seguir-me.

O cheiro de Flushing agarra-se à minha pele, e eu mal posso esperar por sacudi-lo de mim. Entro no metro assim que consigo e estou de volta ao Tindr assim que o M chega à superfície. Lágrimas desfocam-me a visão, soltando-se com o movimento do comboio. Limpo-as irritada, e quando a minha visão clareia olho outra vez para o ecrã. Uma mulher de cabelo negro e lustroso, óculos finos de tartaruga e um sorriso um pouco envergonhado, mas estranhamente atraente, brilha para mim. Na fotografia, ela está emoldurada pela paisagem citadina da baixa. Tem bochechas redondas, mas há uma lisura estranha na sua cara. E depois, é claro, há os sonhos que a ensombram, tão fortes que transbordam do ecrã num miasma espesso e embriagante. Cada um dessa miríade de olhos fixa-me diretamente, e a minha pele começa a formigar.

Analiso a informação no seu perfil, o meu sangue a bater com tanta força que consigo sentir as pontas dos dedos a palpitar: parece relativamente jovem, mas com a idade suficiente para ser prima da minha mãe. Gostos: explorar boa comida, passar os dias de chuva em The Cloisters<sup>22</sup>, passear por lojas de livros em segunda mão. Localização: Manhattan.

Parece-se um pouco com a Aiko.

Ela é rápida a responder. Enquanto namoriscamos, suores frios e adrenalina enviam arrepios desconfortáveis pelo meu corpo. Está tudo mais nítido, e eu quase consigo ouvir o frasco do Harvey a rir-se. Por fim, as palavras pelas quais estava à espera aparecem:

---

<sup>22</sup> NT: Parte do Metropolitan Museum of Art dedicada à arte e arquitetura europeias medievais.

*Adorava conhecer-te. Estás livre hoje à noite?*

Faço uma paragem rápida em casa, e o meu coração martela assim que chego ao metro com destino ao Lower East Side<sup>23</sup>, um imaculado batom vermelho e os meus braços tremem debaixo do casaco de marca macio, um par de frascos de vidro da minha mãe enfiado na mala.

••••

O nome dela é Seo-yun, e enquanto ela me vê comer, os seus olhos oscilando da minha boca para a minha garganta, o seu sorriso é tão afiado que eu me podia cortar nele. – Adoro lugares assim – diz ela. – Espaços pequenos e autênticos só com uma dúzia de lugares. Já tinhas estado no Haru?

– Não – murmuro. Os meus dedos são desastrados com os pauzinhos, tremores fazem-nos bater um no outro, dificultando-me o agarrar da comida. Meu Deus, ela tem um cheiro delicioso. Nunca tinha conhecido alguém com uma mente tão perversa, tão rica; uma maldade tão bem desenvolvida e requintadamente elaborada como a sobremesa mais elegante.

*Vou levá-la para casa e abri-la ao meio como uma...*

Já consigo sentir o seu sabor na minha boca, a melhor refeição que alguma vez tive.

– Vai ser uma delícia – diz a Seo-yun no momento em que o empregado de mesa (o único funcionário para além do chefe atrás do balcão) nos traz outro bule de chá. – Este restaurante começou com uma banca numa estação de metro lá no Japão.

– Oh, uau – digo eu. – Isso é... fantástico.

– Também acho. Fico contente por eles se terem expandido para Manhattan.

Por detrás dos seus olhos bondosos, uma confusão de pensamentos ancestrais, desagradáveis, contorce-se como as caudas de um rei dos ratos. Nunca tinha visto tantos num só sítio. Rastejam da sua boca e das suas orelhas, trepando pelo ar nas suas pernas com escamas profundas, as suas vozes como o zumbido de uma invasão de gafanhotos.

Não sou a primeira dela. Consigo dizê-lo desde já. Mas lá está, ela também não é a minha primeira.

Passo a noite a suar no meu vestido, quase deixando cair os pauzinhos. Não consigo parar de olhar para os seus pensamentos desagradáveis, caindo dos seus lábios como escaravelhos inchados. Deslizam pela toalha de mesa na minha direção, sussurrando coisas

---

<sup>23</sup> NT: Bairro no sudoeste nova-iorquino.

obscenas que contrastam com a voz gentil da Seo-yun, sibilando as coisas que gostavam de me fazer. Preciso de toda a minha força para não os arrancar da mesa e esmagá-los entre os meus dentes ali mesmo, para não me atirar para o colo dela e rasgar-lhe a mente por completo.

A Seo-yun é demasiado para mim, mas eu já passei o ponto de não retorno; eu *preciso* de a ter.

Ela sorri para mim. – Não tens fome?

Olho para o meu prato. Mal consegui comer um par de *nigiri*<sup>24</sup>. – Estou de dieta – sussurro.

– Compreendo – diz, com ar sério. Os pensamentos desagradáveis rastejam-lhe sobre as costas das mãos, gotas iridescentes a pingar para o seu prato com molho de soja.

Quando o empregado de mesa finalmente desaparece para a cozinha, eu aproximo-me para a beijar por cima da mesa. Ela faz um barulho assustado, um rubor suave espalha-se pela sua cara, mas não se afasta. O meu cotovelo afunda-se no exosqueleto de um dos pensamentos-escaravelho, esmagando-o numa massa preta e húmida contra a minha pele.

Abro a minha boca para dar a primeira dentada.

– Então, estou curiosa – murmura a Seo-yun, a sua respiração a roçar-me os lábios. – Quem é a Aiko?

Os meus olhos abrem-se repentinamente. A Seo-yun sorri, a sua voz quente e tenra, todos os seus contornos escuros. – Ela parece querida, só isso. Estou surpreendida que ainda não a tenhas provado.

Recuo tão rápido que derrubo a minha chávena de chá, entornando chá a escaldar por todo o lado. Mas a Seo-yun não se mexe, apenas continua a sorrir com aquele sorriso bondoso e gentil, enquanto os seus pensamentos monstruosos lambem delicadamente a toalha de mesa.

– Ela tem um cheiro tão intenso – sussurra. – Mas tu tens medo de a arruinar, não tens? Devorá-la, e para quê? Tal como a tua mãe fez com o teu pai.

Não, não, não. Calculei tão mal. Mas tenho tanta fome, e sou demasiado nova, e ela cheira a poder ancestral. Não há maneira de eu conseguir fugir dela. – Sai-me da cabeça – consigo dizer.

---

<sup>24</sup> NT: Variedade de *sushi* feita com uma fatia de peixe sobre arroz prensado.

– Não estou na tua cabeça, minha querida. Os teus pensamentos estão a derramar-se por todo o lado à tua volta, para toda a gente ver. – Ela inclina-se, pousando o queixo na mão. Os pensamentos enrolados à volta da sua cabeça como uma coroa viva soltam um riso seco e estridente. – Eu gosto de ti, Jenny. És ambiciosa. Um pouco descuidada, mas podemos corrigir isso. – A Seo-yun tamborila na mesa e o empregado reaparece, dobrando a toalha com destreza e deslizando um único prato na mesa agora despida. Uma série de fatias finas e translúcidas estão dispostas em leque pelo prato, pálidas e a faiscar com malícia. Olhos bisetados a lampear e bocas apanhadas num meio-rosnar em todos os pedaços. – Só precisas de um pouco de prática e disciplina, e ninguém saberá no que é que estás realmente a pensar.

– Por conta da casa, claro, minha senhora – murmura o empregado de mesa. Antes de ele voltar a desaparecer, reparo nos pensamentos escuros, cheios de pernas, entrançados como uma pulseira à volta do seu pulso.

A Seo-yun dá a primeira dentada, olhando para mim por detrás dos seus óculos. – A tua mãe estava errada – diz ela. – Ela pensava que estavam sozinhas, que eram só vocês as duas. Por isso ensinou-te a comer só quando precisavas, para não seres apanhada, contando o tempo entre refeições como uma cobra.

– Não sabes nada sobre mim – respondo. O perfume inebriante e podre do prato à minha frente faz a minha cabeça girar de fome.

– A minha mãe era a mesma coisa. Comer para sobreviver, não por prazer. – Gesticula para o prato com os seus pauzinhos. – Por favor, come um pouco.

À medida que a comida desaparece, só consigo agarrar algumas fatias antes de os meus pauzinhos se soltarem, apanhando um pedaço para mim. É tão ácido que me queima a minha língua e faz os meus olhos arderem, mas deixa um travo estranhamente doce.

– Gostas?

Respondo devorando mais duas fatias e a Seo-yun ri-se. O Harvey é insonso comparado com isto, esta combinação de emoções estranhamente destilada ...

Arquejo à medida que o meu corpo começa a distorcer-se, as mãos a murchar, cicatrizes de queimaduras retorcendo-se à volta dos meus braços. Gasolina, malícia e alegria infantil invadem-me, num misto inebriante de hiperestimulação de memórias e dos sentidos. E logo os lábios da Seo-yun estão nos meus, os dentes a puxar gentilmente, a engolir, tirando-o de mim. As queimaduras desvanecem-se, mas o formigueiro da euforia cruel permanece.

Ela limpa a boca delicadamente. – Acho que comeste um pouco rápido demais, querida – diz. – O meu argumento, Jenny, é que eu acredito em comer por prazer, não apenas para sobreviver. E comunitariamente, claro. Há uns quantos de nós que, de vez em quando, se juntam para jantar ou beber em minha casa, e eu adoraria que te juntasses a nós esta noite. Uma espécie de clube de comida.

O meu olhar sobe para os seus pensamentos, mas eles estão quietos como pedras, apenas a observar-me com olhos que não pestanejam. A minha boca arde com o sabor da dela.

– Deixa-me apresentar-te em breve. Já não precisas de ficar sozinha. – Enquanto o empregado de mesa levanta o prato e lhe acena (sem conta, sem recibo, nada), a Seo-yun acrescenta – E esta noite não tem de acabar até que o queiramos. – Estende-me a mão. Após um momento de hesitação, agarro-a. É mais pequena que a minha, e quente.

– Sim, por favor – digo, observando os pensamentos dela, em vez da sua cara.

Ao sairmos do restaurante, ela pressiona os seus lábios contra a minha testa. Os seus lábios cauterizam a minha pele, os nervos a cantarem incandescentes, em êxtase. – Eles vão adorar-te – diz ela.

*Vamos divertirmo-nos imenso*, dizem os pensamentos a enrolarem-se por entre o seu cabelo negro.

Ela faz sinal a um táxi da frota que circula como lobos pela estrada, e entramos.

••••

Encontro a Aiko dois meses depois, à frente do meu apartamento, enquanto saio, carregando a última caixa das minhas coisas. Tem um ar de perplexidade no rosto e segura um saco com alhos-porros selvagens, combavas e palmitos, ingredientes que eu não teria reconhecido dois meses atrás, antes de conhecer a Seo-yun. – Estás a mudar-te?

Encolho os ombros, olhando por cima da cabeça dela, evitando os seus olhos. – Bem, sim. Estou a sair com uma pessoa, agora, e ela tem uma casa ótima.

– Oh. – Ela engole e muda o saco das compras mais para cima, para a anca. – Isso é fantástico. Não sabia que estavas a namorar com alguém. – Consigo ouvir o seu sorriso trémulo. – Ela deve estar a alimentar-te bem. Pareces mais saudável.

– Obrigada – digo, apesar de ficar admirada. É verdade, estou mais elegante, mais confiante agora. Já quase não estou em casa, de todo, passando a maior parte do meu tempo no

apartamento da Seo-yun em Chelsea, aprendendo a cozinhar com uma variedade de sais e especiarias infundidos em sonhos desagradáveis, bebendo vinho destilado de confissões de moribundos. O meu tempo a perseguir criminosos de segunda pelas ruas acabou. Mas porque é que a minha confiança se evaporou no momento em que vejo a Aiko? E se a fome voraz do Harvey desapareceu, porque é que estou a conter a respiração para não respirar o perfume dela?

– E como é que ela é?

– Mais velha, meio que... – *meio que se parece contigo* – baixa. Gosta de cozinhar, sim. – Começo a esgueirar-me por ela. – Olha, esta caixa é pesada e a carrinha está à minha espera lá em baixo. Tenho de ir.

– Espera – diz a Aiko, agarrando-me o braço. – A tua mãe continua a ligar-me. Ela ainda tem o meu número de... antes. Está preocupada contigo. Mais, eu não te vejo há imenso tempo e tu vais-te simplesmente embora?

Aiko, pequena e humilde. As mãos dela cheiram a casa, a farinha de arroz e más memórias. Como é que alguma vez achei isso atraente?

– Não precisamos de dizer adeus. Tenho a certeza de que te vou ver qualquer dia – minto, despachando-a.

– Vamos jantar um dia destes – diz a Aiko, mas eu já me estou a ir embora.

••••

A equipa de *catering* esvoaça pelo apartamento como melros, os uniformes escuros perfeitamente engomados, os seus próprios pensamentos desagradáveis entrançados e presos, fora do caminho. É uma casa com dois andares, e pessoas bem vestidas agrupam-se onde quer que haja espaço, desde a biblioteca da Seo-yun no andar de cima à sala de estar no rés-do-chão. Ela até pediu à equipa de *catering* para preparar algumas das minhas receitas, o que faz o meu coração resplandecer. – És a melhor – digo, ajoelhando-me na cama, ao lado dela, e dando-lhe um beijinho na bochecha.

A Seo-yun sorri, ajeitando-me o cabelo. Está com um vestido elegante azul-escuro e hoje os seus pensamentos assassinos estão pendurados nos seus ombros como um xaile, uma capa viva e contorcida. Os dentes deles reluzem como diamantes minúsculos. Nunca a vi tão bonita. – São boas receitas. Os meus amigos vão ficar tão entusiasmados por as provar.

Já conheci muitos deles, todos muito mais velhos que eu. Deixam-me nervosa. – Vou ver como está a comida – digo.

Ela acaricia a minha bochecha com o polegar. – O que quiseres, querida.

Escapo-me para a cozinha, murmurando breves cumprimentos aos convidados que encontro no caminho. Os seus sonhos hediondos enfeitam-nos como joias, cintilando e tentando agarrar-se a mim quando passo. Quando me cruzo com alguns dos cozinheiros, reparo num homem que me é vagamente familiar. – Ei! – digo.

– Sim, minha senhora? – O empregado vira-se e apercebo-me onde já o tinha visto; há uma foto dele e da Aiko no telemóvel dela, os dois a posar em frente a uma exposição de pratos de um grande evento para o qual eles tinham cozinhado. O meu coração abranda.

– Não és o colega de trabalho da Aiko?

Ele sorri e confirma. – Sim, sou o Jimmy. A Aiko é a minha sócia. Está à procura dela?

– Espera, ela está aqui?

Ele franze o sobrolho. – Devia estar. Ela nunca perde uma das festas da Menina Sun. – Sorri. – A Menina Sun deixa-nos levar os restos para casa quando a festa está a acabar. Ela é muito generosa.

Viro-me abruptamente e dirijo-me para as escadas, em direção ao quarto, abrindo caminho aos encontrões por entre a multidão. Pensamentos bombardeiam-me enquanto avanço: será que a Aiko sabia de mim, da minha *ma*, do que nós podemos fazer? Há quanto tempo é que ela sabe? E pior, a Seo-yun sempre soube da Aiko e fez de mim parva.

Abro a porta do quarto com estrondo e encontro a Aiko estendida na carpete, o seu casaco rasgado. A Seo-yun está agachada no chão, sobre ela, no seu vestido glorioso, a sua boca negra e reluzente. Não parece de todo surpreendida por me ver.

– Jenny, minha querida. Espero que não te importes que tenhamos começado sem ti. – A Seo-yun sorri. O seu batom está esborratado pelo seu queixo e pelo rosto vazio da Aiko. Não consigo dizer se a Aiko ainda está a respirar.

– Afasta-te dela – digo, numa voz baixa.

– Como queiras. – Levanta-se com elegância, atravessando a sala com passadas fluidas. – De qualquer maneira, já tinha acabado de petiscar. – Os sons da festa entram pelo quarto atrás de mim, e eu sei que não posso correr e agarrar na Aiko ao mesmo tempo.

Por isso, fecho a porta, trancando-a, e suavizo a minha voz até um doce ronronar. – Porque é que não me falaste da Aiko? Podíamos tê-la partilhado.

Mas a Seo-yun apenas se ri de mim. – Não me consegues enganar, Jenny. Consigo cheirar a tua raiva pelo quarto inteiro. – Aproxima-se, alcança a minha cara, e eu recuo para a porta. – Faz-te tão bonita. O último tempero num prato quase pronto.

– És louca, e eu vou matar-te – digo. Ela beija-me o pescoço, os seus dentes raspam a minha garganta, e o seu cheiro é tão inebriante que os meus joelhos quase cedem.

– Eu vi-te na mente dela, deliciosa como tudo – sussurra. Os seus pensamentos desagradáveis sibilam pelos meus braços, entrelaçando-se à volta da minha cintura. Sinto uma picada forte no meu pulso, olho para baixo e vejo que um deles já está a roer a minha pele. – E eu sabia que tinha de te ter.

Há um estrondo, e a Seo-yun grita quando um candeeiro de porcelana se despedaça na parte de trás da sua cabeça. A Aiko está de pé, balançando instável, com o rosto sombrio. – Afasta-te dela, caralho – diz ela num grunhido, a sua voz pouco mais que um sussurro.

– Sua cabra... – rosna a Seo-yun.

Mas eu aproveito a oportunidade e atiro-me, fechando os meus dentes na cavidade da garganta da Seo-yun, mesmo onde o seu xaile de pensamentos se junta e se dobra para dentro. Mastigo e engulo, mastigo e engulo, empanturrando-me desta mulher. Os seus pensamentos são meus agora, resistindo enquanto lhos tiro, e tenho vislumbres de mim, da Aiko, e de muitas outras como nós, em vários estados de confusão, de preparação.

A minha *ma* disse-me uma vez que foi assim que o meu *baba* morreu; ela esvaziou-o acidentalmente, até ele desaparecer por completo. Pela primeira vez na minha vida eu percebo-a totalmente.

As braceletes da Seo-yun ressoam no chão, o seu vestido vazio a flutuar em silêncio logo de seguida. A Aiko também se desmorona, dobrando-se como papel.

Magoa ingerir tanto. O meu estômago dói imenso, todo o meu corpo inchado com pensamentos hediondos. Ao mesmo tempo, nunca me senti tão viva, animada com tanta possibilidade e raiva incontrolável.

Inclino-me sobre a Aiko no chão, malícia escorrendo da sua boca e manchando a carpete. – Aiko, acorda! – mas ela parece oca, mais leve, vazia. Já nem cheira a ela mesma.

Um bater à porta sobressalta-me. – Minha senhora – diz uma voz que eu reconheço como o chefe da equipa de *catering*. – O primeiro dos pratos principais já está pronto. O Sr. Goldberg quer saber se vai descer para fazer um brinde?

*Foda-se.* – Eu... – começo a dizer, mas a voz não é minha. Olho de relance para o espelho; como seria de esperar, é a Seo-yun que está a olhar para mim, os seus sonhos escuros e terríveis entrelaçados à volta do seu corpo numa confusão de nós. – Já aí vou ter – digo, e gentilmente deito a Aiko na cama. Depois visto-me e saio, o meu coração a bater na boca.

Desço a forma da Seo-yun escadas a baixo até à sala de jantar, onde os convidados se passeiam, de prato na mão, e sorrio o sorriso da Seo-yun. E se me pareço demasiado comigo mesma, bem – segundo o que eu vira enquanto estava a engolir os pensamentos da Seo-yun, eu não seria a primeira possível candidata a desaparecer numa festa destas. Alguém me passa um copo de vinho, e quando lhe pego a minha mão não treme, apesar de eu estar a gritar por dentro.

Cinquenta pares de olhos focados em mim, os dos empregados a reluzirem frios nas sombras. Será que algum deles sabe? Qualquer um deles se apercebe?

– À vossa saúde prolongada e a um jantar fabuloso – digo, erguendo o meu copo. Como um, todos eles bebem.

••••

O apartamento da Seo-yun está escuro, livre tanto de convidados como de empregados. Todas as portas estão trancadas, todas as cortinas corridas.

Tirei todos os frascos, todos os recipientes, todos os tachos e panelas da cozinha, e agora eles cobrem o chão do quarto, formando um rasto até à entrada, no andar de baixo. Muitos estão cheios, os seus conteúdos malignos sibilam e sussurram-me promessas hediondas enquanto ponho a mão na boca, vomitando para o tacho no meu colo.

A Aiko está deitada na cama, pálida e quieta. Há farinha e bÍlis na parte da frente do seu casaco. – Aguenta firme – sussurro, mas ela não responde. Rodopio o tacho, procurando nos seus conteúdos alguma pista da Aiko, mas a cara da Seo-yun sorri para mim num esgar a partir dos padrões de luz que cintilam na superfície do líquido. Afasto-o para longe de mim, entornando um bocado na carpete.

Agarro um outro da miríade de pensamentos rastejantes emaranhados à minha volta, enfiando os meus dentes no seu corpo, desfazendo-o em pedaços enquanto grita e uiva promessas terríveis, promessas que não vai poder cumprir. Como-o cru, as suas escamas a raspar no meu céu-da-boca, mastigando-o minuciosamente. Quanto mais partido estiver, mais fácil será escolher por entre os bocados que sobram, quando sai outra vez.

*Há quanto tempo é que sabias? Sempre soubeste?*

Eu vou encontrá-la, penso, à medida que o líquido negro e viscoso escorre da minha boca para as minhas mãos, queimando a minha garganta. O campo de recipientes agrupa-se à minha volta como uma tempestade de estrelas malévolas, todas as sussurrarem o meu nome. Ela está aqui algures, eu consigo ver o seu reflexo movendo-se nas suas superfícies. Se eu tiver de rasgar todos os bocados da Seo-yun que eu tenho, desde os seus sonhos até à sua pele suave e com sardas, enrolada à volta do meu corpo, fá-lo-ei. Vou espremer de mim cada pingo repugnante da Seo-yun até encontrar a Aiko, e depois vou enchê-la de volta, verter para a sua boca até a deixar cheia de si mesma.

Como é que pude esquecê-la? Como é que pude esquecer o seu sabor, o seu perfume, algo tão horrível e bonito como casa?

## 6. Problemas de Tradução

Antes de passarmos à análise dos problemas concretos que enfrentámos durante o processo de tradução dos contos selecionados, é importante referir que existem à partida problemas específicos do par de línguas trabalhado, inerentes à diferente natureza dos dois idiomas envolvidos. Começam, desde logo, pelo facto de as línguas serem de ramos linguísticos distintos (o português é uma língua românica e o inglês, germânica), apesar de ambos pertencerem à família indo-europeia. Alguns casos típicos de diferença ocorrem a nível da estrutura frásica – em inglês, os adjetivos ocorrem antes dos substantivos, as frases podem acabar com preposições, por exemplo –; no inglês, a maioria dos substantivos não apresenta género gramatical, o que pode levar a conflitos nalgumas traduções caso faltem explicitações; o inglês presta-se facilmente à criação de neologismos, algo nem sempre possível no português. Estas são apenas algumas especificidades que o tradutor deve ter em mente, inclusive antes de começar a traduzir.

O processo de tradução envolve mais que uma simples transferência de informação de uma língua para outra. É necessário procurar termos equivalentes nas duas línguas, algo que nem sempre é fácil, pois a tradução, na maior parte dos casos, não deve ser literal, sob pena de alteração do significado ou ilegibilidade do texto. Como vimos no Capítulo 2, na tradução do texto literário, e segundo as teorias funcionalistas, é importante ter em conta a sua natureza artística, uma vez que a função expressiva do texto requer uma abordagem diferente, quando comparada, por exemplo, com a dos textos informativos (Newmark, 1988: 39-40). Vinay & Darbelnet, em “A Methodology for Translation” (1958/2000), enumeram vários métodos de tradução, nomeadamente o Empréstimo<sup>25</sup>, a Transposição<sup>26</sup>, a Modulação<sup>27</sup> e a Equivalência<sup>28</sup>,

---

<sup>25</sup> O Empréstimo é o uso de estrangeirismos no texto de chegada para, por exemplo, “introduce the flavour of the source language [sic] (SL) culture into a translation” (*ibidem*: 85): por exemplo, “origami” (HDSM).

<sup>26</sup> A Transposição é “replacing one word class with another without changing the meaning of the message” (*ibidem*: 88), por exemplo a tradução de um substantivo em inglês para um verbo em português, como em “It was sunset” por “O sol estava a pôr-se” (FPLW).

<sup>27</sup> A Modulação é a “variation of the form of the message, obtained by a change in the point of view” (*ibidem*: 89), por exemplo traduzir “was unusual” por “não era comum” (FPLW).

<sup>28</sup> A Equivalência acontece porque “the same situation can be rendered by two texts using completely different stylistic and structural methods” (*ibidem*: 90), por exemplo, onomatopeias, interjeições, provérbios ou expressões idiomáticas, sendo a grande parte das equivalências fixa. Esta pode ser a transformação de “miles” e “inches” em “quilómetros” e “centímetros” (FPLW e HDSM, respetivamente).

que serviram como guias para o nosso processo de tradução. Também se recorreu ao uso de Acréscimos<sup>29</sup>, quando o texto de chegada precisou de algum tipo de explicitação.

No caso em apreço, surgem também problemas inerentes à tradução de ficção especulativa, os quais podem ocorrer em qualquer um dos média e não exclusivamente na literatura. Destes mencionaremos apenas os dois aspetos mais comuns e, por isso, mais relevantes.

Começamos por levantar a questão dos topónimos. Será que o tradutor deve traduzir os nomes que o autor cria? Se traduz um, deve traduzir os outros todos? Jorge Candeias, o tradutor português de *A Song of Ice and Fire* (1996-presente), de George R. R. Martin, diz-nos que “[u]ma das regras básicas da tradução dita que nomes e topónimos não se devem traduzir” (Candeias, 2007: 381), contudo, esta é uma regra que o próprio Candeias reconhece nem sempre conseguir seguir, porque os escritores “por vezes escrevem histórias passadas em mundos de fantasia”, onde incluem “nomes exóticos” (*ibidem*). Na obra de Martin, Candeias admite ter sido inconsistente, seguindo a regra nalguns casos e noutros não: vejam-se os exemplos dos locais “Winterfell” e “Riverrun”, em que, no primeiro, o tradutor manteve o nome original, mas, no segundo, traduziu para “Correrrio” (Martin, 1996/2007).

Os escritores podem levar este “exotismo” ainda mais longe, criando línguas artificiais<sup>30</sup>, por exemplo o *Quenya* de Tolkien ou o *Klingon* em *Stark Trek*, entre outras, línguas estas dicionarizadas e até mesmo ensinadas em algumas escolas (AFP, 2004, 5 de março). Como é que um tradutor pode reagir perante tal desafio? Na sua tese de doutoramento, Victor Pina Medina, fazendo referência ao *Nadsat* de *Clockwork Orange* (1962), refere que “casi todos los obstáculos se podrán superar siempre que se ponga a trabajar la imaginación” (1997: 680). López-Rúa parece concordar, de certo modo, com esta opinião ao analisar o *Newspeak* de *Nineteen Eighty-Four* (1949) e as suas traduções para espanhol. Referindo-se ao dilema entre “faithfulness to form and faithfulness to content” (2006: 537), pondera entre uma tradução mais literal ou uma tradução que siga, na língua de chegada, as regras linguísticas que Orwell criou, mesmo que o significado original possa mudar. Na sua opinião, “the translator should aim at creating the same impression in the readers of the target language” (*ibidem*),

---

<sup>29</sup> Segundo Nida, existem nove tipos de Acréscimos (1964: 227), podendo ser, por exemplo, a explicitação de algum conceito estranho para o leitor da cultura de chegada. Veja-se “Mojave” (FPLW): o leitor português provavelmente não associaria o nome a um deserto americano, pelo que recorremos a um acréscimo.

<sup>30</sup> Uma língua artificial “is one that has been created for some specific purpose or reason, as opposed to a natural language, such as those spoken by most speech communities around the world, which is normally thought of as having evolved along with its speech community” (Malmkjaer, 2002: 47). A língua artificial mais conhecida é o Esperanto, criada em 1887 com o objetivo de vir a ser uma *lingua franca*.

utilizando a imaginação para transmitir, no texto de chegada, a naturalidade pretendida no *Newspeak*. Em Portugal, a tradutora Ana Luísa Faria parece ter adotado uma estratégia literal, combinada com uma certa adaptação de alguns termos. Vejamos, por exemplo, “newspeak” e “facecrime”, traduzidos de maneira mais literal para “novilíngua” e “rostocrime”, e “thoughtcrime” que foi adaptado para “crime de pensamento” (Orwell, 1949/2012).

Como em qualquer obra de ficção, também nas de ficção especulativa pode surgir vocabulário das mais diversas áreas, relacionadas ou não com a temática da fantasia, da ficção científica ou do horror. Por exemplo, o enredo de uma obra de fantasia pode envolver variadas espécies, como os “gancanagh”, podendo estas ter diferenças subtis entre si, como “fairies” e “faes” (Howard, 2016); uma obra ficção científica – especialmente se for uma *space opera*<sup>31</sup> – pode incluir termos militares, como “XO” ou “El-Tee”, ou navais, como “freighter” (Corey, 2013); e numa obra de horror poderão encontrar-se termos religiosos, como “cassock” ou “ascetic” (Blatty, 1971/2011). Para ultrapassar problemas de vocabulário técnico, o tradutor deve fazer pesquisas direcionadas à área em questão e, se possível, falar com especialistas.

### 6.1. Problemas de Significado

Um dos problemas mais abundantes numa tradução literária é a ocorrência de palavras polissémicas que têm, na língua de partida, um maior número de significados do que na de chegada. Vítor Aguiar e Silva descreve o texto literário como “plurissignificativo ou pluri-isotópico, porque nele o signo linguístico, os sintagmas, os enunciados, a microestrutura e as macroestruturas são portadoras de múltiplas dimensões semânticas, tendem para uma multivalência significativa” (2000: 658). O contexto nem sempre deixa claro qual é o significado desejado, podendo até tratar-se de um caso em que o autor pretendeu invocar dois ou mais dos sentidos.

Durante o processo de tradução, surgiram várias palavras que se inserem nesta categoria. Focar-nos-emos particularmente em “itch”, “ripe” e “sharp”, termos presentes em ambos os contos e que nem sempre foram traduzidos de forma igual. O verbo “itch”, segundo o *Cambridge Dictionary*, é “to have or cause an uncomfortable feeling on the skin that makes you want to rub it with your nails” (Cambridge University Press, s.d.a), podendo ser também

---

<sup>31</sup> Termo tipicamente utilizado para designar obras onde ocorrem aventuras espaciais de conflitos interplanetários ou interestelares (Stableford & Langford, 2020, 13 de janeiro), podendo ocorrer em vários média. Um exemplo bastante conhecido é a saga *Star Wars*, que vai desde o cinema a séries televisivas, passando pela banda desenhada.

“to want to do something very much and as soon as possible” (vd. “itch to do sth”, Cambridge University Press, s.d.b.), ou seja, uma ânsia, inquietação ou desejo forte de fazer alguma coisa. As soluções encontradas foram as seguintes:

<b>Conto</b>	<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto de Chegada</b>
FPLW	“My hands <b>itched</b> with electricity”	“As minhas mãos <b>pruíam</b> com eletricidade”
HDSM	“the oily smell making my skin <b>itch</b> ”	“o cheiro a gordura deixa-me <b>inquieta</b> ”
	“my mouth <b>itching</b> ”	“uma <b>comichão</b> na minha boca”
	“it makes my tongue burn and eyes <b>itch</b> ”	“queima a minha língua e faz os meus olhos <b>arderem</b> ”

Como se pode ver, nenhuma das soluções foi igual a outra. No primeiro caso, utilizámos um verbo igualmente polissémico, uma vez que a eletricidade pode tanto causar comichão como deixar Hannah inquieta (Porto Editora, s.d.a). Já no segundo exemplo, assumimos que a autora utilizou “itch” apenas com o sentido de ânsia, pelo que escolhemos adaptar a frase, uma vez que “skin” transmite a ideia de todo o corpo, estando a personagem, por isso, inquieta na sua totalidade. No caso seguinte, optámos pelo significado literal da palavra, recorrendo, no entanto, a uma modulação de verbo para substantivo. Por fim, na última ocorrência de “itch”, decidimos pegar emprestado o significado de “burn” porque no contexto tanto “burn” como “itch” transmitem a mesma ideia de ardor.

Segundo o dicionário *online Lexico*, da Oxford, “ripe” significa, no caso de fruta, “developed to the point of readiness for harvesting and eating” ou, no caso de cheiros, “rich, intense, or pungent”, podendo ainda significar estar pronto para alguma coisa, estar cheio de algo, ou ser de uma idade avançada (Oxford University Press, s.d.a).

<b>Conto</b>	<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto de Chegada</b>
FPLW	“the scent of ozone was <b>ripe</b> and acrid in the air”	“o cheiro a ozono era <b>intenso</b> e amargo no ar”

	“sparking <b>ripe</b> and rich for the taking”	“faiscar <b>madura</b> e rica para ser consumida”
	“so <b>ripe</b> with power”	“tão <b>cheia</b> de poder”
HDSM	“She smells so <b>ripe</b> ”	“Ela tem um cheiro tão <b>intenso</b> ”

Nos casos envolvidos com o olfato, repetimos uma das soluções, decidindo-nos por “intenso”, seguindo o que está presente no dicionário *Lexico*; no segundo exemplo, uma vez que se trata de uma metáfora, escolhemos manter “madura”, em vez de “pronta” ou de “cheia”, termo este que utilizámos para o terceiro caso, mais uma vez de harmonia com o *Lexico*.

Por último, a palavra que nesta lista tem o maior número de significados é “sharp”, com mais de uma dezena de entradas no dicionário *Cambridge*. Destas, como se poderá ver no quadro abaixo, foram utilizadas apenas sete, respetivamente: “sour in taste”, “[something] happening suddenly, quickly, and strongly”, “a thin edge or point that can cut”, “act in a severe and angry way”, “clear; easy to see or understand”, “someone’s face that is very pointed” e, por fim, “pain that makes you feel like you have been cut” (Cambridge University Press, s.d.c).

Conto	Texto de Partida	Texto de Chegada
FPLW	“the taste of glory lingered (...) <b>sharp</b> in the stale cabin air”	“o sabor da glória permanecia (...) <b>apurado</b> no ar viciado da cabine”
HDSM	“My eyes flick up <b>sharply</b> ”	“Os meus olhos sobem <b>bruscamente</b> ”
	“fingers digging <b>sharp</b> into his body”	“dedos cravados <b>fundo</b> no seu corpo”
	“I bark a short, <b>sharp</b> laugh”	“Ladro uma gargalhada curta e <b>cortante</b> ”
	“Everything is <b>sharper</b> ”	“Está tudo mais <b>nítido</b> ”
	“smile is so <b>sharp</b> I could cut myself on it”	“sorriso é tão <b>afiado</b> que eu me podia cortar nele”
	“a <b>sharp</b> sting at my wrist”	“uma picada <b>forte</b> no meu pulso”

Dado que as definições acima listadas se encontram ordenadas de acordo com o quadro, faremos apenas referência a três das soluções escolhidas. Assim: 1) para o primeiro caso, não utilizámos “ácido” porque, geralmente, “glória” não tem conotações negativas, pelo que nos decidimos por um adjetivo mais neutro, já que qualquer sabor – doce, salgado ou ácido – pode ser apurado; 2) no caso de “sharp laugh”, escolhemos traduzir por “cortante”, no sentido de um modo de agir severo, pois, no contexto, Jen irrita-se ao lhe ser sugerido voltar à casa da mãe; e 3) traduzimos “sharp smile” por “sorriso afiado” (em vez de “inteligente” ou “severo”, tendo presentes outras definições do *Cambridge Dictionary*), devido ao contexto da frase, “cut myself on it”, mantendo a imagem do texto de partida.

Ainda dentro dos problemas de significado, abordamos agora palavras que são sinónimos em inglês, mas que tiveram de ser traduzidas de forma menos coerente. Ao passo que, no grupo anterior, a mesma palavra foi traduzida de diferentes formas consoante o contexto, neste grupo, diferentes palavras com significados parecidos tiveram de ser traduzidas, por vezes, pela mesma palavra portuguesa. Os termos em questão são hipónimos de *brilhar* e de *queimar*. No primeiro caso, surgiram as palavras “bright”, “glimmer”, “glint”, “glisten”, “glitter”, “glow” e “spark” e, no segundo, “burn”, “char”, “scorch”, “sear” e “sing”, tendo, algumas destas palavras, surgido nas suas mais diferentes derivações. As soluções escolhidas foram apoiadas no *Dicionário Inglês-Português* de Houaiss & Cardim (1982a) e no *Dicionário Houaiss: sinónimos e antónimos* (Houaiss, 2008), para além do *Dicionário Inglês-Português ou Português-Inglês* da Porto Editora (2015) e do dicionário online *Priberam*.

Começando pelas palavras do campo semântico de *brilho*: para “bright” e “brightly” (FPLW), utilizou-se, respetivamente, “**brilhante**” e “**brilantemente**”; para os casos com “glitter” (HDSM), a solução foi sempre relacionada com “**reluzir**”; todas as instâncias de “glimmer” (FPLW e HDSM) foram traduzidas por “**cintilar**”; tanto “spark” (FPLW) como “glisten” (HDSM) foram traduzidos por “**faiscar**”; já para “glint” e “glow” os resultados foram diferentes consoante os casos, como demonstramos na tabela abaixo:

Conto	Texto de Partida	Texto de Chegada
FPLW	“Mel <b>glowed</b> soft, luminescent”	“A Mel <b>resplandecia</b> , leve, luminescente”
	“tapping a single <b>glowing</b> point”	“tocando num único ponto <b>brilhante</b> ”

HDSM	“[her hair] <b>aglow</b> in the kitchen light”	“[o seu cabelo] <b>resplandecente</b> à luz da cozinha”
	“a sickly blue <b>glow</b> ”	“um <b>brilho</b> azul doentio”
	“[a smile] <b>glows</b> up at me”	“[um sorriso] <b>brilha</b> para mim”
	“makes my heart <b>glow</b> ”	“faz o meu coração <b>resplandecer</b> ”
FPLW	“ <b>glinting</b> off of the blade”	“ <b>lampejando</b> da lâmina”
	“lightning <b>glinting</b> across her palm”	“relâmpagos a <b>faiscar</b> pela palma da sua mão”
HDSM	“her eyes <b>glinting</b> in the dark”	“os seus olhos <b>lampejam</b> na escuridão”
	“Bisected eyes <b>glint</b> ”	“Olhos bisetados a <b>lampejar</b> ”

No caso específico de “glint”, não há uma total coerência com as outras traduções, pois porque quisemos que o texto de chegada ficasse “relâmpagos a relampejar”, redundando assim numa aliteração, para além de um pleonasma.

Quanto às palavras com sentido de *queimar*, houve menos uniformidade entre as palavras inglesas e as soluções portuguesas. A palavra “burn” (tanto em FPLW como em HDSM) foi traduzida maioritariamente como “queimar” ou “arder”, dependendo dos contextos – ex.: “**queima** a minha língua” (HDSM); “contigo a **arder** até à morte” (FPLW) –, havendo, contudo, duas exceções: 1) “roommate blackened and **burned**” (FPLW), que traduzimos por “**calcinado**”, em harmonia com Houaiss & Cardim (1982b: 96), uma vez que consideramos transmitir melhor a imagem pretendida pela autora; e 2) “dessert menu **burned** into a wooden card” (HDSM), que traduzimos por “**pirogravado** numa placa de madeira”, por ser o termo técnico utilizado para a escrita ou o desenho em madeira ou couro (vd. “pirogravura”, Porto Editora, s.d.b). Tanto “char” como “sing” apenas tiveram uma ocorrência cada (ambas em FPLW), levando a que “charred” fosse traduzido por “**carbonizada**” e “singeing” por “**chamuscando**”. Finalmente, “scorch” e “sear” foram traduzidas das seguintes formas:

<b>Conto</b>	<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto de Chegada</b>
FPLW	“ <b>scorched</b> wood and sugar”	“ <b>queimou</b> (...) madeira e açúcar”
	“windows never <b>scorched</b> ”	“janelas nunca <b>chamuscadas</b> ”
	“Melanie <b>scorches</b> him to pieces”	“Melanie despedaça-o com <b>labaredas</b> ”
FPLW	“glass footprints <b>seared</b> into the desert sand”	“pegadas de vidro <b>crestadas</b> na areia do deserto”
	“ <b>searing</b> them bone-bare”	“ <b>incendiando-os</b> até ao osso”
	“ <b>searing</b> the ground of my heart”	“ <b>crestando</b> o fundo do meu coração”
HDSM	“Her lips <b>sear</b> into my skin”	“Os seus lábios <b>cauterizam</b> a minha pele”

Do quadro acima, achamos relevante mencionar que: 1) na última ocorrência de “scorch” foi necessário seguir o método de Transposição sugerido por Vinay & Darbelnet, alterando a estrutura da frase de “Melanie **scorches** him to pieces” para “A Melanie despedaça-o com **labaredas**”, para transmitir a ideia do texto de partida, uma vez que “the translation thus obtained fits better into the utterance” (1958/2000: 88); 2) “sear” foi, por duas vezes, traduzido como “**crestar**”, cujo significado, segundo o dicionário *Priberam*, pode ser “Queimar superficialmente, levemente” ou “Tornar seco, por efeito do calor ou do frio” (Priberam, s.d.a), estando de acordo com a definição do dicionário *Lexico* para “sear”: “Burn or scorch the surface of (something) with a sudden, intense heat” (Oxford University Press, s.d.b); e 3) na única vez em que “sear” surge em HDSM, escolhemos traduzir como “**cauterizar**”, mantendo a ideia de um toque bastante quente<sup>32</sup>.

## 6.2. Expressões e Frases Feitas

Como já foi referido, traduzir implica mais do que uma transferência linguística, uma vez que os idiomas refletem culturas e suas especificidades, nomeadamente ao nível de ditados,

<sup>32</sup> Numa primeira instância, tínhamos traduzido como “selar”, remetendo para a ideia de “Cozinhar (a carne) a temperatura muito alta no início, de forma a criar uma crosta alourada” (Priberam, s.d.b); contudo, uma vez que “selar” transmite, primeiramente, a ideia de marcar com selo ou carimbo, considerámos que o significado do texto de partida ficaria obscurecido.

trocadilhos, frases feitas ou expressões idiomáticas, os quais, quando traduzidos literalmente, podem deixar de fazer sentido. Um tradutor necessita de bons conhecimentos culturais de ambas as línguas com que está a trabalhar para conseguir perceber e procurar as “equivalências”<sup>33</sup> para este tipo de casos, especialmente nos dias atuais, em que, devido à globalização e às novas tecnologias, novas expressões surgem frequentemente. Durante o processo de tradução, encontrámos várias expressões deste âmbito, das quais mencionaremos aquelas que mais se destacaram:

a) *bright in front of me* (FPLW) – neste primeiro caso, admitimos ter-se perdido o jogo de palavras com “right in front of me”, não tendo sido possível encontrar um trocadilho semelhante, pelo que traduzimos apenas por “brilhava mesmo à minha frente”;

b) *fall of the cards* (FPLW) – segundo o dicionário *Collins*, esta expressão significa “the chance distribution of cards in a given deal” (Collins, s.d.b), ou seja, no contexto poderá querer dizer “deixado à sorte” ou “sair em sorte”, tratando-se assim de uma metáfora. Traduzir à letra esta expressão por “queda de cartas” ou “cartas caídas” não faria qualquer sentido para o leitor. Decidimos explicitar a expressão, traduzindo como “lançadas (...) como cartas de um baralho”;

c) *hit the ground running* (FPLW) – traduzimos esta expressão como “pus mãos à obra”, tendo como base a definição do dicionário *Lexico*: “Start something and proceed at a fast pace with great enthusiasm” (Oxford University Press, s.d.c). Usamos assim uma expressão tipicamente portuguesa que se enquadra no contexto, pois as personagens controlam o tempo através da eletricidade nas mãos;

d) *a red-eye* (FPLW) – não sendo particularmente difícil de traduzir, decidimos incluir esta expressão porque em português não existe equivalente, tendo sido traduzida simplesmente como “voo noturno”;

e) *Dunno* (FPLW) – para esta contração de “I do not know”, escolhemos “N’sei”, em detrimento de outras opções informais possíveis, como “Nã’ sei”, que poderá evocar conotações provincianas;

f) *I love me some perky tits* (HDSM) – esta frase contém duas expressões que tiveram de ser adaptadas: em primeiro lugar, “I love me some”, que enfatiza o gostar bastante de alguma coisa, e que escolhemos traduzir por “Como eu adoro”, utilizando uma estrutura igualmente

---

<sup>33</sup> Ver nota 28.

redundante e enfática; e, em segundo lugar, “perky tits”, que, consultando o *Urban Dictionary*, significa “When your nipples are hard and you[sic] tits don’t sag” (DawnWhyhanIsHornyAF, 2015, 11 de junho), tendo optando, assim, por “mamas firmes”, que confrontámos com uma legenda de um episódio da série *Wyonna Earp*<sup>34</sup>;

g) *barely coat my stomach* (HDSM) – para transmitir a ideia de insatisfação contida nesta expressão, escolhemos traduzir como “mal me forram ao estômago” (vd. “estômago”, Priberam, s.d.c), preservando, assim, a imagem de revestimento do inglês;

h) *both grounds me and drives me mad* (HDSM) – a expressão “grounds me” pode ter mais do que uma interpretação, dado que estar “grounded”, segundo o dicionário *Merriam-Webster*, é “mentally and emotionally stable” (Merriam-Webster, s.d.a), ao qual o *Lexico* acrescenta “not allowed to participate in social or recreational activities” (Oxford University Press, s.d.d), ou seja, “estar de castigo”. No contexto em causa, escolhemos “tanto me alicerça como me enlouquece”, por a Jen se referir a uma mistura de sentimentos;

i) *the walls are honeycombed with shelves* (HDSM) – o termo “honeycomb” que, segundo o *Merriam-Webster*, significa “something that resembles a honeycomb in structure or appearance” (Merriam-Webster, s.d.b), mostrou-se particularmente difícil de transpor para a língua de chegada no contexto em que surge, uma vez que dá a ideia de várias prateleiras, numa disposição que lembra favos de mel. Assim, a solução encontrada foi a de uma comparação entre as paredes da casa e uma colmeia: “as paredes, cobertas de prateleiras, como favos de uma colmeia”;

j) *you’re in for a treat* (HDSM) – escolhemos incluir esta expressão devido ao contexto no qual se insere. Tendo em conta que há personagens que conseguem ver e ouvir os pensamentos das outras, esta frase tornou-se complicada de traduzir, dado que Seo-yun pode estar a responder tanto à fala (“I haven’t [been to the Haru before]”) como ao pensamento (“I can already taste her on my tongue”) de Jen, pois esta ainda não sabe que Seo-yun é da sua espécie. Ponderámos traduzir por “Nem sabes o que te espera” para manter a ambiguidade, mas perder-se-ia o sentido de “treat”, pelo que nos decidimos por “Vai ser uma delícia”; e

k) *I’m in too far, too hard* (HDSM) – listamos esta expressão dada a forte conotação sexual (nomeadamente através de “hard”, que em calão<sup>35</sup> significa estar excitado sexualmente).

---

<sup>34</sup> A legendagem foi feita por Marta Luz para a Netflix; a cena em questão ocorre entre 00h12’30” e 00h12’32” do quarto episódio da primeira temporada (Hurst & Paolo, 2016, 22 de abril).

<sup>35</sup> Abordaremos o uso e a tradução de calão no ponto 6.4. do presente Trabalho de Projeto.

Assim, para podermos manter a ideia de não poder voltar atrás expressa em “too far”, juntamente com a sugestão erótica, escolhemos traduzir como “eu já passei o ponto de não retorno”.

### **6.3. Estrangeirismos e Notas de Rodapé**

Como refere Clifford Landers, “difficulties [often] arise (...) from cultural artifacts not found in the target culture”, acrescentando que as diferenças culturais têm de ser ultrapassadas pelo tradutor através de três possíveis estratégias (2001: 93) – a interpolação, a omissão e as notas de rodapé, nas quais nos focaremos. Estas são uma solução utilizada por vários tradutores para esclarecer o leitor, mas que muitos outros, pelo contrário, evitam por considerarem que quebram a imersão do leitor na narrativa, ou que são uma “confissão de fracasso” por parte do tradutor (Pym, 2004: 100).

Durante o processo de tradução de ambos os contos, surgiram expressões estreitamente relacionadas com os tais “artefactos culturais”, que, contrariamente ao ponto anterior, escolhemos não traduzir, especialmente em HDSM, uma vez que aqui são utilizadas palavras chinesas (“Meimei”<sup>36</sup>), há referências a comidas asiáticas (“lo mein”) e a instituições como “Ivy League”. No caso das palavras chinesas, a própria autora utiliza-as por oposição às palavras inglesas, estando já marcada a estrangeirização no texto de partida, o que nos levou a seguir o seu exemplo. O mesmo ocorreu no caso dos pratos típicos, pois para serem traduzidos seria necessário domesticar e procurar equivalências com pratos conhecidos pelo público-alvo, o que levaria a incoerências contextuais. No último exemplo referido, uma vez que se trata de uma expressão americana, ponderámos domesticá-la para algo parecido a “futebolista de universidade privada”, uma vez que o leitor poderia não ter conhecimentos suficientes sobre a vida académica dos Estados Unidos para saber o que é a “Ivy League”; contudo, acabámos por ir contra essa ideia, mantendo-a igual ao texto de partida. Todas estas barreiras culturais foram ultrapassadas com a ajuda de notas de rodapé, permitindo, deste modo, esclarecer o leitor e preservando, ao mesmo tempo, a “voz” do texto de partida.

Surgiram ainda casos em que escolhemos empregar estrangeirismos, uma decisão que, ao contrário das anteriores, não foi influenciada por alguma barreira cultural, mas porque o

---

<sup>36</sup> Para incluirmos a tradução de “Meimei”, assim como de “Ma” e “Baba”, nas notas de tradutor, recorremos ao dicionário *online Yabla* (Yabla, s.d.a, s.d.b, s.d.c), confirmando os termos mais tarde com uma colega de Mestrado chinesa (Yingjie Zhang, comunicação pessoal, 07 de abril de 2020).

termo se enquadrava melhor<sup>37</sup>. No caso de “catering” e “caterers”, em HDSM, falámos com o chefe de cozinha do Hotel VIP Executive Entrecampos, que nos aconselhou a manter “catering” e “equipa de catering”, respetivamente, uma vez que são as expressões mais utilizadas no meio (José Luís Diniz, comunicação pessoal, 17 de dezembro de 2019), estabelecendo-se assim a diferença em relação aos tradicionais “waiters”, os empregados de mesa de restaurantes, também presentes no mesmo conto. Surgiu também a questão de “anime”, os “desenhos animados de origem japonesa” (Priberam, s.d.d), termo que, segundo o dicionário *Priberam*, já tem grafia portuguesa (“animé”); não obstante, decidimos manter a grafia estrangeira italicizada, por ser como a maioria dos portugueses reconhece a palavra.

Quanto a “sprint” (FPLW) e “flirt” (HDSM), apesar de em Portugal já se ouvir, por influência de adstrato, “sprintar” (Porto Editora, 2012a: 681) e “flertar” ou “flirtar” (Priberam, s.d.e, Porto Editora, 2012b: 342), decidimos não recorrer ao uso destes estrangeirismos, uma vez que as palavras portuguesas “correr” e “namoriscar” transmitem ao leitor toda a informação necessária.

#### **6.4. A Tradução de Calão**

Um dos problemas que um tradutor pode ter de enfrentar é a tradução de calão grosseiro, tipicamente referido como “asneiras” ou “palavrões”. Segundo o dicionário *Priberam*, uma asneira é um “Dito considerado obsceno ou indecoroso” (Priberam, s.d.f) e, segundo David Crystal, “[swearing and cursing can be] taboo speech, usually profanities or obscenities that express such emotions as hatred, antagonism, frustration and surprise” (citado em Jay, 1999: 81), para além de felicidade, nalguns casos. Consequentemente, as asneiras podem ser usadas como “affectionate teasing among friends, as a way of showing enthusiasm or simply as a cathartic way to release frustration” (Manchón, 2013: 2). Tendo em conta a quantidade de emoções que podem ser contidas numa só asneira, é preciso um cuidado acrescido na tradução deste vocabulário, considerando, para além do mais, as especificidades requeridas pelo cliente, uma vez que este pode querer que o calão seja suavizado ou não incluído de todo, sendo então necessário alterar o registo de língua no texto de chegada.

---

<sup>37</sup> Como refere Susan Bassnett, refletindo sobre o ensaio “On Linguistic Aspects of Translation” de Jakobson, “some things can be said in one (...) language that cannot be reproduced in the same way in [the other]” (Bassnett, 2014a: 8), levando, frequentemente, à criação de neologismos por empréstimo linguístico, os estrangeirismos.

Uma vez que a autora utiliza calão em ambos os contos, decidimos, por um lado, suavizar a linguagem em FPLW, uma vez que há uma menor ocorrência de asneiras, mantendo assim um registo de língua mais familiar, como se tal fosse encomendado pelo cliente. Por outro lado, em HDSM, como há uma maior ocorrência e como a própria história tem, a nosso ver, uma índole mais adulta, escolhemos manter o nível de linguagem do texto de partida.

Assim sendo, no primeiro conto traduziu-se “what the **fuck** do you think you’re doing” para “que **raio** pensas estar a fazer”, “your weird sleight of hand **shit**” para “a **treta** dos teus truques de magia esquisitos”<sup>38</sup>, e “you selfish **bitch**” para “sua **miúda** egoísta”, mantendo, nos dois primeiros exemplos, alguma coloquialidade, e retirando o calão por completo no último caso.

No segundo conto, foi necessário encontrar expressões blasfemas com a mesma conotação pragmática que no inglês, pelo que traduzimos “bitch” e “little bitch” por “puta” e por “cabra”, respetivamente, em vez de “cadela”, que seria a tradução literal. Optámos por diferenciar “bitch” de “little bitch” porque as expressões são apresentadas em contextos com emoções bastante diferentes (a primeira de entusiasmo e a segunda de surpresa e raiva), contudo qualquer uma das soluções funcionaria no contexto da outra. No mesmo âmbito, segue-se a palavra “fuck”, descrita por muitos como a expressão que serve para tudo (verbo, nome, adjetivo, advérbio, interjeição e até como uma palavra aglutinada, por exemplo “un-fucking-believable” ou “fuckface”), sendo, por isso, necessária alguma criatividade para a traduzir. Deste modo, na nossa tradução podemos ver uma grande diversidade de asneiras que dela resultaram, entre as quais o verbo “foder” e a interjeição “foda-se”, traduzidos de “fuck”; “fucking” foi traduzido por “porra” (de “Like a **fucking** fruit tart” para “Como a **porra** de uma torta de fruta”) e por “merda” (de “**fucking cunt**” para “**puta** de **merda**” – neste caso pode também ver-se a tradução de “cunt” por “puta”); para “fucker”, utilizámos o insulto “cabrão”; e, por último, no caso de “Back the **fuck** away from her”, decidimos que, uma vez que as regras de construção frásica no português não permitem fazer algo semelhante ao texto de partida, o mais adequado seria adaptar a frase, passando o calão para o fim, o que resultou em “Afasta-te dela, **caralho**”.

Em HDSM, há ainda uso de calão menos grosseiro, como por exemplo “**pissy**” e “**chink**” que, baseando-nos no dicionário *Merriam-Webster*, traduzimos por “**lixado**” e “**chinoca**”, respetivamente (Merriam-Webster, s.d.c, s.d.d). Ponderámos traduzir “pissy” por

---

<sup>38</sup> Traduzimos “sleight of hand” por “truques de magia”, tendo em conta a definição do *Cambridge*: “speed and skill of the hand when performing tricks” (Cambridge University Press, s.d.d.).

“irritadiço”, que retiraria o calão por completo, e também nos ocorreu “fodido”, mas tal tradução levaria a um agravamento do calão, até que nos lembrámos de “lixado” que, a nosso ver, é o nível de calão que mais se assemelha ao texto de partida.

## 6.5. Vocabulário Específico dos Contos Traduzidos

Passemos agora a uma lista de problemas tradutórios mais característicos de cada conto, por exemplo vocabulário relacionado com os domínios da fauna, da flora e da comida, problemas estes que não se inserem em nenhuma das categorias anteriores, mas que julgamos que devem ser abordados, seja pelo modo como chegámos a uma solução, ou pela dificuldade em encontrar uma. Começaremos por FPLW, seguindo depois para HDSM.

### 6.5.1. Em “*Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers*”

Para traduzir “green room”, um espaço fora de cena no teatro onde os atores descansam (Merriam-Webster, s.d.e), recorreremos à ajuda de Raquel Gomes, Mestre em Artes Cénicas (comunicação pessoal, 28 de dezembro de 2019), que nos aconselhou a traduzir como “bastidores”, por oposição a “coxia” ou “camarins”.

Durante o conto, e como referido no Capítulo 4, a autora utiliza também vocabulário relativo ao deserto, por exemplo “dry wash” e “javelinas”, o qual, juntamente com o léxico sobre condições climáticas (“lightning strikes” e “Gale-force winds”), levou a que fosse necessário fazer pesquisas mais aprofundadas para encontrar os termos adequados: “dry wash”, também referido como “desert dry wash”, traduzimos como “riacho seco”, após uma visita ao *website* do deserto de Mojave (onde se passa a história), no qual é descrito como “A narrow, constricting dry bed of an intermittent stream (...) typically dry but subject to rapid flow during flash flooding (Mojave Desert, s.d.). Para “javelinas”, apesar de o primeiro instinto ter sido traduzir por javalis, devido à semelhança linguística, escolhemos “porcos-do-mato”, tendo, em primeiro lugar, encontrado o seu nome científico, *pecari tajacu* (Bender et al., 2014, 19 de fevereiro: 1), e, logo de seguida, os seus nomes portugueses (Priberam, s.d.h), dos quais escolhemos aquele que nos pareceu ser mais reconhecido pelos leitores. Relativamente a “lightning strikes”, escolhemos a tradução “descargas elétricas”, confirmando, em seguida, que é uma expressão utilizada no contexto da meteorologia através do *website* do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), que as descreve da seguinte forma: “As descargas elétricas, associadas a trovoada, são manifestações extremas da instabilidade atmosférica e um

dos fenómenos meteorológicos mais devastadores” (IPMA, s.d.). Por fim, para “gale-force winds”, recorreremos à escala de Beaufort, que avalia a intensidade dos ventos desde “calm” a “hurricane” (*Journal of Integrated Coastal Zone Management*, s.d., Porto Editora, s.d.c). Contudo, apesar de a categoria mais indicada ser a 8 (“gale”), as duas tabelas em português nas quais nos baseámos<sup>39</sup> têm nomenclaturas diferentes. Assim, traduzimos “gale-force winds” por “ventos fortes”, pois esta é a tradução da categoria 7 da primeira tabela e da 9 da segunda, chegando assim a um meio-termo.

Por último, durante a tradução deste conto, deparámo-nos com o jogo “cat’s cradle”. Poderíamos ter incluído este último exemplo no subcapítulo dedicado às expressões e frases feitas, simplesmente pela pouca semelhança entre os nomes do jogo em inglês e em português; porém, a tradução que escolhemos (“jogo dos elásticos”) baseou-se num pequeno inquérito feito através da rede social Instagram, após já termos escolhido uma opção diferente. Utilizando a funcionalidade das “Perguntas” nas histórias do Instagram, e recorrendo à imagem da Figura 1, perguntámos qual era o nome do jogo em Portugal<sup>40</sup>. Após 24 horas – tempo que uma história do Instagram fica ativa –, um total de 29 pessoas respondeu à nossa pergunta<sup>41</sup>. Concluímos, a partir deste questionário, que existe uma grande dúvida acerca do nome português deste jogo: oito das respostas foram “não sei” (ou algo semelhante) e muitas das pessoas que arriscaram uma resposta não se sentiam seguras da sua própria sugestão. Apesar da falta de consenso quanto ao nome do jogo, as respostas mais comuns foram “cama de gato”, “pé de galo/galinha” e “jogo dos elásticos (com as mãos)”. A primeira era precisamente a escolha pela qual tínhamos optado antes de fazermos esta experiência, no entanto, a última foi a que mais vezes surgiu, levando-nos a reponderar o que já havíamos traduzido. Não a alterámos para “jogo dos elásticos com as mãos”, distinguindo assim de um outro jogo de elásticos, feito com os pés, uma vez que pelo contexto o leitor

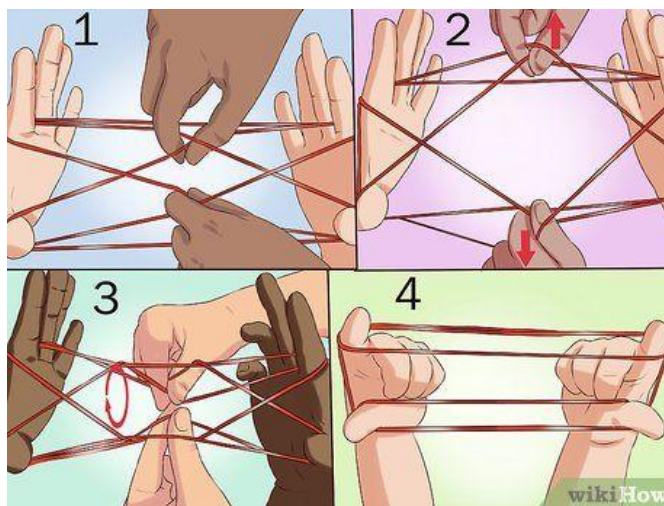


Figura 1 - Cat's cradle  
("How to Play The Cat's Cradle Game", 2019, 29 de março)

<sup>39</sup> Ver Anexos III e IV.

<sup>40</sup> Ver Anexo V.

<sup>41</sup> No Anexo VI, estão presentes todas as respostas à nossa pergunta.

já sabe que é com as mãos: “a eletricidade dançava nas suas mãos (...) como um intenso jogo de elásticos”.

### 6.5.2. Em “*Hungry Daughters of Starving Mothers*”

Um vocabulário abundante neste conto é relativo a comida, como já referimos, mas para além dos pratos típicos que decidimos não traduzir, há referências a ingredientes como “kale”, “heart of palm”, “kaffir lime” e “ramps”. O primeiro traduzimos como “couve-lombarda”, recorrendo ao dicionário bilingue da Porto Editora (2015a: 316), no qual não encontramos nenhum dos outros ingredientes. Deste modo – e aplicando o processo que seguimos para “javelinas” –, começámos por pesquisar fontes que nos indicassem os seus nomes científicos, a saber *Allium tricoccum*<sup>42</sup>, *Citrus hystrix*<sup>43</sup> e *Euterpe edulis*<sup>44</sup>, contudo encontrar os nomes portugueses foi ligeiramente mais complicado. Assim, “heart of palm” traduzimos por “palmito” de acordo com a entrada “juçara” no *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*, que a descreve como “palmeira nativa da América do Sul (...) que produz palmito de elevada qualidade” (Porto Editora, s.d.d), coincidindo com a descrição de Gaiotto et al.: “The heart of the palm is the edible apical meristem of wild palms” (2003, setembro: 399). De seguida, confrontámos com o dicionário bilingue da Porto Editora, não havendo entrada no inglês, mas sim no português, sendo “heart of palm” a tradução de “palmito” (2015b: 1025). Para “kaffir lime”, encontramos tanto “combava” como “lima kaffir” (Coelho, 2013, 15 de fevereiro; Felino, 2013, 28 de fevereiro), dos quais escolhemos “combava” porque o contexto é “ingredients I wouldn’t have known two months ago”, pelo que o nome mais fora do comum se enquadrava melhor. Por último, para traduzir “ramps”, também conhecido como “wild leeks”, em primeiro lugar encontramos o artigo de José Carlos Fernandes, mas que não nos diz o nome português da “cebola silvestre” (2019, 8 de setembro); de seguida encontramos uma receita *online* na qual *Allium tricoccum* aparece como “rampa” ou “alho-porro-selvagem” (Meredith, s.d.), levando-nos a optar pela segunda, simplesmente porque “rampa” poderia confundir o leitor. Apoiando esta última pesquisa, no *Dicionário Inglês-Português* de Houaiss & Cardim, sob “leek”, encontra-se “alho-porro” (1982c: 448), pelo que “alho-porro selvagem” nos parece ser a tradução mais adequada.

---

<sup>42</sup> Davis & Greenfield, 2002: 449.

<sup>43</sup> Shaha et al., 2013: 1.

<sup>44</sup> Gaiotto et al., 2003, setembro: 399.

Por fim, neste conto ocorre o problema de tradução de género que mencionámos no início do capítulo. A neutralidade de género no inglês leva a que o tradutor, por vezes, tenha de escolher entre o feminino e o masculino, caso não esteja explícito no texto. Isto foi algo que ocorreu na nossa tradução, uma vez que Seo-yun menciona que existem “a number” como ela e Jen. Este “number” não deixa claro se são outras pessoas no geral, ou se apenas mulheres, tendo sido esta última a nossa primeira opção, dado que o título remete somente para o género feminino. No entanto, este seria um fundamento frágil, pois, por um lado, o título pode simplesmente referir-se à Jen, Seo-yun e respetivas mães, não excluindo a possibilidade de haver machos na sua espécie; por outro, não deixa de não haver referências a eles ao longo do conto<sup>45</sup>. A escolha do género nesta frase acaba por influenciar outras no clímax do conto: “My friends”, “many of them”, “guests”, entre outros. Durante a primeira tradução, estes exemplos ficaram todos no feminino (“As minhas amigas”, “muitas delas”, “convidadas”), contudo houve uma frase que nos levou a escolher o masculino, aceitando que possam existir machos na espécie delas: “Mr. Goldberg wants to know if you’ll come down”; a presença de alguém do sexo masculino na festa levou-nos a reponderar a nossa tradução, alterando as instâncias com flexão de género. É certo que o Mr. Goldberg pode ser apenas um mero humano ou alguém do *staff* (como Jimmy, por exemplo), mas uma vez que não está explícito, e que ele se encontra num convívio específico para pessoas que se alimentam de pensamentos – o “eating club, of sorts” que Seo-yun refere –, assumimos que ele será da espécie desta e de Jen, fazendo parte deste “number of us”. Assim sendo, optámos pelo uso do masculino e traduzimos o “number of us” por “quantos de nós”, não mantendo a mesma ambiguidade (intencional ou não) do texto de partida.

---

<sup>45</sup> Tentámos contactar a autora para esclarecer a questão do género, contudo não obtivemos resposta.

## 7. Conclusão

O objetivo principal do presente Trabalho de Projeto consistiu em traduzir, do inglês para o português, dois contos de ficção especulativa e refletir sobre as dificuldades encontradas durante a sua tradução. Tendo atingido aquilo que nos propusemos realizar, chega a altura de fazer um balanço geral do trabalho feito.

Começando pelo termo “ficção especulativa”, é de notar que é abrangente, não só pelos géneros que inclui, mas também pelos meios através dos quais se propaga, e que vão da literatura aos jogos de tabuleiros, por exemplo. No entanto, não é um termo universalmente aceite, nem o único utilizado para designar o conjunto de obras compreendidas entre fantasia, ficção científica e horror. Como se pôde perceber, a ficção especulativa, especialmente a nível internacional, encontra-se em crescimento, para o que muito contribuem as adaptações cinematográficas e televisivas de livros que depois impulsionam a sua tradução.

A nível nacional também se pode falar de crescimento, porém não tão evidente como no mundo anglófono. Vimos que apesar de terem existido, no passado, exemplos de ficção especulativa, especialmente envolvendo o sobrenatural gótico, esta nunca se tornou uma tendência marcante, por ser um género literário malvisto, um “gueto”, assistindo-se assim, como menciona Maria do Nascimento Oliveira, a uma “subalternização do fantástico” que deriva, nomeadamente, do isolamento do país devido à censura (1992: 18). Atualmente, a situação está a mudar, com a particular ajuda de editoras como a Saída de Emergência, a Divergência e a Imaginauta, que publicam obras dentro deste género literário – originais e traduções.

Relativamente à tradução, e tratando-se a nossa bibliografia primária de dois textos literários, orientámo-nos, em termos teóricos, por obras como as de Toury e Bassnet com relevância para a tradução literária, pensadores estes que muito influenciaram os Estudos de Tradução, opondo-se aos estudos prescritivos a favor dos estudos descritivos do fenómeno. As perspectivas funcionalistas, que partilham com os Estudos Descritivos de Tradução a preocupação com a cultura-alvo e com fatores de ordem cultural e social que têm impacto sobre a tradução, também estiveram presentes na nossa reflexão e prática.

A nossa proposta de tradução, assim, reflete e aplica os conhecimentos que adquirimos durante as Componentes Letiva e Não-letiva. Sobretudo, a elaboração do presente Trabalho de Projeto mostrou-nos de forma bastante evidente que uma das partes essenciais do processo

tradutório é a negociação e que não existe apenas uma solução possível, mas sim um vasto leque de opções que dependem, entre outros, das indicações do cliente ou do objetivo que o texto cumprirá na cultura de chegada. Ganhámos também maior consciência de que o tradutor carrega uma grande responsabilidade, pois introduz, numa dada cultura, informações, ideias, obras provenientes de outra, podendo o seu papel ser bastante influente. A tradução não só enriquece a cultura de chegada, como garante a sobrevivência dos textos de partida.

Não pretendemos deixar de trabalhar o tema abordado neste Trabalho de Projeto, pois ficou clara a carência, na área da tradução, de ficção especulativa, quer traduzida, como vimos no capítulo sobre a Ficção Especulativa em Portugal, quer em termos de reflexão teórica, o que se verificou durante o processo de pesquisa. Foram encontrados poucos Trabalhos de Projeto ou Dissertações neste âmbito, e algumas das consultadas integram-se, por exemplo, nas áreas de Edição de Texto ou Estudos Românicos<sup>46</sup>. Trata-se de um domínio rico, uma vez que, como se viu, existe mercado não só na tradução literária, mas também em legendagem e localização.

Numa tentativa de melhor conhecermos o mercado, e ainda antes de escolhermos qual seria o objeto de estudo da nossa Componente Não-letiva, contactámos a Editora Saída de Emergência para fazer um possível estágio. Apesar de a resposta ter sido negativa, não nos sentimos desencorajados e continuamos a acalentar a esperança de um dia podermos vir a trabalhar na editora em questão, ou noutras já mencionadas e que passámos a conhecer com a elaboração do Trabalho de Projeto.

Esperamos que o trabalho apresentado, inserido no âmbito do Mestrado em Tradução da NOVA FCSH, possa contribuir e motivar para uma reflexão sobre a problemática da tradução literária de ficção especulativa e auxiliar futuros estudantes da disciplina dos Estudos de Tradução na elaboração de projetos relacionados com este género.

---

<sup>46</sup> Dos quais aproveitamos para mencionar *Representações de fantástico e ficção científica nos contos de Maria de Menezes*, de Kateřina Novotná (Dissertação em Estudos Românicos, Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016), que citámos neste Trabalho, e *A Edição e Tradução de Sagas e Trilogias em Portugal*, de Mara Quental (Dissertação em Edição de Texto, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2019). A nível de Tradução, gostaríamos de referir *Translating Portuguese fantasy fiction for the international literary market*, de Anna Zakrzewska (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017), *Terminologia científica e técnica em tradução literária*, de Leonor Gonçalves (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016), e *Traduzir o Horror: O Caso de Adam Nevill*, de Ana Carolina Cadeiras (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2018).

## Referências Bibliográficas<sup>47</sup>

### Primárias

Wong, A. (2015, outubro). Hungry Daughters of Starving Mothers. *Nightmare Magazine*, 37. <http://www.nightmare-magazine.com/fiction/hungry-daughters-of-starving-mothers/>.

Wong, A. (2016, 2 de março). A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers. *Tor.com*. <https://www.tor.com/2016/03/02/a-fist-of-permutations-in-lightning-and-wildflowers-alyssa-wong/>.

### Secundárias

2016 Alfie Awards At World Con. (2016, 23 de agosto). George R. R. Martin. <http://www.georgerrmartin.com/2016-alfie-awards-at-world-con/>.

AFP. (2004, 5 de março). Língua élfica de Tolkien vai ser ensinada numa escola inglesa. *Público*. <https://www.publico.pt/2004/03/05/portugal/noticia/lingua-elfica-de-tolkien-vai-ser-ensinada-numa-escola-inglesa-1187790>.

Aguiar e Silva, V. M. (2000). *Teoria da Literatura* (8.<sup>a</sup> ed.). Livraria Almedina.

Atwood, M. (2011). *In Other Worlds: SF and the Human Imagination*. Anchor Books.

Bassnett, S. (2014a). *Translation*. Routledge.

Bassnett, S. (2014b). *Translation Studies* (4.<sup>a</sup> ed.). Routledge.

Bassnett, S., & Lefevere, A. (1992). General editor's preface. Em Lefevere, A., *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame* (pp. vi-vii). Routledge.

Bastin, G. L. (2018). Foreword to the new English edition. Em Nord, C., *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained* (2.<sup>a</sup> ed., pp. ix-xi). Routledge.

Bender, L. C., Weisenberger, M. E., & Rosas-Rosas, O. C. (2014, 19 de fevereiro). Occupancy and habitat correlates of javelinas in the southern San Andres Mountains, New Mexico. *Journal of Mammalogy*, 95(1), 1-8. <https://doi.org/10.1644/13-MAMM-A-151>.

---

<sup>47</sup> O presente Trabalho de Projeto segue as regras de citação da 7.<sup>a</sup> edição da *American Psychological Association* (APA).

Blatty, W. P. (2011). *The Exorcist* (reedição do 40.º aniversário). HarperCollins Publishers. (Obra original publicada em 1971).

Cambridge University Press. (s.d.a) Itch. Em *Cambridge Dictionary*. Acedido em 17 de fevereiro de 2020, de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/itch>.

Cambridge University Press. (s.d.b) Itch to do sth. Em *Cambridge Dictionary*. Acedido em 17 de fevereiro de 2020, de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/itch-to-do-sth>.

Cambridge University Press. (s.d.c) Sharp. Em *Cambridge Dictionary*. Acedido em 17 de fevereiro de 2020, de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sharp>.

Cambridge University Press. (s.d.d) Sleight of hand. Em *Cambridge Dictionary*. Acedido em 1 de março de 2020, de <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/sleight-of-hand>.

Candeias, J. (2007). Nota do Tradutor. Em Martin, G. R. R., *A Guerra dos Tronos* (J. Candeias, Trad., p. 381). Saída de Emergência. (Obra original publicada em 1996).

Clute, J. & Grant, J. (Eds.). (1997). Fantasy. Em *The Encyclopedia of Fantasy*. Orbit.

Coelho, A. P. (2013, 15 de fevereiro). Citrinos há muitos, e Vincent Farges fez um jantar com todos. *Público*. [http://lifestyle.publico.pt/artigos/316563\\_citrinos-ha-muitos-e-vincent-farges-fez-um-jantar-com-todos](http://lifestyle.publico.pt/artigos/316563_citrinos-ha-muitos-e-vincent-farges-fez-um-jantar-com-todos).

Collins. (s.d.a) Speculative fiction. Em *Collins Dictionary*. Acedido em 16 de dezembro de 2019, de <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/speculative-fiction>.

Collins. (s.d.b) Fall of the cards. Em *Collins Dictionary*. Acedido em 19 de janeiro de 2019, de <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/the-fall-of-the-cards>.

Corey, J. S. A. (2013). *Leviathan Wakes*. Orbit.

Corte Real, L. (2019, maio). Editorial. *Bang!*, 26, 1-3.

Corte Real, L. (2019, outubro). Editorial. *Bang!*, 27, 1-3.

Davis, J. & Greenfield, J. (2002). Cultivating Ramps: Wild Leeks of Appalachia. Em J. Janick & A. Whipkey (Eds.), *Trends in New Crops and New Uses* (pp. 449-452). ASHS Press.

DawnWhyhanIsHornyAF. (2015, 11 de junho). Perky Tits. Em *Urban Dictionary*. Acedido a 17 de março de 2020, de <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Perky%20Tits>.

Delille, K. H., Höster, M. A., Castendo, M. E., Delille, M. M. G., & Correia, R. (1986). *Problemas da Tradução Literária*. Livros Almedina.

Dunne, A., & Raby, F. (2013). *Speculative Everything: Design, Fiction, and Social Dreaming*. MIT Press.

Eco, U. (2008). *Experiences in Translation* (A. McEwen, Trad., 2.<sup>a</sup> ed.). University of Toronto Press. (Obra original publicada em 2000).

El premio Risco llega a Portugal y premia la obra de Fausta Cardoso. (2017, 12 de fevereiro). *La Región*. <https://www.laregion.es/articulo/ourense/premio-risco-llega-portugal-premia-obra-fausta-cardoso/20170212082926684645.html>.

Egan, M. F. (1889, outubro). Book-Talk. *Lippincott's Monthly Magazine*, 44, 597-598. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uva.x030737136&view=1up&seq=1>.

Even-Zohar, I. (1990). Polysystem Studies. *Poetics Today* 11(1), 45-51. <https://doi.org/10.2307/1772668>.

Felino, M. (2013, 28 de fevereiro). NO PRATO... Ostras e Lingueirão, Fortaleza do Guincho. *Flash Food*. <https://flash-food.blogs.sapo.pt/35732.html>.

Fernandes, J. C. (2019, 8 de setembro). De onde vêm os nomes do que comemos? Parte 7: pêssegos-dos-lobos e maçãs-insanas. *Observador* <https://observador.pt/especiais/de-onde-vem-os-nomes-do-que-comemos-parte-7-pessegos-dos-lobos-e-macas-insanas/>.

Fonseca, N. (2009, março). Cadências do Fantástico Lusitano. *Bang!*, 6, 9-12.

Gaiotto, F. A., Grattapaglia, D., & Vencovsky, R. (2003, setembro) Genetic Structure, Mating System, and Long-Distance Gene Flow in Heart of Palm (*Euterpe edulis* Mart.). *Journal of Heredity* 94(5), 399-406. <https://doi.org/10.1093/jhered/esg087>.

Gernsback, H. (1926, abril). A New Sort of Magazine. *Amazing Stories*, 1, 3. Acedido a partir do Internet Archive. [https://archive.org/details/amazing\\_stories\\_april\\_1926](https://archive.org/details/amazing_stories_april_1926).

Gill, R. B. (2013). The Uses of Genre and the Classification of Speculative Fiction. *Mosaic: An Interdisciplinary Critical Journal*, 46(2), 71-85. [www.jstor.org/stable/44030329](http://www.jstor.org/stable/44030329).

Goodreads. (s.d.a). *Breaking Windows: A Fantastic Metropolis Sampler* [página do Goodreads]. [https://www.goodreads.com/book/show/487237.Breaking\\_Windows](https://www.goodreads.com/book/show/487237.Breaking_Windows).

Goodreads. (s.d.b). *The SFWA European Hall of Fame: Sixteen Contemporary Masterpieces of Science Fiction from the Continent* [página do Goodreads]. [https://www.goodreads.com/book/show/720255.The\\_SFWA\\_European\\_Hall\\_of\\_Fame](https://www.goodreads.com/book/show/720255.The_SFWA_European_Hall_of_Fame).

Goslin, A. (2018, 1 de agosto). *Overwatch writing team adds Nebula Award winner Alyssa Wong*. Heroes Never Die. <https://www.heroesneverdie.com/2018/8/1/1763944/8/overwatch-writing-blizzard-nebula-award-winner-alyssa-wong>.

Heinlein, R. A. (1964). On the Writing of Speculative Fiction. Em L. A. Eshbach (Ed.), *Of Worlds Beyond: The Science of Science Fiction Writing* (2.<sup>a</sup> Ed., pp. 11-20). Advent Publishers.

Heinlein, R. A. (1989). *Grumbles from the Grave* (V. Heinlein, Ed.). Ballantine Books.

Hermans, T. (Ed.). (2014). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Routledge.

Holmes, J. (1988). The Name and Nature of Translation Studies. Em J. Holmes (Ed.), *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (pp. 67-80). Rodopi.

Houaiss, A. (Ed.). (2008). *Dicionário Houaiss: sinónimos e antónimos* (2.<sup>a</sup> edição). Publifolha.

Houaiss, A., & Cardim, I. (Eds.). (1982a). *Dicionário Inglês-Português* (2.<sup>a</sup> edição). Record.

Houaiss, A., & Cardim, I. (Eds.). (1982b). Burn. Em *Dicionário Inglês-Português* (2.<sup>a</sup> edição, p. 96). Record.

Houaiss, A., & Cardim, I. (Eds.). (1982c). Leek. Em *Dicionário Inglês-Português* (2.<sup>a</sup> edição, p. 448). Record.

How to Play The Cat's Cradle Game. (2019, 29 de março). *WIKIHOW*. Retirado em 26 de fevereiro de 2020, de <https://www.wikihow.com/Play-The-Cat%27s-Cradle-Game>.

Howard, K. (2018). Just Another Love Song. Em D. Parisien, & N. Wolfe (Eds.) *Robots vs Fairies* (pp. 142-153). Saga Press.

Hurst, J. (Escritor), & Barzman, P. (Diretor). (2016, 22 de abril). *The Blade* (Temporada 1, Episódio 4) [Episódio de uma série televisiva]. Em T. Adams, & E. Andras (Produtores Executivos), *Wynonna Earp*. IDW Entertainment; Seven24 Films.

Imaginauta. (2018, 12 abril). *Devoradores de Livros #17*. <https://imaginauta.net/2018/04/12/devoradores-de-livros-17-2/>.

IPMA. (s.d.). Área educativa - Detetores de raios. Acedido em 21 de fevereiro de 2020, de <https://www.ipma.pt/pt/educativa/fenomenos.meteo/index.jsp?page=dea.index.xml>.

Jay, T. (1999). *Why We Curse: A Neuro-psycho-social Theory of Speech*. John Benjamins Publishing.

Johnston, R. (2019, 31 de julho). *Fake Tweet Used to Try And Discredit New Marvel Comics Writer, Alyssa Wong*. Bleeding Cool. <https://www.bleedingcool.com/2019/07/31/fake-tweet-discredit-marvel-comics-writer-alyssa-wong/>.

Johnston, R. (2019, 25 de outubro). *Marvel Comics Announces New Doctor Aphra #1 by Alyssa Wong and Marika Cresta at MCM London*. Bleeding Cool. <https://www.bleedingcool.com/2019/10/25/marvel-comics-doctor-aphra-1-alyssa-wong-marika-cresta-mcm-mcmlondon>.

*Journal of Integrated Coastal Zone Management*. (s.d.). Escala de Beaufort. Acedido em 21 de fevereiro de 2020, de <https://www.aprh.pt/rgci/glossario/escalaBeaufort.html>.

Kammerud, C. (2018, 5 de junho). Pocket Interview No. 8 - Alyssa Wong [Episódio de Podcast, Áudio]. Em *Storyological*. <https://www.storyological.com/podcast/2018/6/5/pocket-interview-no-8-alyssa-wong>.

Landers, C. E. (2001). *Literary Translation: A Practical Guide* (Topics in Translation, Vol. 22). Multilingual Matters.

Le Guin, U. K. (2009, 29 de agosto). *The Year of the Flood* by Margaret Atwood [crítica literária]. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/books/2009/aug/29/margaret-atwood-year-of-flood>.

Locus Awards. (s.d.) *Locus Index to SF Awards*. Acedido a partir do Internet Archive. <https://web.archive.org/web/20120920055758/http://locusmag.com/SFAwards/Db/Locus.html>.

López-Rúa, P. (2006). Manipulation in translation: the case of Orwell's *Newspeak* compounds. Em C. M. Figueroa, & T. M. Gárate (Eds.), *Studies in Contrastive Linguistics: Proceedings of the 4th International Contrastive Linguistics Conference, September 2005* (pp. 529-538). Servicio de publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela.

Lusa. (2017, 5 de novembro). Obra de Rui Zink "A Instalação do Medo" premiada em França. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/obra-de-rui-zink-a-instalacao-do-medo-premiada-em-franca-8895911.html>.

Machado de Sousa, M. L. (1979). *O «horror» na literatura portuguesa* (Biblioteca Breve, Vol. 32). Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação e Ciência.

Manchón, P. G. (2013). *A Corpus-based Analysis of Swearword Translation in DVD Subtitles and Internet Fansubs* (Publicação N.º 23201) [Dissertação de Mestrado, Universidad Complutense Madrid] E-Prints Complutense.

Malmkjær, K. (2002). Artificial languages. Em K. Malmkjær (Ed.), *The Linguistics Encyclopedia* (2.ª ed., pp. 47-51). Routledge.

Markus, T. C., & Dinh, C. (2019, 17 de julho). *Writer Alyssa Wong on Welcoming Aero and Wave to the Marvel Universe*. Marvel. <https://www.marvel.com/articles/comics/writer-alyssa-wong-on-welcoming-aero-and-wave-to-the-marvel-universe>.

Martin, G. R. R., *A Guerra dos Tronos* (J. Candeias, Trad.). Saída de Emergência. (Obra original publicada em 1996).

Marvel. (s.d.a) *'Star Wars: Doctor Aphra' #1 Gets a Special Digital Comics Release in Celebration of May the Fourth*. Acedido em 6 de maio de 2020, de <https://www.marvel.com/articles/comics/star-wars-doctor-aphra-1-gets-a-special-digital-comics-release-in-celebration-of-may-the-fourth>.

Marvel. (s.d.b). *Star Wars: Doctor Aphra (2020) #1*. Acedido em 6 de maio de 2020, de [https://www.marvel.com/comics/issue/82202/star\\_wars\\_doctor\\_aphra\\_2020\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/82202/star_wars_doctor_aphra_2020_1).

Matos, T. (2015, 22 de março). Terrarium: o Livro que Revelou a Ficção Científica em Portugal. *Revista Estante*. <http://www.revistaestante.fnac.pt/terrarium-livro-revelou-ficcao-cientifica-portugal/>.

Medina, V. M. P. (1997). *El subsistema lingüístico Nadsat y su traducción a seis lenguas europeas (alemán, francés, catalán, castellano, italiano y ruso)* (Publicação

N.º 10045/3830) [Tese de Doutoramento, Universidad de Alicante]. Repositorio Institucional de la Universidad de Alicante.

Meredith, L. (s.d.). Ramo em conserva (alho-porro selvagem) receita. *Hiloved*. Acedido em 22 de fevereiro de 2020, de <https://pt.hiloved.com/ramo-em-conserva-alho-porro-selvagem-receita/>.

Merriam-Webster. (s.d.a). Grounded. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Acedido em 20 de fevereiro de 2020, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/grounded>.

Merriam-Webster. (s.d.b). Honeycomb. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Acedido em 3 de março de 2020, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/honeycomb>.

Merriam-Webster. (s.d.c). Pissy. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Acedido em 22 de fevereiro de 2020, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/pissy>.

Merriam-Webster. (s.d.d). Chink. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Acedido em 22 de fevereiro de 2020, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/chink>.

Merriam-Webster. (s.d.e). Greenroom. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Acedido em 13 de janeiro de 2020, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/greenroom>.

Mulheres Dominaram Os Prémios Nebula 2016. (2016, 18 de maio). *Revista Estante*. <http://www.revistaestante.fnac.pt/mulheres-dominaram-os-premios-nebula-2016/>.

Mojave Desert. (s.d.). *Wash*. Acedido em 21 de fevereiro de 2020, de <http://mojavedesert.net/glossary/wash.html>.

Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. Prentice-Hall International.

Nicholls, P. (2019, 30 de setembro). Fantasy. Em J. Clute, D. Langford, P. N., & G. Sleight (Eds.), *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz. <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/fantasy>.

Nicholls, P., & Langford, D. (2017, 15 de setembro). Speculative Fiction. Em J. Clute, D. Langford, P. Nicholls, & G. Sleight (Eds.), *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz. [http://www.sf-encyclopedia.com/entry/speculative\\_fiction](http://www.sf-encyclopedia.com/entry/speculative_fiction).

Nida, E. A. (1964). *Towards a Science of Translating*. E. J. Brill.

Nord, C. (2005): *Text Analysis in Translation. Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* (C. Nord & P. Sparrow, Trads., 2.ª ed.). Rodopi. (Obra original publicada em 1988).

Nord, C. (2018). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained* (2.ª ed.). Routledge.

Novotná, K. (2016). *Representações de fantástico e ficção científica nos contos de Maria de Menezes*. (Publicação N.º 10451/27238) [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.

Oliveira, M. N. (1922). *O Fantástico nos contos de Álvaro do Carvalho* (Biblioteca Breve, Vol. 129). Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação e Ciência.

Orwell, G. (2012). *1984* (A. L. Faria, Trad.). Antígona. (Obra original publicada a 1949).

Oziewicz, M. (2017, 29 de março). Speculative Fiction. *Oxford Research Encyclopedia of Literature*. <https://oxfordre.com/literature/view/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-78>.

Oxford University Press. (s.d.a). Ripe. Em *Lexico.com*. Acedido em 17 de fevereiro de 2020 de <https://www.lexico.com/definition/ripe>.

Oxford University Press. (s.d.b). Sear. Em *Lexico.com*. Acedido em 3 de março de 2020 de <https://www.lexico.com/definition/sear>.

Oxford University Press. (s.d.c). Hit the ground running. Em *Lexico.com*. Acedido em 19 de fevereiro de 2020 de [https://www.lexico.com/definition/hit\\_the\\_ground\\_running](https://www.lexico.com/definition/hit_the_ground_running).

Oxford University Press. (s.d.d). Grounded. Em *Lexico.com*. Acedido em 20 de fevereiro de 2020 de <https://www.lexico.com/definition/grounded>.

Porto Editora. (s.d.a). Pruir. Em *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Acedido em 16 de julho de 2020, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pruir>.

Porto Editora. (s.d.b). Pirogravura. Em *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Acedido em 16 de julho de 2020, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pirogravura>.

Porto Editora. (s.d.c). Escala de Beaufort. Em *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Acedido em 21 de fevereiro de 2020, de [https://www.infopedia.pt/\\$escala-de-beaufort](https://www.infopedia.pt/$escala-de-beaufort).

Porto Editora. (s.d.d). Juçara. Em *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Acedido em 22 de fevereiro de 2020, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ju%C3%A7ara>.

Porto Editora. (2012a). Sprintar. Em *Dicionário da Língua Portuguesa* (p. 681). Porto Editora.

Porto Editora. (2012b). Flirtar. Em *Dicionário da Língua Portuguesa* (p. 342). Porto Editora.

Porto Editora. (2015a). Kale. Em *Dicionário de Inglês-Português Português-Inglês* (p. 316). Porto Editora.

Porto Editora. (2015b). Palmito. Em *Dicionário de Inglês-Português Português-Inglês* (p. 1025). Porto Editora.

Priberam. (s.d.a). Crestar. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 3 de março de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/crestar>.

Priberam. (s.d.b). Selar. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 18 de janeiro de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/selar>.

Priberam. (s.d.c). Estômago. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 3 de março de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/estomago>.

Priberam. (s.d.d). Anime. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 21 de fevereiro de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/anime>.

Priberam. (s.d.e). Flertar. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 11 de fevereiro de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/flertar>.

Priberam. (s.d.f). Asneira. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 12 de janeiro de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/asneira>.

Priberam. (s.d.g). Pecari tajacu. Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em 21 de fevereiro de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/Pecari%20tajacu>.

Pym, A. (2004). *The Moving Text: Localization, translation, and distribution*. John Benjamins Publishing Company.

Radcliffe, A. (1826). On the Supernatural Poetry. *The New Monthly Magazine*, 16, 145-152. [https://books.google.pt/books?id=foJHAAAAYAAJ&pg=PA145&hl=pt-PT&source=gbp Toc\\_r&cad=3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=foJHAAAAYAAJ&pg=PA145&hl=pt-PT&source=gbp Toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false).

Reiss, K. (2014). *Translation Criticism, Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment* (E. F. Rohodes, Trad., 2.<sup>a</sup> ed.). Routledge. (Obra original publicada em 1976).

Reiss, K., & Vermeer, H. (2014). *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained* (C. Nord, Trad., 2.<sup>a</sup> ed.). Routledge. (Obra original publicada em 1984).

Rodrigues, G. A. (1980). *Breve História da Censura Literária em Portugal* (Biblioteca Breve, Vol. 54). Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação e Ciência.

Santos, O. (2011, 18 de novembro). Opinião - A nostalgia da quimera: o fantástico é o género dominante na literatura portuguesa. *Público*. <https://www.publico.pt/2011/11/18/culturaipsilon/noticia/a-nostalgia-da-quimera-o-fantastico-e-o-genero-dominante-na-literatura-portuguesa-1521563>.

Science Fiction & Fantasy Writers of America. (s.d.). *About the Nebulas*. Nebula Awards. <https://nebulas.sfwaw.org/about-the-nebulas/>.

Shaha, R. K., Punichelvana, Y. N. A. P., & Afandi, A. (2013). Optimized Extraction Condition and Characterization of Pectin from Kaffir Lime (*Citrus hystrix*). *Research Journal of Agriculture and Forestry Science*, 1(2), 1-11.

Soares, B. M. (2019, 21 de julho). *Why Write in English – The Journey from my first language to my second*. The Portuguese Portal of Fantasy and Science Fiction. <https://theportugueseportal.com/2019/07/21/why-write-in-english-the-journey-from-my-first-language-to-my-second/>.

Sousa, E. (2008, 15 de dezembro). O grande sono da ficção científica. *Público*. <https://www.publico.pt/2008/12/15/culturaipsilon/noticia/o-grande-sono-da-ficcao-cientifica-218732>.

Stableford, B. M. (2005). *Historical Dictionary of Fantasy Literature*. The Scarecrow Press, Inc.

Stableford, B. M., & Langford, D. (2020, 13 de janeiro). Space Opera. Em J. Clute, D. Langford, P. Nicholls, & G. Sleight (Eds.), *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz. [http://www.sf-encyclopedia.com/entry/space\\_opera](http://www.sf-encyclopedia.com/entry/space_opera).

Stanish, D. (2016). Interview: Alyssa Wong. *Uncanny Magazine*. <https://uncannymagazine.com/article/interview-alyssa-wong/>.

Suvin, D. (1979). *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre*. Yale University Press.

The Hugo Awards. (s.d.). *Introduction*. <http://www.thehugoawards.org/about/>.

Toury, G. (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. John Benjamins P. C.

Todorov, T. (1981). *Introdução à Literatura Fantástica* (M. C. C. Castello, Trad., 2.<sup>a</sup> ed.). Perspectiva. (Obra original publicada em 1970).

Topa, F. (1998). Ficção Científica Portuguesa e Brasileira. *Terceira Margem*, 1, 35-35.

Varma, D. P. (1957). *The Gothic Flame: Being a History of the Gothic Novel in England*. Arthur Baker Ltd.

Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Routledge.

Vinay, J., & Darbelnet, J. (2000). A Methodology For Translation (J. C. Sager, & M. J. Hamel, Trans.). Em L. Venuti (Ed.), & M. Baker (Ed. consultiva), *The Translation Studies Reader* (pp. 84-93). Routledge. (Obra original publicada em 1958).

Williamson, J. (2015). *The Evolution of Modern Fantasy: From Antiquarianism to the Ballantine Adult Fantasy Series*. Palgrave Macmillan.

Wong, A. (s.d.). *Education* [página do LinkedIn]. LinkedIn. Acedido em 29 de outubro de 2019, de <https://www.linkedin.com/in/alyssa-wong-18955165>.

Wong, A. [@crashwong]. (2019, 31 de julho). *Hey folks, I've been seeing some tweets circulating that are falsely attributed to me. Those are not my words. I have* [Tweet]. Twitter. <https://twitter.com/crashwong/status/1156652450629091328?lang=en>.

Wray, J. (2013). Ursula K. Le Guin, The Art of Fiction No. 221. *The Paris Review*, 206. <https://www.theparisreview.org/interviews/6253/ursula-k-le-guin-the-art-of-fiction-no-221-ursula-k-le-guin>.

Yabla. (s.d.a) Meimei. Em *Chinese English Pinyin Dictionary*. Acedido em 1 de dezembro de 2019, de <https://chinese.yabla.com/chinese-english-pinyin-dictionary.php?define=meimei>.

Yabla. (s.d.b) Ma. Em *Chinese English Pinyin Dictionary*. Acedido em 1 de dezembro de 2019, de <https://chinese.yabla.com/chinese-english-pinyin-dictionary.php?define=ma>.

Yabla. (s.d.c) Baba. Em *Chinese English Pinyin Dictionary*. Acedido em 1 de dezembro de 2019, de <https://chinese.yabla.com/chinese-english-pinyin-dictionary.php?define=baba>.

## **Anexos**

### **Anexo I – “A Fist of Permutations in Lightning and Wildflowers”**

There was nothing phoenix-like in my sister’s immolation. Just the scent of charred skin, unbearable heat, the inharmonious sound of her last, grief-raw scream as she evaporated, leaving glass footprints seared into the desert sand.

If my parents were still alive—although they are, probably, in some iteration of the universe; maybe even this one—they would tell me that it wasn’t my fault, that no one could have seen it coming. That she did this to herself. But that kind of blame doesn’t suit me. Besides, they had always been exceptionally blind to matters regarding Melanie. They didn’t even notice when the two of us would take to the sky together, Melanie blowing currents back and forth beneath our bodies, weaving thermals like daisy chains. We used to make sparks dance at the table, and our mom never said a word about it, except that it was rude to do things that other people couldn’t in front of them, and also that we needed to learn to talk to people other than each other.

Melanie was better at everything than I was, the stormy bit and the talking bit both. She could split the horizon in two if she wanted, opening it at the seams as deftly as a tailor, and make the lightning curl catlike at her wrist and purr for her. She could do that with people too; Mel glowed, soft, luminescent. It was hard to look away from her, and so easy to disappear into her shadow.

But when things got too bad to ignore, the air in the house dark and crackling with ugly energy like the sky before a monsoon, she dug in and refused to leave. I was the one who abandoned our coast for another, promising I’d be back soon. And then I was the one who stayed away.

The day my sister ended the world, the sky opened up in rain for the first time in years, flooding the desert wash behind our house. The snakes drowned in their holes and the javelinas stampeded downstream, but the water overtook them, and the air filled with their screaming as they were swept away.

I'd tried to take a taxi home, but the roads disappeared in the flash flood, so I struggled out of the swamped cab and slogged the last two miles.

Melanie was outside, a small, dry figure in front of the ruined shell of our parents' house. She wore the only dress she had left—the rest our mother had burned when she'd found them. The rain bent around my sister in a bell shape, and electricity danced in her hands, growing bigger and bigger like a ravenous cat's cradle. Some time ago, lightning had shattered the cacti in the yard, splitting them in two and searing them bone-bare. Only their blackened skeletons were left, clawing upward out of the water like accusing fingers.

I know she felt me coming. Maybe it was a tremble in the dry ground beneath her feet, or a ripple of energy through the water that crashed around my waist. She glanced up, her eyes wide, bruised circles.

I remember that I yelled something at her. That time around, it could have been her name. It could have been a plea, begging her not to do what I could see was about to happen. Or maybe it was just “What the fuck do you think you're doing?”

The world hiccupped, warping violet, legs of electricity touching down around me, biting at my hair, singeing anything still alive beneath the water. I barely felt it.

“Why did you come back?” were the last words she said to me before she went up in flames, taking the rest of the universe with her.

It was simple, Melanie had once told me. “Here, Hannah. Pay attention, and I'll teach you how the future works.”

She drew the picture for me in the air, a map of sparkling futures, constants, and variables; closed circuits of possibilities looped together, arcing from one timeline to another. I saw and understood; but more than that, for the first time, I saw her power as a single, mutable shape.

“That's beautiful,” I said.

“Isn't it?” Melanie traced the air with her finger, tapping a single glowing point. “Look, that's us. And here's what could happen, depending on . . . well, depending on a lot of things.”

Options chained like lightning strikes before my eyes, possibilities growing legs like sentient things. “If it’s that easy, why don’t you change it?” I blurted out. “Shape it to make it better for us, I mean.”

Her eyes slid away from me. “It’s not that easy to get it right,” she said.

The day my sister ended the world, I was on a plane home for the first time in years. I’d managed to sleep most of the way, which was unusual, and I woke up as the plane was descending, a faint popping in my ears. It was sunset, and the flat, highway-veined city was just beginning to glimmer with electric light, civilization pulsing across the ground in arteries, in fractals.

But the beauty was lost on me. The clouds outside felt heavy, and my heart wouldn’t stop drumming in my chest. Something was wrong, but I didn’t know what.

I felt like I’d seen this before.

Time stuttered, and outside, it began to rain.

If I could knit you a crown of potential futures like the daisies you braided together for me when we were young, I would.

None of them would end with you burning to death at the edge of our property, beaten senseless in the wash behind the house by drunken college boys, slowly cut to pieces at home by parents who wanted you only in one shape, the one crafted in their image.

I would give you only the best things. The kindness you deserved, the body you wanted, a way out that didn’t end with the horizon line ripped open, possibilities pouring out like loose stuffing, my world shrieking to a halt.

I would have fixed everything.

The day my sister—

No.

The day I ended the world, the very first time, my plane touched down early and I sprinted to catch a cab before the impending monsoon swept the city. This time around, I made it four miles from the house before a six-car pileup—tires slick, drivers

panicked in the storm—stopped traffic entirely. It took everything in me not to shunt the water aside in front of everyone else, to stumble into neck-deep currents and anchor my feet to the asphalt below. It took forever to get home, and when I did, Melanie was not there.

An hour later, my sister's body floated up in the new river behind our house, covered in bruises, red plastic cups bumping at her bare feet, and lightning spiked white-hot through my chest, searing the ground of my heart into a desert. All I could see were cities burning, houses shelled, every regret and act of cowardice twisting through me into blinding rage.

And in that moment, perfect power was bright in front of me, a seam in space, in time, across myriad axes. I stretched out and grabbed it, and split the world in two. Its ribs reached out to me, and I reached back.

“You can't change this, Hannah,” my sister's ghost said as I tore the sky apart, shredding the fabric of air, of cloud, of matter and possibility. The lightning danced for me now, bent and buckled for me the way it had only done for Melanie before.

*I will, I will. I will fix this.*

“You can't,” my sister said. “It'll end the same way. Differently, but the same.”

“Why?” I screamed.

The world crashed, bowed like wet rice paper, spilled inward. Our parents' house a crater, the flame that was Melanie nowhere on the brightly lit grid of eventualities. No, no, no. Wrong again.

“I never meant to hurt you.” Her ghost sighed as my hands blindly rearranged the components of reality. “I didn't mean for you to see it. This was never about you, Hannah. I wish you'd realize that.”

The week before my sister ended the world, I didn't go home. I stayed in the theater and broke every plate, every mug in the green room, hurling the shards in the faces of every person who'd come to court me. I blinded my agent, I crippled my director, I hamstrung the rest of the actors with porcelain shrapnel. Gale-force winds whipped

around me, a crushing power at my back, the storm building behind my pulsing temples, and I blew out into the city, heading downtown.

At Melanie's favorite bakery, where we'd ordered donuts as big as our heads the last time she'd come to visit, I ripped the boards out of the floor one by one, sending them flying through shattered windows. Icing splattered, electricity scorched wood and sugar alike; the scent of ozone was ripe and acrid in the air.

"Hannah," said my sister's reflection in the glass pieces on the floor. The gentle weight of her phantom hand on my shoulder burned, and time tugged at me again. "That's enough."

The blame circles back, hungry, and I recognize my own voice hissing from its mouth. *Your fault, Hannah. All your fault. You could have stopped this, but you were blinded by your own ambition, your own selfishness; you let the haze of the city—the toxic glamour and crystalline cold—seduce you away from the people you love.* And it was true. Even once in flight, the taste of glory lingered on my tongue the whole way home, sharp in the stale cabin air.

But Melanie and I had talked, we'd Skyped. Even if it had been through the computer screen, why hadn't I seen the storms at home crackling on the horizon, their dying sparks reflected in my sister's eyes?

"You're being selfish," my sister's latest iteration said as I whipped the storm into a dark frenzy over the barren mountains. I couldn't remember if the body in the wash this time was hers, or if that was a memory by now. "Hurting yourself over this is just a way of trying to get control over something that was never in your—"

*Shut up. Shut*

"—something that was never *yours* to control—"

*up. Shut up.*

The world ended with a bang, folding in on itself, the lines of the horizon collapsing like soaked origami. Our parents' house turned to glass, to fire, to energy sparking ripe and rich for the taking. I drained it, pulling it deep into myself until the house was

empty, our parents gone. And then there was nothing but me and my sister, her imprint, her echo.

Melanie's ghost sighed. "I expected better of you," she said.

The void roared back to life, and tossed me out again.

So back to the city again, rewound further this time. Back, past the donut shop, windows never scorched, pastries never eaten. This time I didn't break anything. I went to auditions, cooked rice and fried eggs for dinner, and worked until my muscles screamed for me to stop, then worked more. For a week, I didn't speak unless I was using someone else's words.

The night before boarding the plane, I found myself whispering my secrets into the frigid night air, combing the space between skyscrapers with my tongue.

The city madness was getting to me.

I passed through the same airports like a shade, the route now familiar as the curve of my sleeping cheek in my weary palm.

I did everything right that time, and arrived home to find that the thunderstorm had demolished the airport, preventing anyone from landing.

The next time, I ended the world by myself, during a power outage. Life blinked out, softly, and screamed back into being.

The void spit the kitchen knife out at my feet, onto the floor of my Bushwick apartment, a taunt echoed in my perfect, intact wrists.

*You selfish bitch.*

The cycle remained unbroken. Gentle sparks kissed my hands in the dark, glinting off of the blade. My blood roared in my ears.

Again, then.

I reoriented the knife.

"Hannah. How many people are you going to destroy before you give up on me?"

Five times, five lines, lead and edges and crushed pills all yanked out of me, spit back further and further each time. I lined them up on my windowsill like the rejected possibilities they were, and let time spool itself out.

*Not my fault, not my fault.* I'd tried so hard, first to knit the cycle closed and then to slash it to pieces. But still the end danced away from me, the world bleeding into its next cycle.

“What the hell are you doing?” said my roommate for the fifth time, leaning against the doorframe as he did in every iteration. My sullen eyes saw his every possibility splayed out before me like a fall of cards: roommate disappearing into the bathroom to find his medications gone; roommate leaving for work and returning too late; roommate blackened and burned as the apartment went up in smoke; roommate helping me into bed and turning the light off before heading back into the kitchen to bundle up all of the knives.

“Thinking,” I croaked. My hands itched with electricity, sparks I couldn't control dancing across my fingers.

“You and your weird sleight of hand shit.” He sighed and tossed me my iPhone. “Your phone is ringing.”

It took me a second to realize that the stupid anime song filtering out of the speakers was the one that Melanie liked, my ringtone for the home landline. But it wasn't her on the phone. It was my mother, who told me that Melanie had drowned in the pool in the backyard during a freak rainstorm, one that had ruptured from an empty sky. My heartbeat slowed, each second syrup-thick.

“But I thought I had more time,” I whispered into the phone. It was true, I was supposed to have a few more days to think of things, to fix them—

“No one knows when God will take us home,” said my mother. “He's in the Lord's hands. Always has been.”

In my grief, I'd nearly forgotten about my sister, and in my absence, my apocalypse had shifted course without me.

The world ended anew with a shuddering sob, and I hit the ground running. This time, I touched down two weeks, two agonizing weeks, before I would board my plane, and the first thing I did was book an immediate red-eye home, hoping that if I got there early, I wouldn't be too late.

Wrong, wrong, wrong.

“What's life like in the city?” Melanie had asked me when she'd come to visit me, the spring before she died. I'd holed up in my dorm room to practice monologues for my senior showcase until my lungs burned, which probably meant I hadn't been breathing properly anyhow, and Melanie had demanded that we go outside. We'd gone downtown, where well-dressed students and decently-dressed visitors crawled the streets, looking for artisanal french fries. We'd settled in a donut shop about as big as Melanie's closet back home and were crunched up, knees to chests, on the inside windowsill.

She'd looked good, wearing the pale pink sweater I'd secretly sent her for her birthday, fingernails painted the way they never could be at home. But she'd also looked so tired, sallow almost, her face lined with the weight of our parents' words.

All the things that my friends expected me to say—*the city's great, it's exciting, I'm so lucky to live here, I love it*—flashed through my head. So did the things I'd never told anyone, that I couldn't tell anyone, because they wouldn't want to hear it. How the loneliness was crippling; how I'd been fired from three part-time jobs by now; how every day, on my way to class, I walked past the same madman in the tunnel moaning for Jesus, a mess of languages spilling from his bloody lips, past a banner ad that read: GET AWAY WITHOUT LEAVING NEW YORK.

“It's different,” I'd said at last. *I don't know who I am without you*, I didn't say.

“I understand,” Melanie had replied. I could tell that she did.

I have followed the path back, again and again, to that first stream of possibility. The events lined up so neatly that I could do them in my sleep, and sometimes did. They

always led back to the desert monsoon, slogging through the water, my sister disappearing in a pillar of flame.

*Why didn't you want me there to help you? I wanted to ask. If you were this far gone, why didn't you ask me to come home?* I never got close enough to reach her through the wet-dust wind that snarled and roared around us, snatching my voice away.

There are timelines I don't think about.

There is a timeline where the power never touches me, where I make it home in time for the party at the neighbor's house, where a college boy's hands are around my throat, not my sister's, my legs kicking around his waist. Melanie scorches him to pieces, blackens him, shatters the boulders in the wash, and howls until her voice bleeds. Her tears fall into my eyes, sizzling and evaporating on contact, as the sky yawns above us, hungry, broken.

There are others, too, reaching back further along the daisy chain, when we were younger: slipping on ice, light cracking hard through my head; the agonizing sting of a scorpion on my arm, the stiffening of limbs, sudden tightness in my chest; Melanie in a dress for the first time, sobbing as our father screamed at her.

And forward, along the lines that branch out, fuzzing the borders of the future's shape: knives, dented, rejected by my gut; police sirens wailing, gunshots ringing into the crater where my city used to be, the scent of burnt sugar; a plane that never lands safely, erupting into flame on the runway.

I only remember these as faint echoes, like a story someone told me once but whose details I've forgotten. Did they happen? Yes. No. The chain frays, spreads out like roots, possibilities endless.

*I'm sorry, I'm sorry, I'm sorry.*

When Melanie and I were little, we'd lie on the carpet in the winter and warm our soggy feet by the radiator. This was when we still had a bad habit of jumping into snowbanks, exasperating our mom to no end. Melanie had just begun to learn how to melt shapes in the snow, the finest spark at the end of her index finger.

“I wonder why we can do these things,” Melanie had said, closing her fist around the lightning glinting across her palm.

I grinned at her, reaching out to catch a bit of stray static dancing down her arm. “Dunno. Don’t you think it’s cool to be special? It’s the one thing no one else can do but us.”

She wagged a foot at the radiator. “It’s kind of lonely, though.”

“At least you have me.”

“I guess so,” she said. “That’s better than nothing.”

I tackled her to the ground and we spent the next ten minutes hitting each other with stuffed animals.

My sister always dies before the world ends.

The sky is marred with the scars of my efforts, and I am so, so tired. The storm hums in my veins, one more cycle in many. I can’t count them anymore, numbers constantly in flux, ticking higher with each potential breath.

I wonder if this is what Melanie felt like every day of her life, so ripe with power, always at the precipice, always afraid to push in fear of making things worse.

This time around, I’m on the floor of my apartment, staring at my cell phone in my hand. My roommate is out and I’ve already missed my flight home. I let it pass, money evaporating into the void, meaningless.

Somewhere in the southwest, Melanie is walking out of the house, or is about to, her heart roaring with wildfire, lonely, alone. The sparks dance purple in her hands, lightning like veins through her arms.

*You can’t fix this. It was never yours to control.*

But my hands fumble over the touch screen, thumbs sliding wet over her face on the contact screen. She’s programmed in the same stupid anime ringtone I have on my phone, and it jingles inanelly, all synthetic voices and pre-ordained sound.

I wait, mouth dry, my body shaking like the sky above the Mojave before it rains. Painted in brilliant, feverish strokes in my head, the daisy chain grows.

## Anexo II – “Hungry Daughters of Starving Mothers”

As my date—Harvey? Harvard?—brags about his alma mater and Manhattan penthouse, I take a bite of overpriced kale and watch his ugly thoughts swirl overhead. It’s hard to pay attention to him with my stomach growling and my body ajitter, for all he’s easy on the eyes. Harvey doesn’t look much older than I am, but his thoughts, covered in spines and centipede feet, glisten with ancient grudges and carry an entitled, Ivy League stink.

“My apartment has the most amazing view of the city,” he’s saying, his thoughts sliding long over each other like dark, bristling snakes. Each one is as thick around as his Rolex-draped wrist. “I just installed a Jacuzzi along the west wall so that I can watch the sun set while I relax after getting back from the gym.”

I nod, half-listening to the words coming out of his mouth. I’m much more interested in the ones hissing through the teeth of the thoughts above him.

*She’s got perfect tits, lil’ handfuls just waiting to be squeezed. I love me some perky tits.*

*I’m gonna fuck this bitch so hard she’ll never walk straight again.*

Gross. “That sounds wonderful,” I say as I sip champagne and gaze at him through my false eyelashes, hoping the dimmed screen of my iPhone isn’t visible through the tablecloth below. This dude is boring as hell, and I’m already back on Tindr, thumbing through next week’s prospective dinner dates.

*She’s so into me, she’ll be begging for it by the end of the night.*

*I can’t wait to cut her up.*

My eyes flick up sharply. “I’m sorry?” I say.

Harvey blinks. “I said, Argentina is a beautiful country.”

*Pretty little thing. She’ll look so good spread out all over the floor.*

“Right,” I say. “Of course.” Blood’s pulsing through my head so hard it probably looks like I’ve got a wicked blush.

*I’m so excited, I’m half hard already.*

*You and me both, I think, turning my iPhone off and smiling my prettiest smile.*

The waiter swings by with another bottle of champagne and a dessert menu burned into a wooden card, but I wave him off. “Dinner’s been lovely,” I whisper to Harvey, leaning in and kissing his cheek, “but I’ve got a different kind of dessert in mind.”

*Ahhh, go the ugly thoughts, settling into a gentle, rippling wave across his shoulders. I’m going to take her home and split her all the way from top to bottom. Like a fucking fruit tart.*

That is not the way I normally eat fruit tarts, but who am I to judge? I passed on dessert, after all.

When he pays the bill, he can’t stop grinning at me. Neither can the ugly thoughts hissing and cackling behind his ear.

“What’s got you so happy?” I ask coyly.

“I’m just excited to spend the rest of the evening with you,” he replies.

••••

The fucker has his own parking spot! No taxis for us; he’s even brought the Tesla. The leather seats smell buttery and sweet, and as I slide in and make myself comfortable, the rankness of his thoughts leaves a stain in the air. It’s enough to leave me light-headed, almost purring. As we cruise uptown toward his fancy-ass penthouse, I ask him to pull over near the Queensboro Bridge for a second.

Annoyance flashes across his face, but he parks the Tesla in a side street. I lurch into an alley, tottering over empty cans and discarded cigarettes in my four-inch heels, and puke a trail of champagne and kale over to the dumpster shoved up against the apartment building.

“Are you all right?” Harvey calls.

“I’m fine,” I slur. Not a single curious window opens overhead.

His steps echo down the alley. He’s gotten out of the car, and he’s walking toward me like I’m an animal that he needs to approach carefully.

*Maybe I should do it now.*

*Yes! Now, now, while the bitch is occupied.*

*But what about the method? I won’t get to see her insides all pretty everywhere—*

I launch myself at him, fingers digging sharp into his body, and bite down hard on his mouth. He tries to shout, but I swallow the sound and shove my tongue inside. There, just behind his teeth, is what I'm looking for: ugly thoughts, viscous as boiled tendon. I suck them howling and fighting into my throat as Harvey's body shudders, little mewling noises escaping from his nose.

I feel decadent and filthy, swollen with the cruelest dreams I've ever tasted. I can barely feel Harvey's feeble struggles; in this state, with the darkest parts of himself drained from his mouth into mine, he's no match for me.

They're never as strong as they think they are.

By the time he finally goes limp, the last of the thoughts disappearing down my throat, my body's already changing. My limbs elongate, growing thicker, and my dress feels too tight as my ribs expand. I'll have to work quickly. I strip off my clothes with practiced ease, struggling a little to work the bodice free of the gym-toned musculature swelling under my skin.

It doesn't take much time to wrestle Harvey out of his clothes, either. My hands are shaking but strong, and as I button up his shirt around me and shrug on his jacket, my jaw has creaked into an approximation of his and the ridges of my fingerprints have reshaped themselves completely. Harvey is so much bigger than me, and the expansion of space eases the pressure on my boiling belly, stuffed with ugly thoughts as it is. I stuff my discarded outfit into my purse, my high heels clicking against the empty glass jar at its bottom, and sling the strap over my now-broad shoulder.

I kneel to check Harvey's pulse—slow but steady—before rolling his unconscious body up against the dumpster, covering him with trash bags. Maybe he'll wake up, maybe he won't. Not my problem, as long as he doesn't wake in the next ten seconds to see his doppelganger strolling out of the alley, wearing his clothes and fingering his wallet and the keys to his Tesla.

There's a cluster of drunk college kids gawking at Harvey's car. I level an arrogant stare at them—oh, but do I wear this body so much better than he did!—and they scatter.

I might not have a license, but Harvey's body remembers how to drive.

••••

The Tesla revs sweetly under me, but I ditch it in a parking garage in Bedford, stripping in the relative privacy of the second-to-highest level, edged behind a pillar. After laying the keys on the driver's seat over Harvey's neatly folded clothes and shutting the car door, I pull the glass jar from my purse and vomit into it as quietly as I can. Black liquid, thick and viscous, hits the bottom of the jar, hissing and snarling Harvey's words. My body shudders, limbs retracting, spine reshaping itself, as I empty myself of him.

It takes a few more minutes to ease back into an approximation of myself, at least enough to slip my dress and heels back on, pocket the jar, and comb my tangled hair out with my fingers. The parking attendant nods at me as I walk out of the garage, his eyes sliding disinterested over me, his thoughts a gray, indistinct murmur.

The L train takes me back home to Bushwick, and when I push open the apartment door, Aiko is in the kitchen, rolling mochi paste out on the counter.

"You're here," I say stupidly. I'm still a little foggy from shaking off Harvey's form, and strains of his thoughts linger in me, setting my blood humming uncomfortably hot.

"I'd hope so. You invited me over." She hasn't changed out of her catering company clothes, and her short, sleek hair frames her face, aglow in the kitchen light. Not a single ugly thought casts its shadow across the stove behind her. "Did you forget again?"

"No," I lie, kicking my shoes off at the door. "I totally would never do something like that. Have you been here long?"

"About an hour, nothing unusual. The doorman let me in, and I kept your spare key." She smiles briefly, soft compared to the brusque movements of her hands. She's got flour on her rolled-up sleeves, and my heart flutters the way it never does when I'm out hunting. "I'm guessing your date was pretty shit. You probably wouldn't have come home at all if it had gone well."

"You could say that." I reach into my purse and stash the snarling jar in the fridge, where it clatters against the others, nearly a dozen bottles of malignant leftovers labeled as health drinks.

Aiko nods to her right. "I brought you some pastries from the event tonight. They're in the paper bag on the counter."

“You’re an angel.” I edge past her so I don’t make bodily contact. Aiko thinks I have touch issues, but the truth is, she smells like everything good in the world, solid and familiar, both light and heavy at the same time, and it’s enough to drive a person mad.

“He should have bought you a cab back, at least,” says Aiko, reaching for a bowl of red bean paste. I fiddle with the bag of pastries, pretending to select something from its contents. “I swear, it’s like you’re a magnet for terrible dates.”

She’s not wrong; I’m very careful about who I court. After all, that’s how I stay fed. But no one in the past has been as delicious, as hideously depraved as Harvey. No one else has been a killer.

*I’m going to take her home and split her all the way from top to bottom.*

“Maybe I’m too weird,” I say.

“You’re probably too normal. Only socially maladjusted creeps use Tindr.”

“Gee, thanks,” I complain.

She grins, flicking a bit of red bean paste at me. I lick it off of my arm. “You know what I mean. Come visit my church with me sometime, yeah? There are plenty of nice boys there.”

“The dating scene in this city depresses me,” I mutter, flicking open my Tindr app with my thumb. “I’ll pass.”

“Come on, Jen, put that away.” Aiko hesitates. “Your mom called while you were out. She wants you to move back to Flushing.”

I bark out a short, sharp laugh, my good mood evaporating. “What else is new?”

“She’s getting old,” Aiko says. “And she’s lonely.”

“I bet. All her mahjong partners are dead, pretty much.” I can imagine her in her little apartment in Flushing, huddled over her laptop, floral curtains pulled tight over the windows to shut out the rest of the world. My ma, whose apartment walls are alive with hissing, covered in the ugly, bottled remains of her paramours.

Aiko sighs, joining me at the counter and leaning back against me. For once, I don’t move away. Every muscle in my body is tense, straining. I’m afraid I might catch fire, but I don’t want her to leave. “Would it kill you to be kind to her?”

I think about my baba evaporating into thin air when I was five years old, what was left of him coiled in my ma's stomach. "Are you telling me to go back?"

She doesn't say anything for a bit. "No," she says at last. "That place isn't good for you. That house isn't good for anyone."

Just a few inches away, an army of jars full of black, viscous liquid wait in the fridge, their contents muttering to themselves. Aiko can't hear them, but each slosh against the glass is a low, nasty hiss:

*who does she think she is, the fucking cunt*

*should've got her when I had the chance*

I can still feel Harvey, his malice and ugly joy, on my tongue. I'm already full of things my ma gave me. "I'm glad we agree."

• • • •

Over the next few weeks, I gorge myself on the pickup artists and grad students populating the St. Marks hipster bars, but nothing tastes good after Harvey. Their watery essences, squeezed from their owners with barely a whimper of protest, barely coat my stomach. Sometimes I take too much. I scrape them dry and leave them empty, shaking their forms off like rainwater when I'm done.

I tell Aiko I've been partying when she says I look haggard. She tells me to quit drinking so much, her face impassive, her thoughts clouded with concern. She starts coming over more often, even cooking dinner for me, and her presence both grounds me and drives me mad.

"I'm worried about you," she says as I lie on the floor, flipping listlessly through pages of online dating profiles, looking for the emptiness, the rot, that made Harvey so appealing. She's cooking my mom's lo mien recipe, the oily smell making my skin itch. "You've lost so much weight and there's nothing in your fridge, just a bunch of empty jam jars."

I don't tell her that Harvey's lies under my bed, that I lick its remnants every night to send my nerves back into euphoria. I don't tell her how often I dream about my ma's place, the shelves of jars she never let me touch. "Is it really okay for you to spend so much time away from your catering business?" I say instead. "Time is money, and Jimmy gets pissy when he has to make all the desserts without you."

Aiko sets a bowl of lo mein in front of me and joins me on the ground. “There’s nowhere I’d rather be than here,” she says, and a dangerous, luminous sweetness blooms in my chest.

But the hunger grows worse every day, and soon I can’t trust myself around her. I deadbolt the door, and when she stops by my apartment to check on me, I refuse to let her in. Texts light up my phone like a fleet of fireworks as I huddle under a blanket on the other side, my face pressed against the wood, my fingers twitching.

“Please, Jen, I don’t understand,” she says from behind the door. “Did I do something wrong?”

*I can’t wait to cut her up, I think, and hate myself even more.*

By the time Aiko leaves, her footsteps echoing down the hallway, I’ve dug deep gouges in the door’s paint with my nails and teeth, my mouth full of her intoxicating scent.

• • • •

My ma’s apartment in Flushing still smells the same. She’s never been a clean person, and the sheer amount of junk stacked up everywhere has increased since I left home for good. Piles of newspapers, old food containers, and stuffed toys make it hard to push the door open, and the stench makes me cough. Her hoard is up to my shoulders, even higher in some places, and as I pick my way through it, the sounds that colored my childhood grow louder: the constant whine of a Taiwanese soap opera bleeding past mountains of trash, and the cruel cacophony of many familiar voices:

*Touch me again and I swear I’ll kill you—*

*How many times have I told you not to wash the clothes like that, open your mouth—*

*Hope her ugly chink daughter isn’t home tonight—*

Under the refuse she’s hoarded the walls are honeycombed with shelves, lined with what’s left of my ma’s lovers. She keeps them like disgusting, mouthwatering trophies, desires pickling in stomach acid and bile. I could probably call them by name if I wanted to; when I was a kid, I used to lie on the couch and watch my baba’s ghost flicker across their surfaces.

My ma’s huddled in the kitchen, the screen of her laptop casting a sickly blue glow on her face. Her thoughts cover her quietly like a blanket. “I made some niu ro mien,” she says. “It’s on the stove. Your baba’s in there.”

My stomach curls, but whether it's from revulsion or hunger I can't tell. "Thanks, ma," I say. I find a bowl that's almost clean and wash it out, ladling a generous portion of thick noodles for myself. The broth smells faintly of hongtashan tobacco, and as I force it down almost faster than I can swallow, someone else's memories of my childhood flash before my eyes: pushing a small girl on a swing set at the park; laughing as she chases pigeons down the street; raising a hand for a second blow as her mother launches herself toward us, between us, teeth bared—

"How is it?" she says.

*Foul.* "Great," I say. It settles my stomach, at least for a little while. But my baba was no Harvey, and I can already feel the hunger creeping back, waiting for the perfect moment to strike.

"You ate something you shouldn't have, didn't you, Meimei." My ma looks up at me for the first time since I walked in, and she looks almost as tired as I feel. "Why didn't you learn from me? I taught you to stick to petty criminals. I taught you to stay invisible."

She'd tried to teach me to disappear into myself, the way she'd disappeared into this apartment. "I know I messed up," I tell her. "Nothing tastes good any more, and I'm always hungry. But I don't know what to do."

My ma sighs. "Once you've tasted a killer, there's no turning back. You'll crave that intensity until you die. And it can take a long time for someone like us to die, Meimei."

It occurs to me that I don't actually know how old my ma is. Her thoughts are old and covered in knots, stitched together from the remnants of other people's experiences. How long has she been fighting this condition, these overwhelming, gnawing desires?

"Move back in," she's saying. "There's so much tong activity here, the streets leak with food. You barely even have to go outside, just crack open a window and you can smell it brewing. The malice, the knives and bullets..."

The picture she paints makes me shudder, my mouth itching. "I can't just leave everything, Ma," I say. "I have my own life now." And I can't live in this apartment, with its lack of sunlight and fresh air, its thick stench of regret and malice.

"So what happens if you go back? You lose control, you take a bite out of Aiko?" She sees me stiffen. "That girl cares about you so much. The best thing you can do for her

is keep away. Don't let what happened to your father happen to Aiko." She reaches for my hand, and I pull away. "Stay here, Meimei. We only have each other."

"This isn't what I want." I'm backing up, and my shoulder bumps into the trash, threatening to bury us both in rotting stuffed animals. "This isn't *safe*, Ma. You shouldn't even stay here."

My ma coughs, her eyes glinting in the dark. The cackling from her jar collection swells in a vicious tide, former lovers rocking back and forth on their shelves. "Someday you'll learn that there's more to life than being selfish, Meimei."

That's when I turn my back on her, pushing past the debris and bullshit her apartment's stuffed with. I don't want to die, but as far as I'm concerned, living like my ma, sequestered away from the rest of the world, her doors barricaded with heaps of useless trinkets and soured memories, is worse than being dead.

The jars leer and cackle as I go, and she doesn't try to follow me.

The scent of Flushing clings to my skin, and I can't wait to shake it off. I get on the train as soon as I can, and I'm back on Tindr as soon as the M passes above ground. Tears blur my eyes, rattling free with the movement of the train. I scrub them away angrily, and when my vision clears, I glance back at the screen. A woman with sleek, dark hair, slim tortoiseshell glasses, and a smile that seems a little shy, but strangely handsome, glows up at me. In the picture, she's framed by the downtown cityscape. She has rounded cheeks, but there's a strange flat quality to her face. And then, of course, there are the dreams shadowing her, so strong they leak from the screen in a thick, heady miasma. Every one of those myriad eyes is staring straight at me, and my skin prickles.

I scan the information on her profile page, my blood beating so hard I can feel my fingertips pulsing: relatively young-looking, but old enough to be my mother's cousin. Likes: exploring good food, spending rainy days at the Cloisters, browsing used book stores. Location: Manhattan.

She looks a little like Aiko.

She's quick to message me back. As we flirt, cold sweat and adrenaline send uncomfortable shivers through my body. Everything is sharper, and I can almost hear Harvey's jar laughing. Finally, the words I'm waiting for pop up:

*I'd love to meet you. Are you free tonight?*

I make a quick stop-off back home, and my heart hammers as I get on the train bound for the Lower East Side, red lipstick immaculate and arms shaking beneath my crisp designer coat, a pair of Mom's glass jars tucked in my purse.

• • • •

Her name is Seo-yun, and as she watches me eat, her eyes flickering from my mouth to my throat, her smile is so sharp I could cut myself on it. "I love places like this," she says. "Little authentic spots with only twelve seats. Have you been to Haru before?"

"I haven't," I murmur. My fingers are clumsy with my chopsticks, tremors clicking them together, making it hard to pick up my food. God, she smells delectable. I've never met someone whose mind is so twisted, so rich; a malignancy as well developed and finely crafted as the most elegant dessert.

*I'm going to take her home and split her open like a—*

I can already taste her on my tongue, the best meal I've never had.

"You're in for a treat," Seo-yun says as the waiter—the only other staff beside the chef behind the counter—brings us another pot of tea. "This restaurant started as a stall in a subway station back in Japan."

"Oh wow," I say. "That's... amazing."

"I think so, too. I'm glad they expanded into Manhattan."

Behind her kind eyes, a gnarled mess of ancient, ugly thoughts writhes like the tails of a rat king. I've never seen so many in one place. They crawl from her mouth and ears, creeping through the air on deep-scaled legs, their voices like the drone of descending locusts.

I'm not her first. I can tell that already. But then, she isn't mine, either.

I spend the evening sweating through my dress, nearly dropping my chopsticks. I can't stop staring at the ugly thoughts, dropping from her lips like swollen beetles. They skitter over the tablecloth toward me, whispering obscenities at odds with Seo-yun's gentle voice, hissing what they'd like to do to me. It takes everything in me not to pluck them from the table and crunch them deep between my teeth right then and there, to pour into her lap and rip her mind clean.

Seo-yun is too much for me, but I'm in too far, too hard; I *need* to have her.

She smiles at me. "Not hungry?"

I glance down at my plate. I've barely managed a couple of nigiri. "I'm on a diet," I mutter.

"I understand," she says earnestly. The ugly thoughts crawl over the tops of her hands, iridescent drops spilling into her soy sauce dish.

When the waiter finally disappears into the kitchen, I move in to kiss her across the table. She makes a startled noise, gentle pink spreading across her face, but she doesn't pull away. My elbow sinks into the exoskeleton of one of the thought-beetles, crushing it into black, moist paste against my skin.

I open my mouth to take the first bite.

"So, I'm curious," murmurs Seo-yun, her breath brushing my lips. "Who's Aiko?"

My eyes snap open. Seo-yun smiles, her voice warm and tender, all her edges dark. "She seems sweet, that's all. I'm surprised you haven't had a taste of her yet."

I back up so fast that I knock over my teacup, spilling scalding tea over everything. But Seo-yun doesn't move, just keeps smiling that kind, gentle smile as her monstrous thoughts lap delicately at the tablecloth.

"She smells so ripe," she whispers. "But you're afraid you'll ruin her, aren't you? Eat her up, and for what? Just like your mum did your dad."

No, no, no. I've miscalculated so badly. But I'm so hungry, and I'm too young, and she smells like ancient power. There's no way I'll be able to outrun her. "Get out of my head," I manage to say.

"I'm not in your head, love. Your thoughts are spilling out everywhere around you, for everyone to see." She leans in, propping her chin on her hand. The thoughts twisted around her head like a living crown let out a dry, rattling laugh. "I like you, Jenny. You're ambitious. A little careless, but we can fix that." Seo-yun taps on the table, and the waiter reappears, folding up the tablecloth deftly and sliding a single dish onto the now-bare table. An array of thin, translucent slices fan out across the plate, pale and glistening with malice. Bisected eyes glint, mouths caught mid-snarl, from every piece. "All it takes is a little practice and discipline, and no one will know what you're really thinking."

“On the house, of course, Ma’am,” the waiter murmurs. Before he disappears again, I catch a glimpse of dark, many-legged thoughts braided like a bracelet around his wrist. Seo-yun takes the first bite, glancing up at me from behind her glasses. “Your mum was wrong,” she says. “She thought you were alone, just the two of you. So she taught you to only eat when you needed to, so you didn’t get caught, biding your time between meals like a snake.”

“You don’t know anything about me,” I say. The heady, rotten perfume from the dish in front of me makes my head spin with hunger.

“My mum was much the same. Eat for survival, not for pleasure.” She gestures at the plate with her chopsticks. “Please, have some.”

As the food disappears, I can only hold out for a few more slices before my chopsticks dart out, catching a piece for myself. It’s so acidic it makes my tongue burn and eyes itch, the aftertaste strangely sweet.

“Do you like it?”

I respond by wolfing down another two slices, and Seo-yun chuckles. Harvey is bland compared to this, this strangely distilled pairing of emotions—

I gasp as my body starts to warp, hands withering, burn scars twisting their way around my arms. Gasoline, malice, childish joy rush through me, a heady mix of memory and sensory overstimulation. And then Seo-yun’s lips are on mine, teeth tugging gently, swallowing, drawing it out of me. The burns fade, but the tingle of cruel euphoria lingers.

She wipes her mouth delicately. “Ate a little too fast, I think, dear,” she says. “My point, Jenny, is that I believe in eating for pleasure, not just survival. And communally, of course. There are a number of us who get together for dinner or drinks at my place, every so often, and I would love it if you would join us tonight. An eating club, of sorts.”

My gaze flickers up at her thoughts, but they’re sitting still as stones, just watching me with unblinking eyes. My mouth stings with the imprint of hers.

“Let me introduce you soon. You don’t have to be alone anymore.” As the waiter clears the plate and nods at her—no check, no receipt, nothing—Seo-yun adds, “And tonight doesn’t have to be over until we want it to be.” She offers me her hand. After a moment’s hesitation, I take it. It’s smaller than mine, and warm.

“Yes, please,” I say, watching her thoughts instead of her face.

As we leave the restaurant, she presses her lips to my forehead. Her lips sear into my skin, nerves singing white-hot with ecstasy. “They’re going to love you,” she says.

*We’ll have so much fun*, say the thoughts curling through her dark hair.

She hails a cab from the fleet circling the street like wolves, and we get inside.

• • • •

I run into Aiko two months later in front of my apartment, as I’m carrying the last box of my stuff out. She’s got a startled look on her face, and she’s carrying a bag stuffed with ramps, kaffir lime, heart of palm—all ingredients I wouldn’t have known two months ago, before meeting Seo-yun. “You’re moving?”

I shrug, staring over her head, avoiding her eyes. “Yeah, uh. I’m seeing someone now, and she’s got a really nice place.”

“Oh.” She swallows, shifts the bag of groceries higher on her hip. “That’s great. I didn’t know you were dating anybody.” I can hear her shaky smile. “She must be feeding you well. You look healthier.”

“Thanks,” I say, though I wonder. It’s true, I’m sleeker, more confident now. I’m barely home any more, spending most of my time in Seo-yun’s Chelsea apartment, learning to cook with the array of salts and spices infused with ugly dreams, drinking wine distilled from deathbed confessions. My time stalking the streets for small-time criminals is done. But why has my confidence evaporated the moment I see Aiko? And if that ravenous hunger from Harvey is gone, why am I holding my breath to keep from breathing in her scent?

“So what’s she like?”

“Older, kind of—” *kind of looks like you* “—short. Likes to cook, right.” I start to edge past her. “Listen, this box is heavy and the van’s waiting for me downstairs. I should go.”

“Wait,” Aiko says, grabbing my arm. “Your mom keeps calling me. She still has my number from . . . before. She’s worried about you. Plus I haven’t seen you in ages, and you’re just gonna take off?”

Aiko, small and humble. Her hands smell like home, like rice flour and bad memories. How could I ever have found that appealing?

“We don’t need to say goodbye. I’m sure I’ll see you later,” I lie, shrugging her off.

“Let’s get dinner sometime,” says Aiko, but I’m already walking away.

••••

Caterers flit like blackbirds through the apartment, dark uniforms neatly pressed, their own ugly thoughts braided and pinned out of the way. It’s a two-story affair, and well-dressed people flock together everywhere there’s space, Seo-yun’s library upstairs to the living room on ground floor. She’s even asked the caterers to prepare some of my recipes, which makes my heart glow. “You’re the best,” I say, kneeling on the bed beside her and pecking her on the cheek.

Seo-yun smiles, fixing my hair. She wears a sleek, deep blue dress, and today, her murderous thoughts are draped over her shoulders like a stole, a living, writhing cape. Their teeth glitter like tiny diamonds. I’ve never seen her so beautiful. “They’re good recipes. My friends will be so excited to taste them.”

I’ve already met many of them, all much older than I am. They make me nervous. “I’ll go check on the food,” I say.

She brushes her thumb over my cheek. “Whatever you’d like, love.”

I escape into the kitchen, murmuring brief greetings to the guests I encounter on the way. Their hideous dreams adorn them like jewels, glimmering and snatching at me as I slip past. As I walk past some of the cooks, I notice a man who looks vaguely familiar. “Hey,” I say.

“Yes, ma’am?” The caterer turns around, and I realize where I’ve seen him; there’s a picture of him and Aiko on her cellphone, the pair of them posing in front of a display at a big event they’d cooked for. My heartbeat slows.

“Aren’t you Aiko’s coworker?”

He grins and nods. “Yes, I’m Jimmy. Aiko’s my business partner. Are you looking for her?”

“Wait, she’s here?”

He frowns. “She should be. She never misses one of Ms. Sun’s parties.” He smiles. “Ms. Sun lets us take home whatever’s left when the party winds down. She’s so generous.”

I turn abruptly and head for the staircase to the bedroom, shouldering my way through the crowd. Thoughts pelt me as I go: Has Aiko known about me, my ma, what we can do? How long has she known? And worse—Seo-yun’s known all along about Aiko, and played me for a fool.

I bang the bedroom door open to find Aiko sprawled out across the carpet, her jacket torn open. Seo-yun crouches on the floor above her in her glorious dress, her mouth dark and glittering. She doesn’t look at all surprised to see me.

“Jenny, love. I hope you don’t mind we started without you.” Seo-yun smiles. Her lipstick is smeared over her chin, over Aiko’s blank face. I can’t tell if Aiko’s still breathing.

“Get away from her,” I say in a low voice.

“As you wish.” She rises gracefully, crossing the room in fluid strides. “I was done with that particular morsel, anyway.” The sounds of the party leak into the room behind me, and I know I can’t run and grab Aiko at the same time.

So I shut the door, locking it, and mellow my voice to a sweet purr. “Why didn’t you tell me about Aiko? We could have shared her together.”

But Seo-yun just laughs at me. “You can’t fool me, Jenny. I can smell your rage from across the room.” She reaches out, catches my face, and I recoil into the door. “It makes you so beautiful. The last seasoning in a dish almost ready.”

“You’re insane, and I’m going to kill you,” I say. She kisses my neck, her teeth scraping my throat, and the scent of her is so heady my knees almost bend.

“I saw you in her head, delicious as anything,” she whispers. Her ugly thoughts hiss up my arms, twining around my waist. There’s a sharp sting at my wrist, and I look down to discover that one of them is already gnawing at my skin. “And I knew I just had to have you.”

There’s a crash, and Seo-yun screams as a porcelain lamp shatters against the back of her head. Aiko’s on her feet, swaying unsteadily, face grim. “Back the fuck away from her,” she growls, her voice barely above a whisper.

“You little bitch—” snarls Seo-yun.

But I seize my chance and pounce, fastening my teeth into the hollow of Seo-yun's throat, right where her mantle of thoughts gathers and folds inward. I chew and swallow, chew and swallow, gorging myself on this woman. Her thoughts are mine now, thrashing as I seize them from her, and I catch glimpses of myself, of Aiko, and of many others just like us, in various states of disarray, of preparation.

Ma once told me that this was how Baba went; she'd accidentally drained him until he'd faded completely out of existence. For the first time in my life, I understand her completely.

Seo-yun's bracelets clatter to the floor, her empty gown fluttering soundlessly after. Aiko collapses too, folding like paper.

It hurts to take in that much. My stomach hurts so bad, my entire body swollen with hideous thoughts. At the same time, I've never felt so alive, abuzz with possibility and untamable rage.

I lurch over to Aiko on the floor, malice leaking from her mouth, staining the carpet. "Aiko, wake up!" But she feels hollow, lighter, empty. She doesn't even smell like herself any more.

A knock at the door jolts me. "Ma'am," says a voice I recognize as the head caterer. "The first of the main courses is ready. Mr. Goldberg wants to know if you'll come down and give a toast."

*Fuck.* "I—" I start to say, but the voice isn't mine. I glance over at the mirror; sure enough, it's Seo-yun staring back at me, her dark, terrible dreams tangled around her body in a knotted mess. "I'll be right there," I say, and lay Aiko gently on the bed. Then I dress and leave, my heart pounding in my mouth.

I walk Seo-yun's shape down the stairs to the dining room, where guests are milling about, plates in hand, and smile Seo-yun's smile. And if I look a little too much like myself, well—according to what I'd seen while swallowing Seo-yun's thoughts, I wouldn't be the first would-be inductee to disappear at a party like this. Someone hands me a glass of wine, and when I take it, my hand doesn't tremble, even though I'm screaming inside.

Fifty pairs of eyes on me, the caterers' glittering cold in the shadows. Do any of them know? Can any of them tell?

“To your continued health, and to a fabulous dinner,” I say, raising my glass. As one, they drink.

••••

Seo-yun’s apartment is dark, cleared of guests and wait staff alike. Every door is locked, every curtain yanked closed.

I’ve pulled every jar, every container, every pot and pan out of the kitchen, and now they cover the floor of the bedroom, trailing into the hallway, down the stairs. Many are full, their malignant contents hissing and whispering hideous promises at me as I stuff my hand in my mouth, retching into the pot in my lap.

Aiko lies on the bed, pale and still. There’s flour and bile on the front of her jacket. “Hang in there,” I whisper, but she doesn’t respond. I swirl the pot, searching its contents for any hint of Aiko, but Seo-yun’s face grins out at me from the patterns of light glimmering across the liquid’s surface. I shove it away from me, spilling some on the carpet.














I grab another one of the myriad crawling thoughts tangled about me, sinking my teeth into its body, tearing it into pieces as it screams and howls terrible promises, promises it won’t be able to keep. I eat it raw, its scales scraping the roof of my mouth, chewing it thoroughly. The more broken down it is, the easier it will be to sort through the pieces that are left when it comes back up.

*How long did you know? Did you always know?*

I’ll find her, I think as viscous black liquid pours from my mouth, over my hands, burning my throat. The field of containers pools around me like a storm of malicious stars, all whispering my name. She’s in here somewhere, I can see her reflection darting across their surfaces. If I have to rip through every piece of Seo-yun I have, from her dreams to the soft, freckled skin wrapped around my body, I will. I’ll wring every vile drop of Seo-yun out of me until I find Aiko, and then I’ll fill her back up, pour her mouth full of herself.

How could I ever forget her? How could I forget her taste, her scent, something as awful and beautiful as home?

### Anexo III – Escala de Beaufort (*Journal of Integrated Coastal Zone Management*)

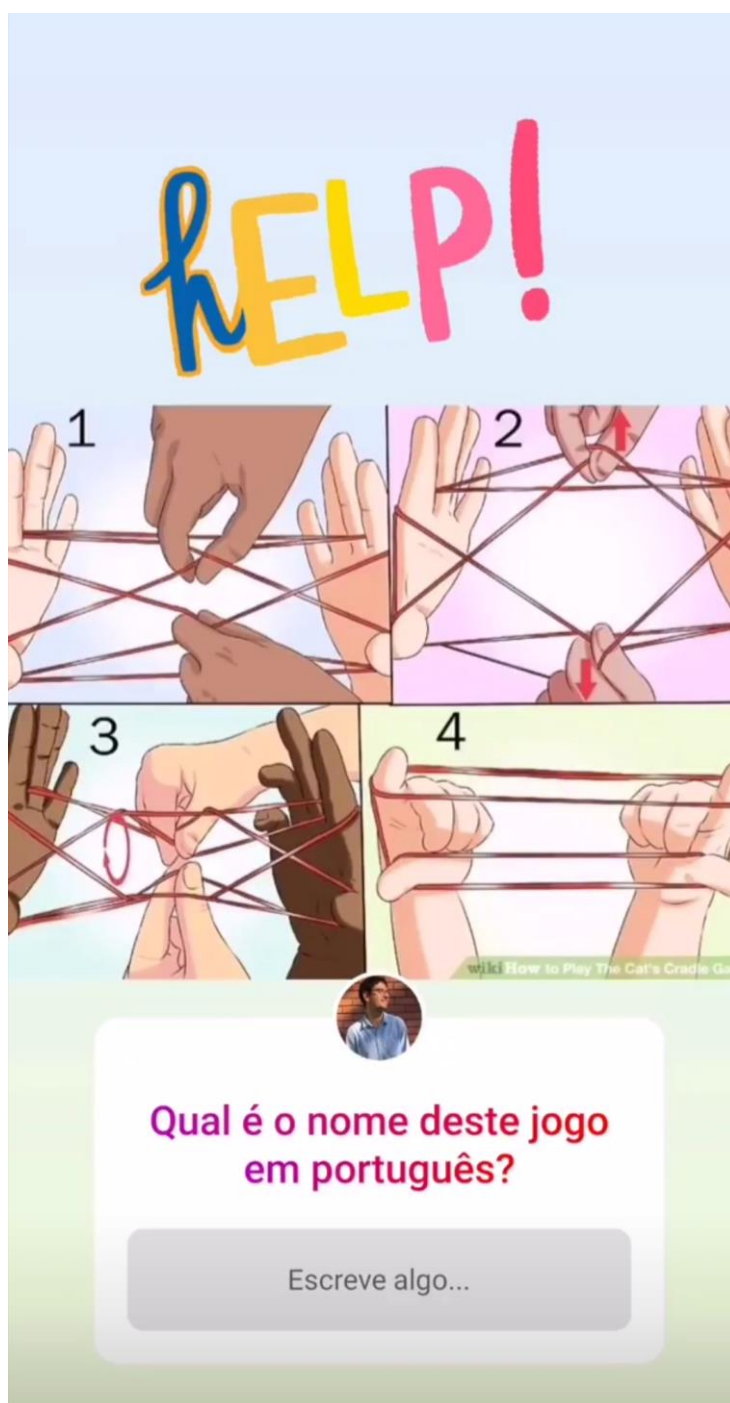
Termos da escala	Velocidade do vento em nós	Descrição	Símbolo meteorológico	Aspecto do mar	Altura da Vaga (metros)
0	0 - 1	Calma		Mar de azeite	0
1	1 - 3	Aragem		Rugas na água em forma de escamas, sem cristas de espuma	0 - 0.10
2	4 - 6	Fraco		Pequenas vagas curtas mas marcadas; cristas translúcidas, mas não rebentam	0.10 - 0.25
3	7 - 10	Bonanzoso		Pequenas vagas mais alongadas, as cristas começam a rebentar, espuma vítrea; alguns carneiros	0.25 - 1.0
4	11 - 16	Moderado		Pequenas vagas alongadas, mais carneirada	1.0 - 1.50
5	17 - 21	V. Fresco		Vagas médias de forma alongada, aumenta a carneirada	1.50 - 2.50
6	22 - 27	Muito Fresco (Frescalhão)		Vagas grandes em formação; cristas espumantes com ronciana	2.50 - 4.0
7	28 - 33	Forte		As vagas acumulam-se a espuma alonga-se em fieiros esbranquiçados na direcção do vento	4.0 - 5.50
8	34 - 40	Muito Forte (Muito Rijo)		Vagas medianamente altas mas compridas; as cristas rebentam em turbilhão, a espuma estende-se em fieiros nítidos na direcção do vento	5.50 - 7.50
9	41 - 47	Tempestuoso		Vagas altas, fieiros densos, o mar enrola, a ronciana diminui, por vezes, a visibilidade	7.5 - 10.0
10	48 - 55	Temporal		Vagas muito altas, de cristas compridas e pendentes, ronciana em lençóis estirados em faixas brancas, superfície da água esbranquiçada, o rolo é violento e caótico, má visibilidade	10.0 - 12.0
11	56 - 63	Temporal Desfeito		Vagas excepcionalmente altas, mar coberto de faixas de espuma, os picos das cristas são poeira de água, má visibilidade	12.0 - 16.0
12	> 64	Furacão		O ar está saturado de espuma e ronciana, mar completamente branco, péssima visibilidade	> 16.0

#### Anexo IV – Escala de Beaufort (Porto Editora)

Escala	Vento	Velocidade média do vento em km/h	Descrição dos efeitos em terra
0	Calma	1	O fumo sobe verticalmente
1	Aragem	3	O fumo indica a direcção do vento
2	Brisa leve	9	Sente-se o vento na face; as folhas das árvores movem-se
3	Brisa bonançosa	16	Folhas e galhos finos em agitação constante
4	Brisa moderada	24	Levanta poeiras e papéis soltos
5	Brisa fresca	34	Agitam-se arbustos com folhas
6	Brisa forte	44	Ramos grandes em movimento
7	Vento moderado	56	Agitam-se árvores inteiras
8	Vento fresco	68	Partem-se pequenos ramos de árvores
9	Vento forte	81	Pequenos estragos em edifícios
10	Temporal	95	Árvores arrancadas
11	Tempestade	110	Estragos generalizados
12	Furacão	Acima de 121	Devastação

## Anexo IV – Pergunta feita através da rede social Instagram

A pergunta abaixo foi feita no dia 30 de janeiro de 2020 e ficou *online* durante as 24h a que corresponde uma história de Instagram.



## Anexo V – Respostas à Pergunta

Abaixo estão as respostas. As caras e nomes das pessoas que responderam foram tapadas, por motivos de confidencialidade. Quando a cor se repete é porque a mesma pessoa respondeu mais do que uma vez.



